

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS



**IDEOFONES EM SANTOME**

Patrícia Pardal da Costa

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor Tjerk Hagemeijer e co-orientada pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria João Freitas, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

2017



*These words are the most graphic in the language, they are the “coloring” words, the stories and common speech of the people are full of them.*

**Whitehead (1899)**

*São Tomé bô tem uns tonte di nôs  
Bô é parte d'nôs estória e nôs dor  
Na bô seiva bô tem Bantu, Criolo e Angolar*

*São Tomé bô tem uns tonte di nôs  
Bô é parte d'nôs estória e nôs dor  
São Tomé na bô vela ta corrê um sô sangue*

*Bô fui lugar di sofrimento, ma ligria bô podê dà  
S'tude bôs fidje bô contemplà  
São Tomé bô tem riqueza*

*Ma fortuna maior é valor e amor di tude bôs fidje  
E sês vontade na vivê d'junto  
Num terrinha ondê verde é mas verde  
São Tomé, São Tomé*

**Cesária Évora**



## AGRADECIMENTOS

Há um ano, preparava-me para iniciar um dos mais estimulantes desafios da minha vida. E muitas foram as pessoas que, direta ou indiretamente, me auxiliaram na prossecução deste trabalho e a quem, por isso, muito agradeço:

Em primeiro lugar, ao professor Tjerk Hagemeyer por ter partilhado, num já longínquo seminário de licenciatura, a especificidade e encanto dos crioulos de base lexical portuguesa e, em especial, do Santome. Mas agradeço, sobretudo, pelos diversos ensinamentos, as palavras encorajadoras, as perspetivas até então para mim obscuras, as críticas e comentários pertinentes e desafiantes.

À professora Maria João Freitas, co-orientadora deste trabalho, por me ter acompanhado desde os primeiros tempos nesta instituição e nesta trajetória, auxiliando-me sempre a redirecionar reflexões e objetivos. Agradeço, pois, por todo o saber, disponibilidade e empatia.

À professora Beatriz Afonso e ao Caustrino Alcântara, o são-tomense mais disponível e certamente mais incrível que alguma vez conhecerei. Sem ele, não teria tido a oportunidade de me cruzar com as muitas pessoas que prontamente me ajudaram a compreender os dados que procurei estudar. Registo, assim, o meu agradecimento a Luciano, Estevão, Antónia, Alberto, Cátia, Aqueleide, Anailda, Lázaro, Plácido, Damião, Genti, Arnaldo, Lázaro dos Reis Francisco, Gregória, Luciano, Manuel, Rufino, Felismina “Menina”, Nélson dos Santos, Agostinho, Adálio “Gordo”, Aires Major, Manuel da Conceição, Avelino Sacramento, Alice, Teresa Ramos, Didi, Arnaldo Boa Morte, Isabel, Rosa, Sílvia, João, Janilson, Cremilde, Arianda, Bibi, Luís, Adália Correia, Nélson Assunção, Diamantina, Petronila e Januário. Ainda em São Tomé, agradeço a simpatia de Marie-Eve Bouchard, que partilhou comigo as alegrias (de entre elas, a Marcha da Liberdade) e as inquietações da estadia e da recolha de dados linguísticos num continente diferente. Todas estas pessoas me transmitiram definitiva e irreversivelmente a *são-tomensidade*.

À Rita Gonçalves, pelas sugestões e advertências essenciais para o planeamento e concretização bem-sucedida da recolha de dados. A sua experiência e percurso académico é, para mim, um exemplo a seguir.

À Isabel, pela amizade construída ao longo destes últimos seis anos. Sem ela, movimentar-me-ia num mundo infinitamente mais escuro, confuso e aborrecido.

Ao André, pela amizade e quase fraternidade que nos uniu, mesmo antes de nos termos apercebido. As reflexões, confissões, línguas e horas (em repastos, cafés, bibliotecas, passeios) partilhadas serão sempre insuficientes.

Ao João Afonso, pelo carinho e indestrutível confiança em mim.

E, especialmente, agradeço à minha mãe, a pessoa mais inteligente, altruísta e resiliente do (meu) mundo, por ter sempre procurado munir-me de princípios, conhecimentos e capacidades e por acreditar, mais do que seria expectável, na validade dos meus pensamentos, desejos e objetivos.

## RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo apresentar a descrição e análise das propriedades estruturais (sintáticas, morfofonológicas e semântico-pragmáticas) que permitem identificar os ideofones em Santome, um crioulo de base lexical portuguesa falado na ilha de São Tomé e um dos quatro crioulos do Golfo da Guiné.

Os ideofones, também denominados ‘mimetics’ ou ‘expressives’, constituem uma classe de palavras expressivas e performativas que partilham interlinguisticamente um elenco de propriedades prototípicas mais ou menos marcadas (Voeltz & Kilian-Hatz; Childs 1994; Dingemanse 2011). Tendo como ponto de partida esta assunção e as considerações e dados presentes nos primeiros estudos onde inicialmente foram referenciados os ideofones em Santome (Valkhoff 1966; Ferraz 1979), procurou-se com este trabalho apresentar uma revisão bibliográfica acerca da ideofonia nas línguas do mundo, que permitisse compreender a multiplicidade de formas e comportamentos linguísticos destes itens (Parte II), e desenvolver uma análise e discussão mais alargada dos ideofones em Santome (Parte III). Os dados revelaram que a propriedade mais extensível, i.e., que se aplica a todo o inventário ideofónico, consiste na relação formal e semântica que estes elementos estabelecem com uma base lexical pré-determinada. Assim, ideofones integram exclusivamente unidades lexicalizadas, cujo comportamento sintático-semântico apresenta, tendencialmente, um elevado grau de lexicalização. No que diz respeito às propriedades morfofonológicas, discutiu-se os formatos morfológicos inerentemente reduplicados e propriedades suprasegmentais particulares relativas à localização variável das proeminências prosódicas, ao alongamento vocálico e à extensão de palavra. Por fim, algumas correspondências icónicas foram identificadas, revelando que os ideofones são elementos que geralmente podem sugerir, representar ou evocar aspetos sensoriais ou suprassensoriais do evento ou estado a que aludem.

**Palavras-chave:** ideofones, tipologia linguística, iconicidade, crioulos do Golfo da Guiné, Santome

## **ABSTRACT**

The aim of this dissertation is to present a description and analysis of some of the structural properties that allow us to identify the ideophones in Santome, a Portuguese-based creole spoken on the island of São Tomé and one of the four Gulf of the Guinea creoles.

Ideophones, which are also known as ‘mimetics’ or ‘expressives’, form a class of expressive and performative words that share a set of marked prototypical properties (Voeltz & Kilian-Hatz; Childs 1994; Dingemanse 2011). Considering this assumption and on the basis of the data and the analysis present in the first studies where ideophones in Santome were initially referenced (Valkhoff 1966; Ferraz 1979), this work attempts presents an overview of the bibliography on ideophony in the languages of the world in order to understand the multiplicity of linguistic forms and behaviors of these items (Part II) and to develop an analysis and a broader discussion of the properties that characterize and distinguish these words in Santome (Part III). The data reveal that the most extensive property, i.e., the one that applies to the full ideophonic inventory, is the formal and semantic relation that these elements establish with a particular lexical base. Therefore, ideophones integrate units whose syntactic and semantic behavior shows a tendency toward a high degree of lexicalization. With respect to their morphophonological properties, we discuss the inherently reduplicated morphological templates and suprasegmental properties in relation to the variable location of the prosodic prominence, vowel lengthening and word length. Finally, some iconic correspondences were identified, revealing that ideophones are words that generally suggest, represent or evoke sensorial or suprasensorial aspects of the event or state to which they refer.

**Keywords:** ideophones, linguistic typology, iconicity, the Gulf of Guinea creoles, Santome



# ÍNDICE

<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>V</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>VII</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>VIII</b>
<b>LISTA DE TABELAS E FIGURAS.....</b>	<b>XI</b>
<b>SÍMBOLOS E ABREVIATURAS.....</b>	<b>XII</b>
<b>I. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>3</b>
1.1. METODOLOGIA DE RECOLHA DE DADOS .....	4
<b>2. SANTOME E OS CRIoulos DO GOLFO DA GUINÉ .....</b>	<b>8</b>
2.1. OS CRIoulos DO GOLFO DA GUINÉ.....	10
2.2. SANTOME: PERFIL TIPOLOGICO E ESTRATIFICAÇÃO LINGUÍSTICA .....	12
<b>II. IDEOFONES.....</b>	<b>17</b>
<b>3. IDEOFONES: CARACTERIZAÇÃO PROTOTÍPICA .....</b>	<b>19</b>
3.1. PROPRIEDADES FONOLÓGICAS .....	24
3.1.1. <i>Propriedades segmentais</i> .....	25
3.1.2. <i>Propriedades fonotáticas</i> .....	26
3.1.3. <i>Propriedades suprasegmentais</i> .....	26
3.2. PROPRIEDADES MORFOLÓGICAS.....	28
3.2.1. <i>Reduplicação</i> .....	29
3.2.2. <i>Morfologia derivacional e composicional</i> .....	31
3.3. PROPRIEDADES SINTÁTICAS .....	32
3.3.1. <i>Classificação gramatical</i> .....	32
3.3.2. <i>Tipos de ideofones</i> .....	33
3.3.3. <i>Restrições de colocação, tipos frásicos e outras propriedades sintáticas</i> .....	35
3.4. PROPRIEDADES SEMIÓTICAS, SEMÂNTICAS E PRAGMÁTICAS.....	37
3.4.1. <i>Ideofone enquanto signo não-arbitrário</i> .....	37
3.4.2. <i>Categorias semânticas</i> .....	41

3.4.3. Funções pragmáticas e uso .....	43
<b>III. IDEOFONES EM SANTOME .....</b>	<b>45</b>
<b>4. O QUE É UM IDEOFONE EM SANTOME? .....</b>	<b>47</b>
4.1. PROPRIEDADES SINTÁTICAS .....	48
4.1.1. Restrições combinatórias.....	49
4.1.1.1. Propriedades sintáticas e semânticas das colocações.....	50
4.1.1.2. Tipologia das colocações .....	53
4.1.2. Tipos frásicos e outras propriedades sintáticas.....	64
4.1.3. Sumário.....	65
4.2. PROPRIEDADES MORFOFONOLÓGICAS .....	66
4.2.1. Propriedades morfológicas.....	67
4.2.2. Propriedades segmentais .....	70
4.2.3. Propriedades suprasegmentais.....	74
4.2.4. Sumário.....	82
4.3. PROPRIEDADES SEMÂNTICAS E PRAGMÁTICAS.....	83
4.3.1. Iconicidade.....	84
4.3.1.1. Imagic iconicity.....	85
4.3.1.2. Iconicidade Gestalt .....	85
4.3.1.3. Iconicidade Relativa.....	86
4.3.2. Campos semânticos.....	87
4.3.3. Funções e usos .....	89
4.3.4. Sumário.....	91
<b>5. CONCLUSÕES.....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>94</b>
<b>ANEXO 1 – IDEOFONES LISTADOS EM ARAÚJO &amp; HAGEMEIJER (2013) .....</b>	<b>107</b>
<b>ANEXO 2 – TRANSCRIÇÕES FONÉTICAS, POR IDEOFONE E POR FALANTE .....</b>	<b>109</b>
<b>ANEXO 3 – LISTA DE LÍNGUAS E RESPECTIVA FILIAÇÃO GENEALÓGICA E LOCALIZAÇÃO .....</b>	<b>113</b>

## LISTA DE TABELAS E FIGURAS

### LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1:</b> DADOS CONSIDERADOS NA ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS IDEOFONES EM SANTOME .....	6
<b>TABELA 2:</b> GRAFEMAS E FONEMAS DO SANTOME (ARAÚJO & HAGEMEIJER 2013) .....	7
<b>TABELA 3:</b> LÉXICO DE ORIGEM PORTUGUESA (E.G. HAGEMEIJER 2009) .....	13
<b>TABELA 4:</b> LÉXICO DE ORIGEM EDO (HAGEMEIJER 2008).....	13
<b>TABELA 5:</b> LÉXICO DE ORIGEM KIKONGO (FERRAZ 1979) .....	14
<b>TABELA 6:</b> EXEMPLOS DE IDEOFONES EM PICHÍ, COREANO E LIMBUM.....	24
<b>TABELA 7:</b> FORMATOS MORFOLÓGICOS DOS IDEOFONES .....	68
<b>TABELA 8:</b> INVENTÁRIO FONÉTICO DAS VOGAIS DOS IDEOFONES EM SANTOME .....	70
<b>TABELA 9:</b> ESTABILIDADE DAS VOGAIS [i,u,a] NOS IDEOFONES.....	71
<b>TABELA 10:</b> VARIAÇÃO ALOFÔNICA LIVRE DAS VOGAIS MÉDIAS-ALTAS E MÉDIAS BAIXAS NOS IDEOFONES .....	71
<b>TABELA 11:</b> ESPRAIAMENTO DA NASALIDADE NOS IDEOFONES.....	72
<b>TABELA 12:</b> NASALIDADE FLUTUANTE NOS IDEOFONES .....	72
<b>TABELA 13:</b> INVENTÁRIO FONÉTICO DAS CONSOANTES DOS IDEOFONES.....	73
<b>TABELA 14:</b> ESTABILIDADE DOS CONTRASTES DE MODO E PONTO DE ARTICULAÇÃO DAS CONSOANTES NOS IDEOFONES.....	73
<b>TABELA 15:</b> VARIAÇÃO ALOFÔNICA LIVRE ENTRE A OCLUSIVA VELAR E A OCLUSIVA FRICATIZADA .....	74
<b>TABELA 16:</b> PADRÕES SILÁBICOS NOS IDEOFONES .....	75
<b>TABELA 17:</b> SEQUÊNCIAS DE OBSTRUINTE + LÍQUIDA COMO ATAQUE COMPLEXO NOS IDEOFONES .....	76
<b>TABELA 18:</b> SEQUÊNCIAS DE OBSTRUINTE + GLIDE COMO ATAQUE COMPLEXO NOS IDEOFONES.....	76
<b>TABELA 19:</b> PADRÕES DE PROEMINÊNCIA PROSÓDICA NOS IDEOFONES .....	78
<b>TABELA 20:</b> COMPARAÇÃO DOS PADRÕES DE PROEMINÊNCIA DOS MESMOS ALVOS IDEOFÔNICOS .....	79
<b>TABELA 21:</b> IDEOFONES COM ALONGAMENTO VOCÁLICO .....	81
<b>TABELA 22:</b> ALGUNS NOMES, VERBOS E IDEOFONES DO SANTOME.....	82

### LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1:</b> MAPA DOS DISTRITOS DE SÃO TOMÉ (ROCHA 2015) .....	4
<b>FIGURA 2:</b> <i>CONTINUUM</i> DA INTERAÇÃO ENTRE SOM E SIGNIFICADO. ....	23
<b>FIGURA 3:</b> ARBITRARIEDADE E ICONICIDADE (DINGEMANSE <i>ET AL.</i> 2015: 17).....	39

## SÍMBOLOS E ABREVIATURAS

<b>1</b>	1. <sup>a</sup> pessoa
<b>2</b>	2. <sup>a</sup> pessoa
<b>3</b>	3. <sup>a</sup> pessoa
<b>ADJ</b>	Adjetivo
<b>CL</b>	Marcador de classe nominal
<b>C</b>	Consoante
<b>CGG</b>	Crioulos do Golfo da Guiné
<b>COMP</b>	Complementador
<b>COP</b>	Cópula
<b>CSD</b>	Clítico de sujeito dependente
<b>DEM</b>	Demonstrativo
<b>DET</b>	Determinante
<b>FOC</b>	Foco
<b>ID</b>	Ideofone
<b>IMP</b>	Imperativo
<b>INDF</b>	Indefinido
<b>IPFV</b>	Imperfetivo
<b>ME</b>	Morfologia expressiva
<b>N</b>	Nome
<b>NEG</b>	Negação
<b>PASS</b>	Passado
<b>PCGG</b>	Proto-crioulo do Golfo da Guiné
<b>PL</b>	Plural
<b>POSS</b>	Possessivo
<b>PREP</b>	Preposição
<b>PROG</b>	Progressivo
<b>PST</b>	Passado
<b>PTCL</b>	Partícula
<b>REL</b>	Relativizador

<b>SG</b>	Singular
<b>SUJ</b>	Sujeito
<b>V</b>	Verbo
<b>V</b>	Vogal
<b>VP</b>	Sintagma verbal
<b>VOC</b>	Vocativo
*	Agramatical
[ ]	Transcrição fonética
//	Transcrição fonológica
< >	Transcrição ortográfica
~	Nasalidade
ˈ	Proeminência prosódica
ˊ	Tom alto
ˋ	Tom baixo
ː	Alongamento
•	Fronteira silábica



## **I. INTRODUÇÃO**





## 1. INTRODUÇÃO

Nesta dissertação procurarei descrever as formas, significados e contextos de uso dos ideofones em Santome, um dos quatro crioulos do Golfo da Guiné, falado na ilha de São Tomé. Os ideofones constituem-se como uma categoria de palavras com propriedades fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas particulares, existente numa grande diversidade de línguas no mundo (e.g. Voeltz & Kilian-Hatz 2001). Desde o século XIX, a sua produtividade e relativa autonomia nas línguas foi notada, apesar de não totalmente compreendida. Termos como “onomatopeia”, “advérbios descritivos”, “palavras pictóricas” ou “imagens vocais” foram usados para descrever o fenómeno mais tarde condensado na nomenclatura “ideofone”, proposta por Doke (1935: 118) e adaptada ao universo das línguas bantas: “a vivid representation of an idea in sound. A word, often onomatopoeic, which describes a predicate, qualificative or adverb in respect to manner, colour, sound, smell, action, state or intensity.”.

A presença de ideofones em Santome, bem como nos restantes crioulos do Golfo da Guiné, é um indício inegável da influência dos estratos linguísticos africanos envolvidos na sua origem e desenvolvimento. Este trabalho pretende, pois, fornecer uma descrição holística dos ideofones em Santome, apresentando os seus comportamentos, significados e contextos de uso, insuficientemente descritos nas fontes disponíveis (Valkhoff 1966; Ferraz 1979; Araújo 2009). O objetivo principal será o de determinar que propriedades estruturais permitem distinguir, em Santome, uma classe de palavras a que geralmente se tem atribuído a designação de ‘ideofones’.

A parte I corresponde às considerações preliminares: neste capítulo explicita-se a metodologia de recolha e tratamento dos dados utilizados. No segundo capítulo, são apresentados os Crioulos do Golfo da Guiné (CGG), unidade genética que integra o Angolar, o Fa d’Ambô, o Lung’le e o Santome. De seguida, atenta-se especificamente no perfil tipológico e estratificação do Santome.

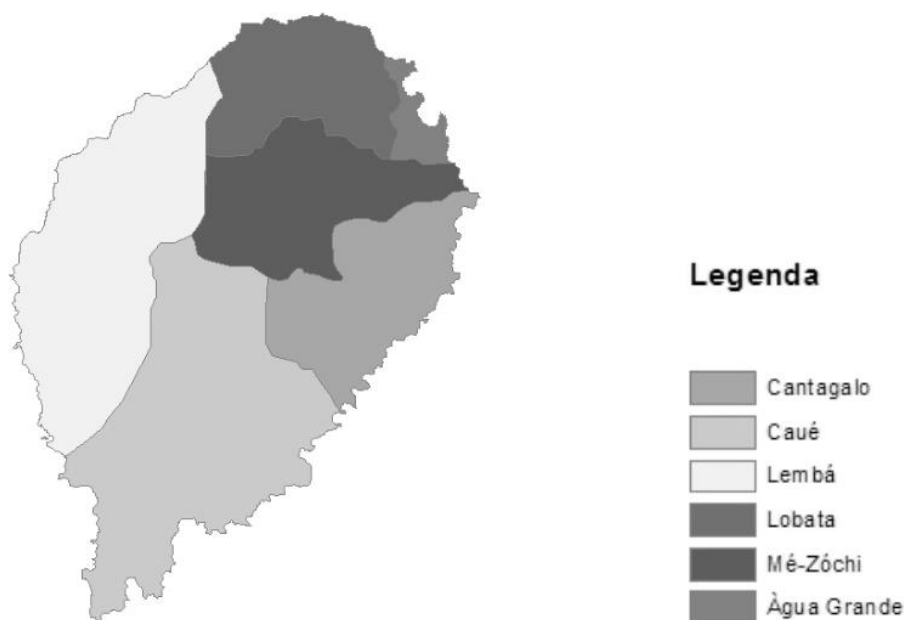
A parte II, constituída pelo terceiro capítulo, discute as definições e características prototípicas (fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas) atribuídas aos ideofones nas várias línguas do mundo.

A parte III, por fim, apresenta as propriedades sintáticas, morfofonológicas e semântico-pragmáticas que distinguem o inventário ideofónico do Santome.

## 1.1. METODOLOGIA DE RECOLHA DE DADOS

Este trabalho é baseado em materiais disponíveis no (i) dicionário livre do santome-português (Araújo & Hagemeijer 2013) e (ii) no *corpus* Santome, disponível em linha em <http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/>. Ambas as fontes resultaram do projeto, desenvolvido no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), *As origens e o desenvolvimento das sociedades crioulas do Golfo da Guiné: um estudo interdisciplinar* (PTDC/CLE-LIN/111494/2009), financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

Além disso, é baseado nos dados recolhidos em São Tomé, no início de 2016. As recolhas foram efetuadas nos distritos de Água Grande e Mé-Zóchi, na cidade de São Tomé e nas localidades de Água Porca, Água Telha, António Soares, Batelu, Batepá, Cangá, Cassuma, Cruzeiro, Favorita, Fuji Fala, Maria Madalena, Mateus Angolares e Ototo (Figura 1).



**Figura 1:** Mapa dos distritos de São Tomé (Rocha 2015)

### Constituição da amostra

Os dados que se analisam nesta dissertação são o resultado de entrevistas individuais ou de grupo, a falantes entre os 20 e os 75 anos de idade, de ambos os sexos e de vários estratos sociais. O número de participantes em cada sessão variou entre um e cinco, geralmente decorrendo em ambientes informais, como residências pessoais ou espaços públicos. Nenhum critério de exclusão foi delineado, porém, procurou-se entrevistar falantes com proficiência em Santome. Especificamente para a análise morfofonológica, selecionou-se uma amostra de 3 falantes, de acordo com a qualidade das gravações, proveniência geográfica e a produtividade das sessões. Os elementos que compõem a amostra são do sexo masculino, têm idades compreendidas entre os 28 e os 63 anos e residem, respetivamente, na cidade de São Tomé (ST) e nas localidades de Água Porca (AP) e Fuji Fala (FF).

### Recolha de dados

Para a recolha e uso dos dados, foi previamente requerida a autorização dos informantes, propondo-se o preenchimento de um documento de consentimento informado. Adicionalmente, informações pessoais, como o nome, idade, local de nascimento, local de residência e de trabalho ou informações relativas à situação linguística do participante (língua materna, língua dominante nas interações quotidianas ou as diferentes situações de uso das línguas em competição), foram requeridas. As sessões foram maioritariamente gravadas com recurso a um equipamento Tascam DR-07MKII.

Dois tipos de materiais de elicitación foram apresentados em cada sessão: por um lado, foi organizado um *corpus* constituído pelos ideofones presentes em Araújo & Hagemeijer (2013), elencando por ordem alfabética cerca de noventa itens (Anexo 1) com o propósito de estimular as realizações fonéticas do maior número possível de ideofones e, assim, verificar as suas características segmentais, suprasegmentais e morfológicas e, por outro lado, foi construído um conjunto de testes sintáticos, integrando diferentes estruturas frásicas. Pretendia-se, com estas frases-estímulo, obter a confirmação ou infirmação da sua gramaticalidade, permitindo colocar hipóteses acerca do comportamento sintático dos ideofones.

A primeira tarefa proposta consistia na apresentação de cada um dos itens do *corpus* pelo entrevistador. Os informantes eram convidados a refletir, em Santome ou Português,

sobre o significado de cada um e também a produzir enunciados simples para os exemplificar. Completada esta fase, eram apresentadas as frases-estímulo para que avaliassem a sua gramaticalidade, propondo uma contrapartida aceitável, para os casos em que considerassem tratar-se de uma frase agramatical.

As sessões foram sempre conduzidas na presença de um falante nativo de Santome, o que permitiu, se necessária, a tradução dos enunciados ou algum esclarecimento relativamente aos dados manipulados.

### Tratamento dos dados

Para a análise morfofonológica, selecionou-se uma amostra de 3 falantes, de acordo com a qualidade das gravações, proveniência geográfica e a produtividade das sessões. A identificação de cada um dos elementos da amostra integra o número de falante (1, 2 ou 3) e o código da sua proveniência geográfica (ST, AP e FF). A partir dos ficheiros-áudio originais, procedeu-se à extração de cada um dos ideofones produzidos pelos entrevistados, através do software PRAAT (versão 6.0.21). Os dados extraídos foram depois transcritos (Anexo 2), seguindo as normas convencionadas no Alfabeto Fonético Internacional. A qualidade da transcrição das 158 produções foi, num primeiro momento, verificada com recurso à avaliação intrajuiz, à qual se seguiu a avaliação interjuizes, resultando em 91% de concordância. Os dados em que não se verificou concordância (9%) foram depois sujeitos a terceira avaliação. Assim, para efeitos de contabilização dos dados foram considerados todos os dados com 100% de concordância entre os juizes e que não apresentassem problemas de transcrição (e.g. ruído de fundo, locução sobreposta, etc.). A Tabela 1 discrimina o número de produções consideradas neste trabalho, de acordo com os critérios acima explicitados.

	1_ST	2_AP	3_FF	TOTAL
<b>Types</b>	-	-	-	89
<b>Tokens</b>	84	43	38	165
<b>Tokens (sem problemas de transcrição)</b>	84	41	33	158
<b>Tokens em concordância (2.<sup>a</sup> avaliação)</b>	75	39	30	144
<b>Tokens em concordância (3.<sup>a</sup> avaliação)</b>	84	41	33	<u>158</u>

**Tabela 1:** Dados considerados na análise e descrição dos ideofones em Santome

Para a análise sintática, foram considerados os resultados da aplicação dos testes de elicitación<sup>1</sup>, a produção espontânea de enunciados sintáticos e, ainda, os dados do *corpus* Santome (2014). Os dados recolhidos foram anotados e transcritos, de forma geral, conforme a proposta do Alfabeto Unificado para as Línguas Nativas de São Tomé e Príncipe (ALUSTP). Esta proposta foi aprovada pelo decreto de lei n.º 19/2013, no Diário da República de São Tomé e Príncipe, que prevê a adoção de uma ortografia unificada para as línguas nacionais do arquipélago - Santome, Angolar e Lung'le. O alfabeto adotado é de base fonético-fonológica e propõe o uso de trinta e um grafemas para as três línguas que, apesar de mutuamente ininteligíveis, partilham um conjunto considerável de propriedades lexicais e gramaticais (ALUSTP 2013; Araújo 2011). Os grafemas do Santome considerados no ALUSTP são apresentados na Tabela 2.

Fonema	Grafema	Fonema	Grafema
/u/	<u>	/g/	<g>
/i/	<i>	/k/	<k>
/ɛ/	<e>	/gb/	<gb>
/ɔ/	<o>	/m/	<m>
/e/	<ê>	/n/	<n>
/o/	<ô>	/l/	<l>
/a/	<a>	/ʎ/	<lh>
/p/	<p>	/ɲ/	<nh>
/b/	<b>	/r/	<r>
/t/	<t>	/z/	<r>
/d/	<d>	/s/	<s>
/dʒ/	<dj>	/ʒ/	<s>
/tʃ/	<tx>	/ʃ/	<j>
/v/	<v>	/j/	<y>
/f/	<f>	/w/	<w>

**Tabela 2:** Grafemas e fonemas do Santome (Araújo & Hagemeijer 2013)

---

<sup>1</sup> Adverte-se para o facto de nem todas as estruturas sintáticas contempladas nesta dissertação terem sido testadas para todos os elementos do inventário ideofónico.

O acento não é tipicamente assinalado, sendo inferido pelo contexto. Para distinguir a altura das vogais, pressupõe-se a utilização de diacríticos circunflexos. As vogais nasais, por seu turno, não são representadas com recurso a diacríticos nasais, antes sendo seguidas por <n> ou <m>, salvo casos excecionais.<sup>2</sup>

Nesta dissertação, porém, algumas convenções do ALUSTP são atualizadas. O alongamento vocálico, enquanto propriedade exclusiva de alguns ideofones em Santome, merece particular atenção no que diz respeito à sua representação gráfica. O ALUSTP sugere a grafia <sũũ> considerando tratar-se de uma repetição de vogal nasalizada (Araújo 2010:15). A natureza deste alongamento carece de investigação mais aprofundada, mas considera-se que este alongamento é um mecanismo suprasegmental expressivo e não apenas uma repetição. Assim, aqui representar-se-á o alongamento vocálico através da duplicação da vogal nasalizada alongada <sũũ>, à semelhança de representações de vogais longas em outras línguas.

Uma última nota metodológica importa referir: ao longo da dissertação, mas sobretudo na parte II, serão referidos ou apresentados exemplos provenientes de muitas e variadas línguas cuja filiação genealógica ou origem geográfica nem sempre é transparente. Para facilitar a sua identificação, sugere-se a consulta do Anexo 3, que lista todas as línguas referidas no texto, por ordem alfabética. As informações aí contidas são extraídas do *WALS Online* e da *Ethnologue*.

## **2. SANTOME E OS CRIoulos DO GOLFO DA GUINÉ**

O contacto linguístico é um fenómeno comum, transversal à história da generalidade das comunidades linguísticas do mundo. Justifica-se pelo facto de os homens se movimentarem no espaço e transportarem com eles as suas línguas. A necessidade de interação social, enquadrada em situações comunicativas específicas em que coabitam duas ou mais línguas, é o fator principal que está na origem do desenvolvimento de produtos linguísticos complexos, mistos, compósitos, intimamente relacionados com processos de aquisição de língua não materna (L2). A emigração, a colonização/ocupação de outros países ou contactos comerciais prolongados são três contextos especialmente propícios ao contacto linguístico.

---

<sup>2</sup> Por constituírem formas lexicalizadas, a palavra <ũa> e os ideofones com alongamento vocálico, como <pya sũũ> são representados com diacríticos nasais.

Uma vez em contacto, as línguas relacionam-se, de forma mais ou menos direta ou concorrencial, motivando o surgimento de produtos diversos, nem sempre facilmente classificáveis. Assim, distinguem-se geralmente situações que envolvem manutenção, substituição (*shift*) ou criação de novas línguas (Winford 2003:11). A manutenção linguística, consubstanciada em casos de empréstimos lexicais, convergência estrutural ou alternância de códigos, envolve a adoção de traços de uma outra língua, preservando-se o código original. Noutros casos, o contacto pode potenciar uma mudança linguística, ou seja, o abandono total ou parcial da língua de origem em benefício de uma nova língua. Por fim, de situações especiais de contacto podem resultar códigos linguísticos totalmente novos: os pidgins e crioulos.<sup>3</sup> No caso das ilhas de São Tomé, Príncipe e Annobón, condições sócio-históricas e linguísticas particulares contribuíram para a emergência e desenvolvimento de uma proto-língua que, num curto espaço de tempo, se ramificou nas atuais línguas crioulas do Golfo da Guiné.

É comumente aceite que estas línguas partilham uma origem comum (Ferraz 1979; Hagemeijer 2009; Hagemeijer 2011; Maurer 1995,1999; Schang 2000), remontando ao século XV. Essa origem seria consubstanciada numa língua plena, o proto-crioulo do Golfo da Guiné (PCGG), que se ramificou no tempo e no espaço em quatro línguas distintas: o Santome, o Angolar (na ilha de São Tomé), o Lung'ie (ilha do Príncipe) e o Fa d'Ambô (ilha de Annobón, Guiné Equatorial). Para compreender o surgimento e evolução deste proto-crioulo, ter-se-á que recuar até ao momento do povoamento da ilha de São Tomé, dividido em dois momentos essenciais, associados à chegada de escravos provenientes de áreas geográficas e linguísticas distintas.

O povoamento definitivo da ilha de São Tomé dá-se por volta de 1493, depois de uma primeira tentativa em 1485, com a confluência de povoadores portugueses e africanos. Numa primeira fase, a fase de habitação, sensivelmente entre 1493 e 1520, a maioria dos escravos era proveniente da região do delta do Níger (Nigéria) e, em particular, do antigo reino de Benim, situado na atual Nigéria (Hagemeijer 2011). Com o desenvolvimento do ciclo da produção de cana-de-açúcar para fins comerciais, por volta de 1520, inaugura-se uma

---

<sup>3</sup> Para informação mais detalhada acerca dos pidgins e crioulos conferir Holm (2000), Couto (1996) ou Michaelis *et al.* (2013).

segunda fase de povoamento da ilha, com o resgate de escravos, desta feita, nas zonas do Congo e de Angola - a fase de plantação.

Acredita-se que, sobretudo na fase de habitação, o contacto entre os portugueses e africanos do delta do Níger potenciou a criouliização. A coexistência do Português, a língua alvo, e das línguas maternas dos escravos potenciou, por urgência de entendimento mútuo, a criação de um pidgin. Este pidgin ter-se-á expandido rapidamente, tornando-se a língua materna das gerações seguintes, originando o proto-crioulo do Golfo da Guiné que, como anteriormente referido, se ramificou em quatro línguas independentes.

Com base na reconstrução das propriedades estruturais do PCGG, pode concluir-se que o substrato<sup>4</sup> do delta do Níger (Edo) foi especialmente decisivo na formação desta proto-língua, constituindo-se como o seu estrato africano primário (Hagemeijer 2011; Hagemeijer 2015). Os CGG, para além de apresentarem palavras que podem ser atribuídas etimologicamente ao Edo, partilham também um conjunto de propriedades fonológicas tipicamente associadas às línguas do delta do Níger, bem como determinadas estruturas sintáticas.

Por outro lado, o estrato banto está associado a um período mais tardio do processo de povoamento, a fase de plantação. O seu impacto na formação da proto-língua é, assim, secundário, restringindo-se sobretudo a aspetos lexicais e fonológicos, evidenciados especialmente no Angolar.<sup>5</sup>

Atualmente, a inteligibilidade mútua entre estas quatro línguas é limitada, atribuindo-se a diferenciação ao papel da mudança interna, do contacto posterior e, sobretudo, do relativo isolamento em diferentes momentos históricos (Hagemeijer 2011).

## **2.1. OS CRIoulos DO GOLFO DA GUINÉ**

Nas ilhas de São Tomé, Príncipe e Annobón (Guiné Equatorial) são atualmente faladas as quatro línguas que pertencem à família linguística dos crioulos do Golfo da Guiné. Como anteriormente visto, as condições sócio-históricas de formação e desenvolvimento do

---

<sup>4</sup> A língua de superstrato, ou língua lexificadora, é aquela que cede a maior parte do léxico à nova língua. Outras línguas relevantes na formação do pidgin ou crioulo constituem as línguas de substrato. O adstrato, por seu turno, manifesta-se secundariamente na nova língua. As teorias que explicam o processo de criouliização atribuem preponderância variável aos diferentes estratos.

<sup>5</sup> De acordo com Lorenzino (1998), 91% do léxico africano do Angolar é de origem banta.



Angolar, Fa d'Ambô, Lung'Ie e Santome legitimam esta classificação tipológica.

O Angolar, *Lunga Ngola*, é a língua usada pela comunidade de Angolares, uma comunidade mais ou menos isolada de descendentes de escravos que fugiram das roças durante a fase de plantação. Restringindo-se ao sudoeste da ilha de São Tomé, nomeadamente na região de São João dos Angolares, e ao noroeste, na cidade das Neves, o Angolar é falado por cerca de onze mil falantes (RGPH 2012). A inteligibilidade entre o Angolar e o Santome é limitada, distinguindo-se deste devido à preponderância do léxico de origem banta, proveniente especialmente do Quimbundo (Maurer 1992; 1995; 2013).

O Fa d'Ambô é falado nas ilhas de Ano Bom e Bioko, territórios que atualmente pertencem à Guiné Equatorial, mas que até 1778 eram explorados pelos portugueses. O contingente de falantes ronda os 5 mil (Post 2013).

O Principense, ou Lung'Ie, é a língua falada na ilha do Príncipe. Atualmente, o número de falantes é bastante reduzido, tratando-se, pois, de uma língua em perigo de desaparecimento. O último censo apresenta 1.750 falantes, mas Maurer (2013) advoga que menos de vinte pessoas utilizam o Lung'Ie fluentemente. A maioria da população do Príncipe utiliza o Português, o Santome ou o Caboverdiano, como resultado da imigração significativa de trabalhadores de Cabo Verde no início do século XX (Maurer 2013).

Por fim, a língua autóctone mais falada na ilha de São Tomé é o Santome, também conhecido por Forro, São-Tomense, *Lungwa* Santome, Dioletu ou *Fôlô*. Este crioulo é tipicamente associado ao grupo dos Forros, escravos negros que receberam, na primeira década do século XVI, a carta de alforria, encetando uma comunidade privilegiada, cuja língua era apreendida, pelos novos escravos recém-chegados, como a língua-alvo (Hagemeijer 2009). Enquanto crioulo dominante, o Santome é ainda hoje o mais utilizado pela população, contabilizando aproximadamente um terço dos falantes da ilha.<sup>6</sup> Acredita-se que o Santome constitui a continuação direta do proto-crioulo: “[t]his first creole, the original São Tomense, later changed into four creoles through geographical separation, and possibly also because of which might have existed to some extent in the substratum.” (Ferraz 1979:9).

A primeira referência ao Santome remonta a 1627, na obra *De instauranda Aethiopum salute* de Padre Alonso de Sandoval: “[...] los que llamamos criollos y naturales de San

---

<sup>6</sup> Veja-se Hagemeijer (2009) sobre a situação sociolinguística de São Tomé e Príncipe.

Tomé, con la comunicación que con tan bárbaras naciones han tenido el tiempo que han residido en San Tomé, las entienden casi todas con un género de lenguaje muy corrupto y revesado de la portuguesa que llaman lengua de San Thomé” (*apud* Hagemeijer 2009). Mais tarde, em 1766, Gaspar Pinheiro da Câmara admite que “he de saber que a gente natural destas ilhas tem lingua sua e completa, com pronuncia labeal” (Espírito Santo 1998, *apud* Hagemeijer 2009). Reconhecida a sua existência, inaugura-se, a partir do século XIX, a produção científica e literária em Santome. Os precursores Adolfo Coelho (1880-1886), Hugo Schuchardt (1882) e António Lobo de Almada Negreiros (1895) apresentam os primeiros estudos linguísticos acerca desta língua e Francisco Stockler assina, pela primeira vez, produções literárias escritas em Santome. Já no século XX, a monografia de Ferraz (1979) constituiu, e constitui ainda, o ponto de partida para várias investigações académicas que têm sido levadas a cabo. Em 2013, foi publicada a primeira obra lexicográfica santome-português (Araújo & Hagemeijer) e, em 2014, foi disponibilizado o *corpus* linguístico do Santome.<sup>7</sup>

## **2.2. SANTOME: PERFIL TIPOLÓGICO E ESTRATIFICAÇÃO LINGUÍSTICA**

O Português é a língua de superstrato do Santome, razão pela qual se integra no grupo dos crioulos de base lexical portuguesa. Estima-se que aproximadamente 93% do léxico do Santome é de origem portuguesa (Hagemeijer 2009), apresentando alterações fonéticas e semânticas devido à influência das línguas de substrato (Tabela 3). Ferraz (1979) é o primeiro a identificar e a apresentar evidência linguística e história para a preponderância de dois estratos africanos na formação e desenvolvimento dos Crioulos do Golfo da Guiné e especialmente do Santome: o estrato Edo (ou Bini) e o Kikongo.

---

<sup>7</sup> Disponível, em linha, no endereço <http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/santome/>.

Santome	Português clássico	Português moderno
[kuzi]	acudir	responder
[zuga]	jogar	atirar, lançar
[kaso]	cachorro	cão
[dzibela]	algibeira	bolso

**Tabela 3:** Léxico de origem portuguesa (e.g. Hagemeijer 2009)

Em Santome, o impacto do Edo manifesta-se no léxico (Ferraz 1979; Rougé 2004) e em algumas estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas (Tabela 4). No que diz respeito à estrutura sonora, o Santome partilha com as línguas Edoid a existência de consoantes com dupla articulação, nomeadamente a residual lábiovelar [g̠b] (Araújo 2011), e o fenómeno de *Advanced Tongue Root* (ATR).

Santome	Edo
<i>ubwê</i> ‘corpo’	<i>egbe</i>
<i>da kebla kwakwakwa</i> ‘rir às gargalhadas’	<i>kwakwakwa</i>
bôbô ‘carregar um bebé às costas’	<i>bôbô</i>
<i>ôbô</i> ‘floresta’	<i>ógo</i>

**Tabela 4:** Léxico de origem Edo (Hagemeijer 2008)

Quanto à estrutura sintática, as construções reflexas (1) e de verbos seriais (2) apresentam semelhanças com as do Edo (Hagemeijer & Ogie 2011).

- (1) a. **Santome**
- Ê mat’ubwê dê buta.*
- 3SG matar-corpo POSS atirar
- ‘Ele/a suicidou-se.’

- b. **Edo**  
*Ò gbé-ègbé èré ruà.*  
 3SG matar-corpo 3SG PTCL  
 ‘Ele/a suicidou-se.’ (Hagemeijer & Ogie 2011:41)

- (2) a. **Santome**  
*Budu da kopu kebla.*  
 b. **Edo**  
*Òkútá gbé úkpù guòghó*  
 Pedra atingir copo partir  
 ‘A pedra partiu o copo.’ (Hagemeijer & Ogie 2011:46)

Outro estrato relevante para o Santome é o Kikongo. A influência das línguas bantas é, sobretudo, patente no léxico (Tabela 5). Estruturalmente, a negação disjuntiva *na...fa* do Santome (3) parece ser proveniente do padrão descontínuo que ocorre tipicamente nesta família linguística (Güldemann & Hagemeijer 2006).

Santome	Kikongo
<i>zamba</i> ‘elefante’	<i>nzamba</i>
<i>fili petepete</i> ‘pueril, verde’	<i>petepete</i>
<i>safu</i> ‘fruto típico’	<i>nsafu</i>
<i>kisama</i> ‘escorpião’	<i>sama, kisama</i>

**Tabela 5:** Léxico de origem Kikongo (Ferraz 1979)

- (3) a. **Santome**  
*A na kuvida non fa.*  
 IMP NEG1 convidar 1PL NEG2  
 ‘Eles não nos convidaram.’ (Ferraz 1979)

b. **Kikongo**

Ka    *nzébia*    *lâri*    ko.

NEG1 1SG-saber Laadi NEG2

‘Não sei Lâri.’ (Nsondé 1999, *apud* Güldemann & Hagemeyer 2006)

A determinação da origem das propriedades estruturais de uma língua crioula nem sempre é tão linear, uma vez que há estruturas cuja proveniência pode ser atribuída a mais do que um estrato. Por exemplo, a presença de ideofones em Santome é claramente um reflexo do estrato africano: tanto as línguas Edóide (4) como as Bantóide (e.g. Doke 1935; Samarin 1971) (5) possuem uma classe de ideofones com características prototípicas bem demarcadas.

(4) a. **Santome**

*(pletu) lululu*

‘pretíssimo/muito escuro’

b. **Edo**

*duduudu*

*nununu*

‘escuro’

(5) a. **Santome**

*(wê) ngenengene*

b. **Kikongo**

*ngedingedi*

‘reluzente’

(Ferraz 1979)

(6) a. **Santome**

*(kloson) tefitefi*

‘ganancioso’

b. **Português**

*tefe-tefe*

‘pulsar do coração’

Em suma, enquanto língua resultante de um complexo processo de contacto histórico e sociolinguístico, o Santome apresenta propriedades que revelam o inquestionável impacto tipológico dos estratos (primários e secundários) na sua formação e desenvolvimento. E é justamente a existência e produtividade da classe dos ideofones em Santome, um reflexo dos estratos africanos, que será discutida na terceira parte desta dissertação. Mas, em primeiro lugar, importa conhecer o que particulariza estas palavras nas várias línguas do mundo.

## **II. IDEOFONES**





### 3. IDEOFONES: CARACTERIZAÇÃO PROTOTÍPICA

Os ideofones constituem uma classe de palavras, reconhecida tradicionalmente por um conjunto de propriedades gramaticais prototípicas (e.g. formatos morfofonológicos marcados, independência sintática, significados expressivos e sensoriais, etc.), variáveis de língua para língua. A heterogeneidade do fenómeno foi, desde cedo, notada pelos linguistas que, interessados em organizar uma descrição das línguas em estudo, foram confrontados com estas palavras, cujo comportamento se assemelhava ao de outras classes (advérbios, adjetivos ou verbos), mas que desempenhavam uma função própria, expressiva e imagética. No século XIX e início do XX, Vidal (1852), Junod (1896), Whitehead (1899) e Westermann (1905) são dos primeiros a reconhecer, nas línguas africanas, a existência de um conjunto de palavras formalmente marcadas, associadas a percepções sensoriais. Mas só com Doke (1935), o termo “ideofone”<sup>8</sup> é convencionado e amplamente difundido. A sua definição, integrada numa obra terminológica aplicada às línguas bantas, é um momento seminal da história da investigação acerca dos ideofones. Apesar de não providenciar critérios para a identificação e delimitação do fenómeno, o autor constata, pela primeira vez, a especificidade funcional dos ideofones, admitindo a sua autonomia categorial.

A vivid representation of an idea in sound. A word, often onomatopoeic, which describes a predicate, qualificative or adverb in respect to manner, colour, sound, smell, action, state or intensity. A ideophone is in Bantu a special part of speech, resembling to a certain extent in function the adverb. (Doke 1935: 118)

Mais tarde, Fortune (1962) releva a natureza performativa e Alexandre (1966) propõe uma primeira classificação do significado dos ideofones. Contrariamente ao advogado por Saussure (1916) e aplicável à generalidade dos itens lexicais, em que o signo linguístico resulta da associação arbitrária entre um significante e um significado, Diffloth (1972) apresenta evidência para a relação icónica, não-arbitrária entre as formas e os significados

---

<sup>8</sup> Antes do estabelecimento do termo 'ideofone', outros termos foram utilizados na descrição deste fenómeno, transparecendo alguns aspetos da sua natureza: “onomatopeias” (Doke 1922), “advérbios descritivos” (Junod 1896), “adjetivos invariáveis” (Whitehead 1899), “*Lautbilder/picture words*” (Westermann 1905;1930), “palavras expressivas”, “interjeições”, “radicais”, “expressivos” (Diffloth 1972), “miméticos” (Kita 1997; Akita 2009), entre outros.

destas palavras. Samarin (1970a), por seu turno, considera que os ideofones deverão ser analisados sob uma perspectiva holística, não se particularizando um aspeto em detrimento de outro.

Em Voeltz & Kilian-Hatz (2001) institui-se definitivamente o termo ‘ideofone’ e, na introdução do volume, os autores advogam que os ideofones são uma propriedade universal. Esta assunção é análoga à que Diffloth (1972) já houvera assinalado.

Ideophones are found in many more languages than expected. While the sample of languages of the present contributions can not be considered representative, it is nevertheless reasonable to assume that ideophones exist in all languages of the world: they are a universal category (Voeltz & Kilian-Hatz (2001:3)

Such a wide geographic and historical distribution indicates that ideophones are a characteristic of natural language in general, even though they are conspicuously undeveloped and poorly structured in the languages of Europe. (Diffloth 1972: 440)

Com efeito, a distribuição geográfica destes itens lexicais é muito ampla, não se restringindo, como se pensara, às línguas africanas. Pelo contrário, os ideofones ocorrem, com maior ou menor produtividade<sup>9</sup>, numa grande diversidade de línguas<sup>10</sup> e famílias

---

<sup>9</sup> Os inventários ideofónicos são variáveis, bem como a sua proporção no léxico total das línguas. Esta variabilidade pode justificar-se, como alerta Samarin (1971:133), pelo facto de, por vezes, estas palavras serem integradas em outras categorias gramaticais pré-existentes. Por exemplo, Kulemeka (1994) afirma que o Inglês não possui ideofones, mas apenas formas que estabelecem relações diretas entre som e significado (cf. Smithers 1954).

<sup>10</sup> Ideofones são identificados, por exemplo, em línguas das seguintes famílias: Afro-Asiática (e.g. Newman 1968), Austro-Asiática (e.g. Diffloth 1976), Austronésia (e.g. Klammer 2001), Dravídica (e.g. Asher 1982), Indo-Europeia (e.g. Smithers (1954), Khoe-Kwadi (e.g. Haacke & Eiseb 1991), Sino-Tibetana (e.g. Bonomo 2006), Nilo-Saariana (de Jong 2001), Tai-Kadai (Enfield 2007) ou Urálica (Mikone 2001). Em línguas crioulas como o Angolar (Maurer 1995), Crioulo da Guiné-Bissau (Couto 1995), Crioulo do Haiti (Prou 2000), Fá d’Ambô (Barrena 1957), Jamaicano (DeCamp 1994), Krio (Childs 1994b), Nigerian Pidgin English (e.g. Faraclas 1996), Pichi (Yakpo 2009), Principense (Maurer 2009), Santome (e.g. Ferraz 1979) ou o Saramaccan (Bakker 1987) também se verifica a existência de vocabulário ideofónico.

linguísticas, porém destacando-se inquestionavelmente nas línguas do Níger-Congo.

Com o advento do século XXI, não só se instituiu definitivamente o termo ‘ideofone’ e se propagou a ideia de universalidade, como também se estabeleceu a necessidade de integrar a descrição desta categoria em qualquer descrição linguística convencional. Porque não constituem uma classe produtiva (i.e., que é alegadamente rara) nas línguas indo-europeias e porque a sua caracterização é variável de língua para língua, os ideofones foram, durante algum tempo, colocados à margem das descrições ou simplesmente referenciados como elementos aberrantes, marginais, sem estatuto linguístico.

Ideophones are not considered to be lexical morphemes and cannot be generated by the grammar. (Voorhoeve 1965, *apud* Samarin 1971)

Naturalmente, estas assunções foram abandonadas e tem-se procurado descrever, compreender e definir estas palavras, numa perspetiva intra e interlinguística. As investigações empreendidas revelaram a multiplicidade de comportamentos dos ideofones nos diversos sistemas linguísticos, impedindo a delimitação de uma única e formal definição aplicável a todas as línguas. Parece ser fácil identificar um ideofone, mas defini-lo torna-se um empreendimento mais complexo. De acordo com Newman (1968), é pertinente opor duas questões: “O que são ideofones?” e “Como funcionam os ideofones?”. A resposta à primeira questão deveria, pois, ser suficientemente geral de modo a delimitar o fenómeno universalmente e permitir a comparação entre línguas. O funcionamento (uso, função, significado) dos ideofones, pelo contrário, deveria ser analisado no interior de cada língua. Por isso, Childs (1994a) defende uma definição prototípica, integrando tendências e generalizações adaptáveis à (quase) totalidade das línguas. Assim, pode-se elencar as seguintes tendências/propriedades dos ideofones:

- Apresentam uma estrutura sonora particular;
- São geralmente reduplicados;
- Gozam de relativa independência sintática;
- Representam/evocam sensações, emoções, estados ou eventos;
- Veiculam significados mais icónicos do que os restantes itens lexicais;

- Utilizam-se, sobretudo, no discurso oral ou na linguagem poética.

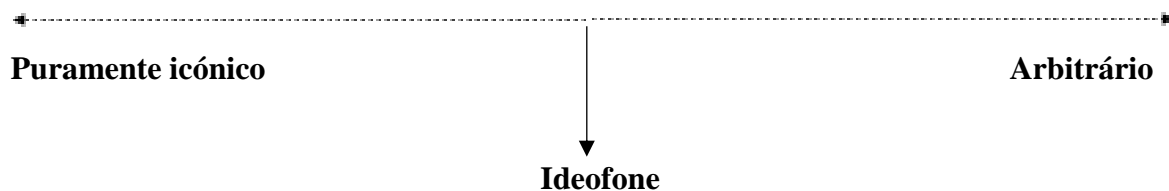
Das muitas definições propostas, contrastam aquelas que utilizam critérios fonológicos (e.g. Fortune 1962; Courtenay 1976), sintáticos (e.g. Noss 1975) ou semântico-funcionais (e.g. Fordyce 1983; Dingemanse 2011). E é justamente de Dingemanse (2011) que provém um dos mais recentes e relevantes contributos para a definição do que são os ideofones. Para o autor, ideofones são “marked words that depict sensory imagery.”. São **palavras**, i.e., unidades lexicais mínimas convencionadas, com significados socialmente aceites e partilhados; **marcadas**, distinguindo-se dos restantes itens pelo formato tendencialmente reduplicado, pelas propriedades fonológicas e suprasegmentais diferenciadas (Cole 1955; Fortune 1962) e pela relativa independência sintática ou “syntactic aloofness” (Kunene 1965); **que representam os referentes**, ao invés de os simplesmente descrever, convidando os interlocutores a experienciar/percecionar/simular o evento ou estado, como se de uma performance se tratasse, recorrendo, para isso, a gestos<sup>11</sup> (Diffloth 1972; Clark and Gerrig 1990; Nuckolls 1996; Dingemanse 2011); **com recurso à imagética sensorial**, ou seja, às percepções do mundo exterior e interior<sup>12</sup> (Fortune 1962; Kita 1997; Noss 1986; Nuckolls 1995; Dingemanse 2011). Com efeito, ideofones estabelecem relações de maior ou menor similitude entre forma e significado. São, por isso, tipicamente menos arbitrários e mais icónicos. Vários padrões de iconicidade<sup>13</sup> podem ser identificados nos ideofones (Dingemanse 2011; Dingemanse *et al.* 2015), no entanto, um dos mais frequentes é o simbolismo sonoro (Hinton, Nichols & Ohala 1994; Bartens 2000). A escala de Fordyce (1988) ilustra o *continuum* da interação entre som e significado.

---

<sup>11</sup> Também considerados *verbal gestures* (Voeltz & Kilian-Hatz 2001: 3), os ideofones são frequentemente acompanhados de gestos (Kunene 1965; Dingemanse 2011).

<sup>12</sup> Imagética sensorial, segundo Dingemanse (2011:29) inclui “not just perceptions of the external world, but also kinaesthetic sensations, balance, and other inner feelings and sensations.”

<sup>13</sup> Algumas associações icónicas são geralmente identificadas nos ideofones, a saber: a reduplicação, com o sentido de repetição ou distribuição; a qualidade vocálica indicando tamanho ou intensidade; o alongamento vocálico significando duração ou extensão e o vozeamento consonântico expressando a noção de grandeza ou peso.



**Figura 2:** *Continuum* da interação entre som e significado.

Para além da iconicidade, a não-arbitrariedade dos ideofones consubstancia-se também na sistematicidade, i.e., a relação sistemática entre aspetos da forma e da função. Ideofones apresentam sistematicamente certos padrões fonológicos e prosódicos, o que pode constituir um argumento para o seu agrupamento numa classe autónoma (Dingemanse *et al.* 2015). No entanto, a classificação gramatical dos ideofones não é consensual e tem sido alvo de debate (Newman 1968; Kulemeka 1995; Beck 2008). Tradicionalmente, delimitam-se classes lexicais a partir da conjugação de critérios morfossintáticos e semânticos (e.g. Aikhenvald & Dixon 2003) e, relevando aspetos distribucionais, alguns autores têm considerado que os ideofones integram categorias pré-existentes (e.g. Fortune 1962; Newman 1968; Courtenay 1976; Childs 1988; Ameke 2001).

In the first place, the tendency to treat the term ‘ideophone’ as being parallel to such terms as noun, verb, or adverb conceals the fact that ideophones often constitute a subclass of some major category. [...] grammatically there are no ideophones as such, but only ideophonic nouns, ideophonic verbs, ideophonic adverbs, etc. (Newman 1968: 108)

Pelo contrário, outros há que os agrupam numa classe autónoma e independente, sublinhando os formatos estruturalmente marcados e, sobretudo, a especificidade semiótica e semântica (e.g. Doke 1935; Samarin 1971; Alpher 1994; Dingemanse 2011). Mais uma vez, esta opção é variável de língua para língua e é o resultado da prevalência de diferentes critérios.

Apesar do reconhecimento da sua especificidade, “exotismo” ou “cuteness” (Newman 2001), ideofones e demais produtos do simbolismo sensorial deverão ser compreendidos

como parte integrante de cada língua e analisados como tal. Os seus comportamentos distintivos não devem ser exclusivamente abordados, privilegiando-se antes uma descrição e análise holística, incluindo não só as particularidades como também as semelhanças dentro de um sistema linguístico. Importante será também atentar nas possíveis etimologias dos ideofones - a identificação de transferências ou empréstimos poderá ajudar a explicar comportamentos mais irregulares.

Nas secções seguintes apresentar-se-ão as propriedades fonológicas, morfológicas, sintáticas e semântico-pragmáticas que geralmente caracterizam os ideofones nas línguas do mundo. Esta descrição constituirá o ponto de partida para a análise dos ideofones em Santome.

### 3.1. PROPRIEDADES FONOLÓGICAS

Quando se observa a forma gráfica de um elenco de ideofones, independentemente da língua a que pertencem ou do conhecimento explícito que se tenha dela, de imediato sobressaem os seus formatos (Tabela 6).

Pichi (Yakpo 2009)	Coreano (Lee 1992)	Limbum (Blench 2010)
<i>katakata</i>	<i>poti l</i>	<i>bàpbàp</i>
<i>pɔtɔpɔtɔ</i>	<i>palt'ak</i>	<i>cwèpcwèp</i>
<i>wuruwuru</i>	<i>c'onc'on</i>	<i>dòoshidòoshì</i>
<i>gbogbògbo</i>	<i>ulakpulak</i>	<i>yèɛŋgèryèɛŋgèr</i>
<i>kóngkɔngkóng</i>	<i>colcol</i>	<i>yuŋriyuŋri</i>

**Tabela 6:** Exemplos de ideofones em Pichi, Coreano e Limbum

Mas é quando se ouve, pela primeira vez, um conjunto de ideofones que definitivamente se destacam. De resto, os próprios falantes percecionam-nos como "engraçados" ou "estranhos" (Childs 2003:118). A sua especificidade sonora é como que a sinalização de que se está perante um item cuja função e significado é diferente dos restantes itens lexicais. Esta irregularidade fonológica consiste, *grosso modo*, na violação das restrições fonotáticas da língua, manifestando-se nos inventários fonémicos mais ou menos

particulares do léxico ideofónico e nas estruturas silábicas e propriedades suprasegmentais mais variadas. Em resumo, pode-se subscrever a assunção de Kabuta (2001:143): “ideophones seem to form a class in which almost all normally discouraged phonological behaviors are allowed”.

### 3.1.1 PROPRIEDADES SEGMENTAIS

Os ideofones tendencialmente apresentam inventários fonémicos mais amplos do que as restantes palavras. Tedlock (1999:119) postula, aliás, que o uso de segmentos exclusivos nos ideofones é condição *sine qua non* para a sua identificação. No entanto, esta assunção é infirmada, pois se há, com efeito, línguas em cujos ideofones são empregues fonemas marginais, outras há em que ideofones partilham, sem exceções, os mesmos fonemas com o léxico não-ideofónico. Por exemplo, em Siwu, exclusivamente os ideofones utilizam a fricativa labiodental vozeada /v/ (Dingemanse 2011: 134), ainda que em apenas 2% do léxico ideofónico. Em Kisi, a consoante labial velar /gb/, em posição inicial, é apenas empregue nestas palavras (Childs 1988:172). Ainda dentro deste grupo, pode-se incluir o Shona (Fortune 1962), o Nigerian Pidgin English (Faraclas 1996) ou o Pichi (Yakpo 2009). Por outro lado, em Didinga (de Jong 2001) ideofones utilizam apenas os segmentos disponíveis nos respetivos sistemas sonoros.

Se se pode atribuir à função simbólica e representativa da realidade<sup>14</sup> a motivação para a extensão do inventário fonémico das línguas através dos ideofones, é também verdade que esta propriedade poderá ser o resultado ora de empréstimos ora da remanescência de um estágio anterior da língua em questão. Nas línguas Nguni, ideofones utilizam cliques, propriedade distintiva da família Khoisan; este comportamento parece ser claramente o resultado de um empréstimo (Lickey 1985, *apud* Bartens 2000).

Para além disto, ideofones são geralmente alvo de variação alofónica livre. Por exemplo, em Fula (Stennes 1968, *apud* Childs 1998), um falante produziu as variantes [paw], [paaw], [faaw] e [vaaw], salvaguardando o significado convencionado do ideofone. Este

---

<sup>14</sup> De acordo com Diffloth (1972), a iconicidade dos ideofones poderá ser um vestígio de um estágio anterior da língua, se se considerar que a relação entre som e significado já foi, em algum momento, menos arbitrária. Explicar-se-ia, assim, a ocorrência de certos fonemas extraordinários, sobretudo em ideofones onomatopaicos.

fenómeno é observável também nas línguas urálicas, nomeadamente em Finlandês - as formas *löyhöttää*, *löyhyttää*, *leyhyttää*, *läyhytellä*, *leuhuttaa* ou *leuhottaa* são usadas, sem distinção, para representar o ‘movimento de uma corrente de ar ou de uma brisa’ (Mikone 2001:228).

### 3.1.2 PROPRIEDADES FONOTÁTICAS

Os ideofones distinguem-se por violarem restrições fonotáticas, nomeadamente aquelas respeitantes às estruturas silábicas canónicas e às combinações de sons no interior destas. De forma geral, há um contraste entre línguas cujos ideofones seguem os constrangimentos fonotáticos regulares e ideofones que os ignoram, apresentando um leque de comportamentos ora mais livres ora mais restritos. Relativamente aos formatos silábicos, por exemplo, ideofones em crioulo da Guiné-Bissau exibem maior liberdade, integrando sílabas fechadas, apesar de a estrutura silábica canónica ser CV (Bartens 2000:15); do mesmo modo, em Siwu todas as estruturas silábicas regulares ocorrem nos ideofones, porém, os formatos excepcionais CV:, CVN e CVV: são admitidos (Dingemanse 2011: 136).

As idiossincrasias fonotáticas manifestam-se também no preenchimento segmental nas posições inicial, medial e final dos constituintes silábicos. As opções são mais restritas nuns contextos - em Kisi, apenas uma nasal velar pode preencher a coda dos ideofones, excluindo as demais nasais e líquida que tipicamente fecham as sílabas (Childs 1988: 173) e a oclusiva lábio-velar vozeada /g̃b/ só é utilizada em posição inicial em ideofones (Childs 1988: 176) - ou mais alargadas, como acontece com os ideofones em Mundang, única classe de palavras que admite as obstruintes /p, b, f, s/ em posição final de sílaba (Elders 2001: 99).

A harmonia vocálica é uma propriedade consistente nos ideofones: por exemplo, em Balinês, as vogais assimilam o traço de altura (e.g. *Kedi*, *Keni*, *Toti*) (Klamer 2001:173) e, em Siwu, 80% dos ideofones são monovocálicos e 90% monotonais (Dingemanse 2011:135).

### 3.1.3 PROPRIEDADES SUPRASEGMENTAIS

Até ao momento, pode-se traçar o seguinte quadro sumário: ideofones apresentam, por vezes, um inventário segmental mais amplo; são alvo de variação alofónica livre e violam amiúde os constrangimentos fonotáticos regulares da língua em que se inserem. Mas é no plano



suprasegmental que os ideofones manifestam mais significativamente comportamentos desviantes, manipulando intensidade, duração e tom enquanto mecanismos expressivos. Assim, e confrontando as especificidades listadas em Bartens (2000:18) e em Childs (1988:174), pode-se elencar as seguintes propriedades suprasegmentais associadas à produção de ideofones nas línguas do mundo:

- (i) diferenças na frequência fundamental (F0): a modulação do registo do discurso é verificada, por exemplo, em Shona (Fortune 1971);
- (ii) diversos fenómenos associados à produção fisiológica do discurso: voz ofegante, estridente, gutural ou sussurrada, como em Ewe (Ameka 2001) ou Temne (Wilson 1961);
- (iii) alongamento vocálico: um dos mecanismos mais produtivos nos ideofones, atestado em Gbeya (Noss 1975), Kisi (Childs 1988), Bini (Wescott 1977), Santome, entre muitas outras línguas;
- (iv) alongamento consonântico/geminação: menos frequente do que o alongamento vocálico, a geminação ocorre, por exemplo, em Katuena (Smoll 2014);
- (v) acento expressivo, registado em Shona (Fortune 1971) ou Zulu (Msimang & Poulos 2001);
- (vi) diversos padrões tonais: nuns casos, o tom é exclusivamente manipulado nos ideofones, e.g. em Sranan, língua crioula tipicamente assumida como acentual, os ideofones são produzidos com recurso a um tom lexical alto, ausente do restante sistema linguístico desta língua do Suriname. Noutros casos, a distribuição tonal regular é violada, como acontece em Temne (Kanu 2008), onde os ideofones apresentam tons mais altos, contrastando com os tons baixos que caracterizam outras classes de palavras; Wilson (1961:43), por seu turno, admite mesmo a utilização de “ultra high and falsetto pitches”;
- (vii) variação no ritmo ou velocidade do discurso: estratégia empregue em Santome, Kisi (Childs 1988) ou Ndyuka (Shanks & Velanti 1990, *apud* Bartens 2000).

Todas as propriedades supracitadas são mecanismos que contribuem decisivamente para as representações simbólicas dos ideofones. Destacam-se, de seguida, a expressividade

da manipulação de padrões tonais e do alongamento vocálico.

A variação tonal pode ser empregue, numa mesma sequência de segmentos, para representar uma determinada propriedade sensorial ou suprassensorial - em Ewe, como exemplifica o par em (7), os tons altos estão associados à noção de pequenez, ao passo que os tons baixos estão associados à grandeza (Ameka 2001:30).

- (7) a. *pótópótó* ‘som de um pequeno tambor’  
b. *potopoto* ‘som de um grande tambor’ (Ewe, Ameka 2001: 30)

O alongamento vocálico em final absoluto de palavra é, por seu turno, uma estratégia expressiva muito produtiva, ilustrando a duração, velocidade, qualidade, impacto, etc., daquilo que é representado pelo ideofone. Em Santome (8), o alongamento de *sũũ* favorece a percepção de que alguém olhou para alguma coisa fixamente de forma continuada. Do mesmo modo, em Katuena (9), a presença de uma vogal longa representa simbolicamente o prolongamento de uma ação no tempo, enfatizando a sua velocidade pouco célere (Smoll 2014:45).

- (8) *pya sũũ* ‘olhar fixamente’

- (9) *suru* ‘entrar em casa’ → *su:ru* ‘entrar em casa vagarosamente’  
(Katuena, Smoll 2014:45)

### 3.2. PROPRIEDADES MORFOLÓGICAS

As descrições tradicionais assinalam a não obediência dos ideofones a processos morfológicos regulares. Childs (1988:181) admite mesmo que “ideophones are characterized by having virtually no morphology” e Kilian-Hatz (2001:154) acrescenta que estas palavras são “simplexes”, uma vez que não admitem tipicamente a marcação de pessoa, tempo, modo, caso, género ou número. No entanto, uma das características prototípicas desta classe de palavras, presente na quase totalidade das línguas cuja ideofonia foi já descrita, reside

justamente num processo morfológico - a reduplicação.<sup>15</sup>

### 3.2.1. REDUPLICAÇÃO

A reduplicação é um processo morfológico, no qual uma palavra ou parte dela é repetida. Trata-se de um tipo de afixação não-linear em que um reduplicante se junta à direita ou à esquerda de uma forma-base (uma raiz ou radical), copiando total ou parcialmente o seu material melódico (McCarthy & Prince 1995; 1998). A reduplicação, de um modo geral e nos ideofones, pode ser total ou parcial, simples ou complexa. É total, como em (10), quando envolve a cópia de toda a base, e é parcial, em (11), quando pressupõe a cópia de apenas uma parte da base, como um grupo de fonemas, sílabas ou moras. Pode-se distinguir ainda a reduplicação simples da complexa (12): a última envolve a modificação do material original da base, ao passo que a primeira o conserva.

- (10)  $C_1 V_i C_2 C_3 V_{ii} C_4 \rightarrow C_1 V_i C_2 C_3 V_{ii} C_4 + C_1 V_i C_2 C_3 V_{ii} C_4$   
*kohvat-kohvat*  
‘[andar] devagar ou arrastando’ (Estónio, Mikone 2001: 230)

- (11)  $C_1 V_i C_2 \rightarrow C_1 V_i C_2 + V_i + C_2 C_2 + a$   
*sakákka*  
‘muito bonito’ (Wolaiita, Amha 2001:53)

- (12)  $C_1 V_i C_2 \rightarrow C_1 V_i C_2 + C_1 V_{ii} C_2$   
*čuk-ček*

---

<sup>15</sup> Saliente-se, no entanto, que nem todas as palavras reduplicadas são ideofones, nem todos os ideofones são reduplicados. Cf. Dingemanse (2015:947): “they often show reduplication, though this is neither a necessary nor a sufficient feature”. A título de exemplo, pode-se destacar os ideofones em Kriyol (Guiné-Bissau), geralmente não reduplicados (Couto 1995):

- (i) *pretu nok* ‘muito preto’
- (ii) *kinti wit* ‘muito quente’
- (iii) *limpu pus* ‘muito limpo’
- (iv) *i moja yop* ‘(ele) ficou muito molhado’

‘[falar] demais, de modo descuidado’

(Sre, Diffloth 1979:54)

Mais do que um processo formal, a reduplicação é utilizada como estratégia expressiva (Zwicky & Pullum 1987), servindo para representar simbolicamente a iteração, pluralidade, duração, distribuição, velocidade ou intensidade (Stolz 2007, *apud* Dingemanse 2015). Por exemplo, em Katuena, a reduplicação da sílaba final do ideofone *tʃi:kiri* - *tʃi:kiririri* está associada à maior duração da ação de espremer o sumo do fruto ou da cana-de-açúcar (Smoll 2014:54).

Importa ainda mencionar que algumas formas ideofónicas, apesar de aparentemente se assemelharem ao produto da aplicação de um processo de reduplicação propriamente dita, não o são realmente. Estes ideofones são constituídos por formas intrinsecamente reduplicadas, não se registando a existência de uma base lexical – uma raiz ou radical – a partir da qual se processaria a reduplicação convencional (13-15). Este fenómeno morfológico é denominado de reduplicação inerente (Smoll 2014), reduplicação fossilizada (e.g. Crowley 2006a) ou, ainda, repetição inerente (Dingemanse 2011:138). Em Santome, a maioria dos ideofones é intrinsecamente reduplicada (ver secção 4.2.1).

(13) \**vele* → *velevele*  
‘tonto’

(Siwu, Dingemanse 2011:138)

(14) \**ha* → *hahaha*  
‘rir’

(Katuena, Smoll 2014:54)

(15) \**pete* → (*fili*) *petepete*  
‘novíssimo’

(Santome)

Não se confundindo com a reduplicação, a repetição/reiteração também é uma estratégia manipulada no léxico ideofónico, para intensificar ou atenuar o conteúdo semântico dos seus elementos (Bartens 2000:24). Holm (2000:121) explicita a distinção entre os dois processos: “(...) while iteration is simply the repetition of a word for emphasis (‘a long, long walk’), reduplication is a mechanism for forming new words”.

### 3.2.2. MORFOLOGIA DERIVACIONAL E COMPOSICIONAL

No tocante a processos derivacionais, ideofones exibem comportamentos variáveis. Em geral, pode-se distinguir línguas em que ideofones são imunes a processos afixionais de formação de novas palavras, e.g. em Yir-Yoront (Alpher 2001), e línguas em que a morfologia derivacional é produtiva no léxico ideofónico, e.g. em Ilocano (Rubino 2001) ou em diversas línguas bantas. Neste último caso, ideofones podem constituir ora a forma de base à qual afijos se associam para criar novas palavras ora o resultado da derivação. Note-se que a direcionalidade da derivação nem sempre é fácil de identificar, porém regista-se uma “cross-linguistic tendency for ideophones to be derived from verbs” (Childs 1989). De facto, a relação entre ideofones e verbos parece ser bastante produtiva, atestada em muitas línguas bantas. Por exemplo, em Zulu, o sufixo *-iyani* pode ser adicionado a qualquer verbo para formar um ideofone que represente um estado de felicidade ou humor (Samarin 1971:142). Em (16), pode-se observar o processo deverbal de criação de um ideofone em Ngombe.

$$(16) \quad -k\epsilon ku_V \quad \rightarrow \quad k\epsilon ku-k\epsilon ku_{ID}$$

‘gaguejar’ (Ngombe, Samarin 1971:141)

Em Zulu (Voeltz 1971; Msimang & Poulos 2001) ou Kambera (Klamer 2000), verbos derivam de ideofones (17) e, em Estónio (Mikone 2001) ou Kisi (Childs 1988), afijos derivacionais são associados a ideofones para formar novas palavras, nomeadamente nomes (18).

$$(17) \quad mb\grave{u}tu_{ID} \quad \rightarrow \quad ka.mb\grave{u}tu.k_V$$

‘ruído (som)’                      ‘cair com aparato ruidoso’

(Kambera, Klamer 2000:206)

$$(18) \quad l\grave{o}nd\acute{o}_{ID} \quad \rightarrow \quad l\acute{o}nd\grave{o}ngnd\acute{o}_N$$

‘flácido, lânguido’                      ‘calças’

(Kisi, Childs 1988:181)

Em Katuna, ideofones podem ser alvo de um processo morfológico composicional, em que dois ideofones podem ser combinados para originar um outro (19). Esta é uma estratégia

rara, atestada somente nesta língua caribenha.

- (19) *tok* ‘agarrar’ + *saj* ‘subir’ = *tohsaj* ‘elevação’ (Katuena, Smoll 2014:55)

### 3.3. PROPRIEDADES SINTÁTICAS

A especificidade morfofonológica dos ideofones observada nas secções anteriores não encontra paralelo no comportamento sintático destas palavras. Ideofones exibem um certo grau de isolamento no interior das estruturas frásicas regulares, como assinala Kunene (1965:22): um ideofone “stands aloof from any sort of structural connection between itself and any part of the sentence”. Com efeito, a integração gramatical dos ideofones numa estrutura sintática tende a ser baixa (Dingemanse & Akita 2016:7): são itens mais periféricos (tendem a localizar-se num limite sintagmático), mais opcionais e mais autónomos (podem ocorrer em total isolamento). Segundo os autores, parece verificar-se uma correlação inversa entre a expressividade e a integração gramatical nas línguas do mundo: quanto mais expressivo for um ideofone (a expressividade pode ser medida, entre outros fatores, em termos de idiossincrasias fonológicas e suprasegmentais), menor será a sua integração na estrutura sintática da oração. Este comportamento explicar-se-á pela sua natureza semiótica: ideofones são palavras performativas que evocam e representam eventos ou estados que, para serem percecionadas e reconhecidas como tal, tenderão a afastar-se dos comportamentos típicos da linguagem prosaica, o que, neste caso, se consubstancia numa baixa integração gramatical. Nas próximas subsecções, são explicitadas algumas propriedades prototípicas que podem ser identificadas no que diz respeito aos tipos e funções sintáticas, bem como às restrições de colocação.

#### 3.3.1. CLASSIFICAÇÃO GRAMATICAL

Desde a Antiguidade Clássica (e.g. no *Órganon* de Aristóteles), procurou-se sempre distinguir categorias lexicais. Na generalidade das línguas distinguem-se nomes, adjetivos, preposições, verbos e advérbios, principalmente de acordo com critérios morfossintáticos e semânticos (e.g. Aikhenvald & Dixon 2003).

No que diz respeito aos ideofones, a classificação gramatical é problemática - em

algumas línguas são analisados como uma subclasse de outras classes de palavras, enquanto noutras se considera que formam uma classe autónoma. E é, sobretudo, através da análise das diferentes propriedades sintáticas dos ideofones nas diferentes línguas que se opta por uma destas categorizações gramaticais.

Segundo Ameka (2001:32), “there is no grammatical word class of ideophones as such in Ewe. Ideophonic words can fall into any syntactic class of the language. Thus there are nominal, adjectival, intensifier, verbal, adverbial as well as interjection ideophonic words.”, assunção semelhante à de Newman (1968) acerca da língua Hausa. Nestes casos, os autores consideram que os comportamentos sintáticos, funções e significados dos ideofones se aproximam dos de outras classes, o que legitima a sua classificação como uma subclasse de verbos, advérbios, nomes, etc.

Pelo contrário, Samarin (1971) ou Alpher (1994) identificam uma classe lexical independente de ideofones nas línguas bantas e em Yir-Yoront, respetivamente. A delimitação de uma categoria autónoma, para estes autores, é o resultado da análise das idiossincrasias estruturais, semióticas e semânticas dos ideofones, porém não ignorando as inquestionáveis relações estabelecidas com outras classes de palavras. Sasse (1993, *apud* Bartens 2000:25) propõe uma classificação intermédia, admitindo que se está perante uma classe gramatical distinta que pode eventualmente integrar as categorias N, V ou ADV.

### 3.3.2. TIPOS DE IDEOFONES

Bartens (2000: 19-20) distingue, para os crioulos atlânticos em particular e para as restantes línguas em geral, três tipos de ideofones, de acordo com as suas funções e estruturas sintáticas. A integração de um dado ideofone numa das categorias seguintes não é linear, podendo este incluir-se em mais do que um tipo.

- **ideofones intensificadores:** nesta categoria são incluídos ideofones que modificam, intensificam ou atenuam o conteúdo semântico de um verbo (20) ou adjetivo (21), à semelhança da função que os advérbios de intensidade desempenham nas línguas europeias. São, pois, traduzíveis por ‘muito’ ou ‘completamente’. Tipicamente, estes ideofones não são onomatopaicos.

(20) *a krim a oso fia.*

3SG limpar DET casa ID

‘Ele limpou a casa completamente.’

(Sranan, Smith & Adamson 2007)

(21) *ha tuck ʼirtʼa sasa*

este café frio ID

‘Este café está muito frio.’

(Wolaiita, Amha 2001:58)

A autora considera que os ideofones desta categoria veiculam um significado completamente abstrato (Bartens 2000:28). No entanto parece que os seus significados incluem também o significado do item ou do grupo restrito de itens que modificam. Em Santome, por exemplo, o ideofone *fenene* tem a função de intensificar a noção de brancura/claridade, associando-se, por isso, exclusivamente a adjetivos deste campo semântico, como *blanku* (22) ou *klalu*. Este tipo de restrição colocacional, condicionada pelo conteúdo semântico, infirma a abstração a que alude Bartens.

(22) *ê sa blanku fenene*

3SG COP branco ID

‘É branquíssimo/muito branco.’

- **ideofones introduzidos por verbos auxiliares:** estas construções incluem verbos como ‘dizer’, ‘fazer’, ‘pensar’, ‘ser’, que funcionam como os itens introdutórios de um dado ideofone. Doke (1955, *apud* Samarin 1971:149) defende que estes verbos são usados com o significado de ‘expressar’, ‘demonstrar’, ‘exemplificar, ou ‘manifestar’. Nestas construções, o ideofone determina o significado e as propriedades de subcategorização da combinação (Creissels 2001:78), ficando reservado ao verbo apenas a marcação de tempo, modo e aspeto e/ou a marcação de outras propriedades. Os ideofones deste tipo têm geralmente uma origem onomatopaica, dependendo do grau de gramaticalização do verbo que os introduz.

- **ideofones sintaticamente independentes:** são aqui incluídos todos os ideofones que não são integrados nas categorias anteriores. Distinguem-se principalmente pelo isolamento



sintático, por vezes até acompanhado de um isolamento prosódico. Podem corresponder a todas as categorias lexicais: nomes, adjetivos, advérbios, verbos ou interjeições. A iconicidade é muito frequente nestes ideofones, que revelam vários tipos de simbolismo sensorial.

### 3.3.3. RESTRIÇÕES DE COLOCAÇÃO, TIPOS FRÁSICOS E OUTRAS PROPRIEDADES SINTÁTICAS

Uma das mais significativas idiossincrasias dos ideofones diz respeito às restrições de colocação, atestadas numa grande variedade de línguas. Na generalidade dos casos, ideofones só podem coocorrer com o item ou o grupo restrito de itens que modificam, encetando com eles uma unidade sintática, semântica e prosódica. Em Suaíli, os ideofones *tititi* ('negrura; muito negro') e *pepepe* ('brancura; muito branco') são utilizados apenas com os verbos *-eusi* ('ser negro') e *-eupe* ('ser branco'), respetivamente (Childs 2003:123). Apesar de representarem o mesmo significado, os ideofones *pít* e *gbāŋ*, em Temne, não podem ser intercomutados em contextos similares, como exemplificado em (23-24).

- (23)    *ù-wáθ*                      *ù-l̀s*                      *pít/ \*gbāŋ*                      *kónò d̀er*  
          CL-criança              CL-mau                      ID                      3SG chegar  
          'Foi uma criança muito má que chegou.'

- (24)    *ù-lángbà*    *ù-b̀kì*                      *gbāŋ/ \*pít*                      *kónò d̀er*  
          CL-homem CL-velho                      ID                      3SG chegar  
          'Um homem muito velho chegou.'                      (Temne, Kanu 2008:128)

Relativamente aos tipos frásicos, ideofones ocorrem tipicamente em estruturas afirmativas e declarativas (e.g. Newman 1968:116; Childs 1994). Não obstante, também podem ser utilizados em frases imperativas e, menos frequentemente, em interrogativas ou negativas. As línguas KiVunjo-Chaga (Moshi 1993) ou Didinga (de Jong 2001) restringem os ideofones aos tipos declarativo e imperativo, ao passo que em Ewe (Ameka 2001) também se atestam ideofones em frases imperativas, negativas ou interrogativas. Com um efeito retórico, em (25) é integrado um ideofone numa frase negativa.

- (25) *Mòjèè* *de? kpèè!*  
 2SG.ouvir.PASS NEG ID  
 ‘Não ouves?: kpèè!’ (Baka, Kilian-Hatz 2001:158)

Kilian-Hatz (2001:158) defende uma “incompatibilidade” entre os ideofones e a negação, em virtude da função performativa dos ideofones: “the very function of ideophones is to simulate a sensation and not the absence of such a sensation”. Não deixando de ser uma observação pertinente, a integração de ideofones em construções negativas é possível e coaduna-se com as funções expressivas a que estão associados. Um falante de Siwu, ao explicitar o significado do ideofone *petepete* ‘magro, frágil’, utiliza uma construção negativa para representar o que este ideofone não é, contrastando-o com *gbògbòrò* ‘forte’ (26). Em suma, a negação é aqui o mecanismo empregue para contrastar expressivamente os dois ideofones, permitindo a sua representação e explicitação.

- (26) *ira né n-se petepete-petepetepete*  
 coisa REL CSD-ser ID-ME3  
 ‘Algo que é magro, frágil’  
  
*ì-i-gbògbòrò.*  
 CL.S-NEG-ID  
 ‘não é forte.’ (Siwu, Dingemanse 2011: 211)

A localização canónica dos ideofones na estrutura sintática é em limites sintagmáticos, frequentemente em posição medial e final das orações (e.g. Noss 1985), tratando-se este último do padrão mais frequente nas línguas do mundo. Dingemanse (2011: 160) nota que este comportamento está de acordo com a estrutura típica de tópico-comentário.

Em Nigerian Pidgin English (Faraclas 1996:282), ou em Hausa (27), os ideofones podem também ser focalizados.

(27) *gàrà̀m néé*

ID COP

‘É o som de alguma coisa a cair.’

(Hausa, Childs 2003:122)

Em geral, não se registam restrições significativas à integração de um ideofone numa frase complexa coordenada ou subordinada. Em Setswana, ideofones ocorrem com frequência em orações complexas declarativas, podendo mesmo ser relativizados. Pelo contrário, Alpher (2001:11) menciona que os ideofones em Setswana não integram orações subordinadas.

### **3.4. PROPRIEDADES SEMIÓTICAS, SEMÂNTICAS E PRAGMÁTICAS**

Para além da marcação estrutural, Diffloth (1972) afirma que “it is in the area of meaning however that ideophones present the most interesting problems” e, com efeito, tanto o modo de representação do signo ideofónico como os campos de significação dos ideofones se revelam particulares. Desde cedo, autores como Doke (1935) ou Samarin (1971) se aperceberam do desafio que constitui a definição categórica do significado de um ideofone. Em termos gerais, o significado de um ideofone concretiza o significado do item ou grupo de itens que modifica e com os quais pode estabelecer uma unidade sintática, prosódica e semântica (Bartens 2000:26) e, por conseguinte, é variável em função do contexto específico em que ocorre. Mas, acima de tudo, ideofones veiculam significados menos arbitrários do que os restantes elementos do léxico: parece verificar-se uma relação direta entre os seus significantes (formatos materiais, verbais e gestuais) e o significado, convocando percepções sensoriais e suprasensoriais. Nas secções seguintes, referir-se-á o processo que está na origem e função do signo ideofónico e explicitar-se-ão os domínios semânticos que estão associados aos ideofones.

#### **3.4.1. IDEOFONE ENQUANTO SIGNO NÃO-ARBITRÁRIO**

Um signo é uma entidade comunicativa e representativa que possui uma face material, i.e., passível de ser apreendida pelos sentidos - o significante - e uma face imaterial, que é estritamente mental e incompreensível para os sentidos - o significado. Geralmente, a relação

entre o significante e o significado não é previsível, não havendo nada na forma material que remeta para aspetos do significado. O signo linguístico é, portanto, tipicamente arbitrário (Saussure 1916).

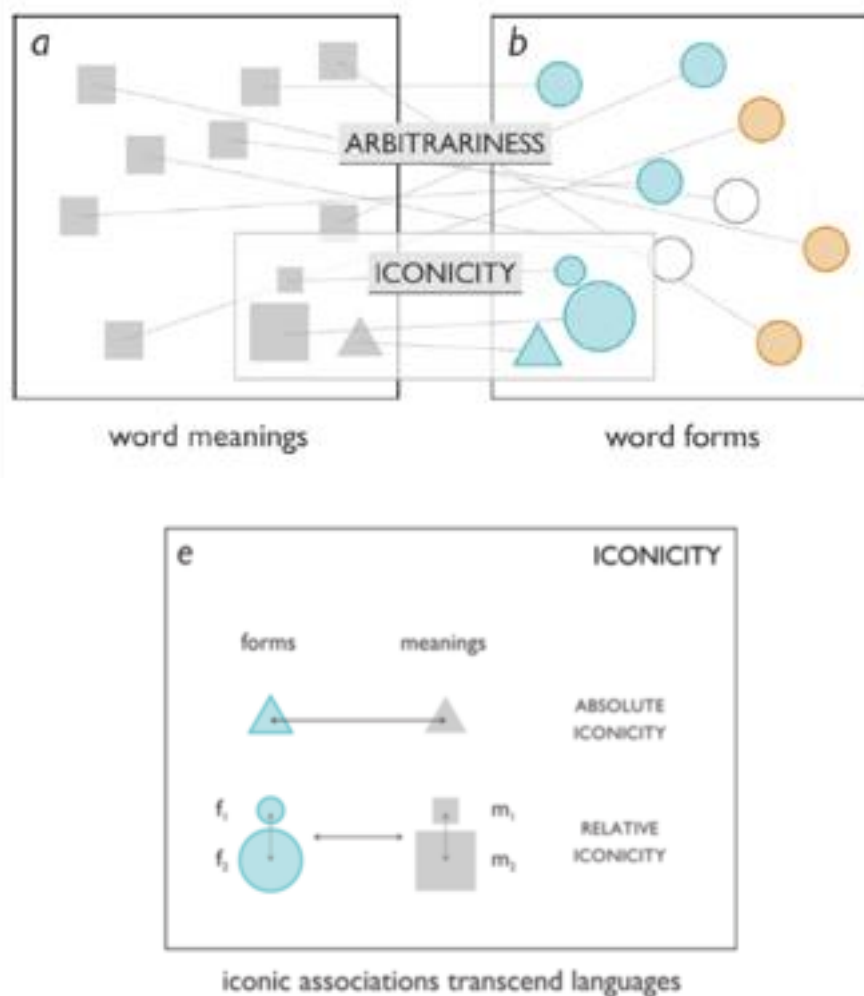
No entanto, a não-arbitrariedade é também uma propriedade relevante da linguagem (Hockett 1960), observável em muitos sistemas linguísticos e, sobretudo, na classe dos ideofones. Nestes itens, parece verificar-se uma correspondência recorrente entre os seus formatos e o significado que veiculam, evocando analogias percetivas apercebidas não só pelos falantes nativos de uma língua como também, por vezes, por falantes não-nativos. São, portanto, palavras menos arbitrárias e mais icónicas. Perniss & Vigliocco (2014: 2) definem iconicidade como a semelhança entre propriedades de uma forma linguística e as propriedades sensoriais, motoras e/ou afetivas de um referente. Vários padrões de iconicidade mais ou menos universais são atestados no léxico ideofónico: a reduplicação indica a repetição continuada de um evento, e.g. em Japonês, *goron* representa um objeto muito pesado a rolar, ao passo que *gorogoro* refere-se a um objeto muito pesado a rolar repetidamente (Imai & Kita 2014:1); o alongamento vocálico simula o prolongamento ou duração de um evento e os contrastes de vozeamento indicam contrastes de intensidade (Dingemanse *et al.* 2015: 16). A Figura 3 ilustra os conceitos de arbitrariedade e iconicidade.

Dingemanse (2011: 165-167) distingue três tipos de iconicidade nos ideofones: o primeiro tipo, que o autor designa como “*imagic iconicity*”, compreende as palavras cujas estruturas sonoras mimetizam um som do mundo real. Este tipo de iconicidade é transversal e facilmente reconhecido na generalidade das línguas do mundo, na classe das onomatopeias.<sup>16</sup> A iconicidade *Gestalt*, por seu turno, diz respeito à semelhança entre a estrutura interna das palavras e as características espaciais, temporais e aspetuais do referente, e.g. ideofones que são reduplicados geralmente indicam a repetição de um evento. Por último, distingue-se a iconicidade *relativa*, em que palavras com formas similares estabelecem relações de analogia com significados similares. Westermann (1927) foi o primeiro a identificar padrões de iconicidade relativa nas línguas africanas: por exemplo, tons altos e consoantes não-vozeadas estão associadas respetivamente à noção de pequenez e

---

<sup>16</sup> As formas linguísticas das onomatopeias não são cópias físicas de um dado som do mundo, antes constituindo uma “impressão psíquica desse som, a impressão que dele nos dá o testemunho dos nossos sentidos” (Saussure 1916:80), estando também condicionadas pelo inventário fonológico de cada língua.

rapidez, enquanto tons baixos e consoantes vozeadas evocam a noção de grandeza ou vagareza.



**Figura 3:** Arbitrariedade e iconicidade (Dingemanse *et al.* 2015: 17)

Face a esta exposição, fica implícito que ideofones possuem uma função para lá de meramente descritiva, antes convocando estes padrões de iconicidade (verbais e gestuais) para representar, reproduzir ou simular um evento ou estado extralinguístico, permitindo ao falante recriá-lo como se estivesse a ocorrer no momento da enunciação (Kilian-Hatz 2001:155). Kunene (2001:183) afirma que ideofones são “the closest linguistic substitute for a non-verbal, physical act” e, de facto, a relação inseparável entre a experiência e a linguagem já houvera sido notada: a partir de Nietzsche (1998), Gonçalo M. Tavares (2013:174) explica:

A experiência, para ser comunicável, tem de ser digerível pela linguagem, e esta tem de entender a experiência concreta, corporal; a linguagem tem de entender as ações, os movimentos; se não, nada feito: a experiência será impartilhável, será puramente individual: estará fora do mundo.

O ideofone é, pois, um elemento performativo<sup>17</sup> e dramatúrgico que convida os locutores a experienciar diretamente uma situação concreta do mundo, como se se tratasse de uma performance teatral (Kunene 2001:183). Nuckolls (1996, *apud* Kilian-Hatz 2001: 156) advoga ainda que o uso de ideofones em Pastaza Quechua auxilia o entendimento e intimidade entre locutor e ouvinte, criando entre eles a ilusão de que partilham a experiência de um mesmo evento ou estado.

Em virtude do caráter performativo dos ideofones, não é surpreendente que em muitas ocasiões a sua produção ou explicação seja acompanhada de gestos. Contrariamente aos gestos mais ou menos inconscientes que se utilizam no discurso comum, os gestos ideofônicos são atos deliberados cuja forma está tipicamente associada a aspetos semânticos do evento ou estado representado pelo ideofone (McNeill 1992 denomina este tipo de gestos como “depictive gestures”, termo recuperado mais tarde por Dingemanse 2011). O exemplo (28) da língua Siwu resulta da explicação informal de um falante acerca do que acontece quando começam a arder pequenos conjuntos de pólvora seca: o falante representa a ignição da pólvora através do movimento ascendente e muito rápido das duas mãos, como se se tratasse do movimento das chamas a flamejar.

(28)	<i>ǝ-bra</i>	<i>ì-a-bra</i>	<i>shû</i>	<i>shû</i>
	SUJ-fazer	CL-FUT-fazer	ID	ID
			G1	G1

‘Fez *shû shû*.’

G1: ambas as mãos movendo-se simetricamente num movimento rápido

---

<sup>17</sup> Desde cedo, a dicotomia descrição/representação foi notada no vocabulário ideofónico, à qual corresponde o contraste prosaico/expressivo (Diffloth 1972), descritivo/mimético (Güldemann 2008), discursivo/performativo (Nuckolls 1995), etc.

ascendente como o das chamas a flamejar

(Siwu, Dingemanse 2011: 346-347)

Em suma, produzir um ideofone e acompanhá-lo de um gesto/expressão facial ou corporal específica auxilia a visualização e compreensão da imagética sensorial e suprasensorial que geralmente estas palavras evocam.

### 3.4.2. CATEGORIAS SEMÂNTICAS

O significado categórico de um ideofone parece não ser facilmente identificável, variando, por vezes, em função do contexto em que ocorre<sup>18</sup>, no entanto, consensual é que ideofones representam, evocam, especificam, intensificam ou sugerem aspetos que derivam da percepção sensorial e suprasensorial. Noss (1986:243) observa que ideofones denotam “what is felt or what is observed through the senses” e Nuckolls (1995:146) acrescenta “salient sounds, rhythms, visual images, and psychophysical sensations that are drawn from perception of the environment and bodily experience”.

Os domínios conceituais veiculados pelos ideofones vão desde a flora, fauna (e.g. Elders 2001; Maurer 1989), doenças (e.g. Courtenay 1976) a gradações de cores, estados psíquicos, tipos de movimento, passando pelos mais variados contextos onomatopaicos. Bartens (2000:26-27) enumera os seguintes: sons de explosões, de objetos a cair, do farfalhar das folhas, da ebulição, movimentos diversos da água, a ação de partir, queimar, falar, coscuvilhar, sussurrar, tossir, andar, correr ou copular. Kilian-Hatz (1997, *apud* Bartens 2000:27) elenca 22 campos semânticos em que ocorrem ideofones em Baka, enquanto Klammer (2001:169) apresenta uma tipologia, identificando três grandes categorias semânticas: (a) impressões sensoriais: som, tato, sabor, cheiro, visão, sentimentos e emoções; (b) nomes ou alcunhas pessoais, nomes de lugares, plantas ou animais, evocando características físicas, e.g. a forma do corpo, cor da pele, o chilrear dos pássaros, etc; e (c) itens lexicais com conotações negativas e eventos ou estados (corporais, psicológicos, atmosféricos) indesejáveis.

---

<sup>18</sup> Moshi (1993:190), acerca da língua KiVunjo-Chaga, advoga mesmo que ideofones são “in most cases semantically empty but context dependent”; assunção que sobrevaloriza a dificuldade na delimitação linear do significado destas palavras.

Para as línguas do sul da Ásia, Watson (2001:394-395) estrutura os significados em 6 grandes categorias que claramente extravasam esta área linguística:

- SONS

SONS NATURAIS: chuva forte, chuviscos, trovões, vento, rochas a rolar sobre rochas, silêncio

SONS HUMANOS: falar, mastigar, atingir o solo ou outro alvo com uma variedade de instrumentos, atirar com armas

- LUZ, FOGO: luminosidade, ofuscar, morrer, pequeno, grande

- AÇÕES: cair, bater, falar, chorar, rir, andar, agarrar, rastejar, arranhar, pintar, sorrir, saltar, subir, enterrar, fumar, ouvir, carregar cargas

- MODOS: elegante, estranho, forte, cansado, gradual, casual, confuso, rápido, lento, desesperado, vários modos de locomoção

- AÇÕES INVOLUNTÁRIAS: contorcer, tremer, balançar, vibrar, ferver, aparecer, desaparecer, penetrar, morrer

- ESTADOS

NÚMERO: pouco, muito

APARÊNCIA FÍSICA (DE OBJETOS, PESSOAS, ANIMAIS OU DA NATUREZA): grande, pequeno, minúsculo, alto, baixo, comprido, magro, gordo, estreito, cheio, com dentes proeminentes, com listas, manchado, macio, gravidez, bonito, despenteado, imundo, descascado, rígido, íngreme, calvo, excêntrico, incongruente, plano, pontiagudo, brusco, irregular, curvado, ondulado, circular, retangular, cheio, vazio, espaçoso, vermelho, preto, branco, justo, folgado, modelado, frouxo, desgastado, enrugado.

POSIÇÕES: deitar-se, inclinar-se, olhar, aprender, abrir, fechar, prender

POSIÇÃO SOCIAL: rico, pobre

SENSAÇÕES FÍSICAS (INCLUINDO TÁTEIS): dor da queimadura ou picada, dor de cabeça, tonturas, quente, frio, molhado, seco, suave

EMOÇÕES: solidão, saudade, felicidade, tristeza, ansiedade, vergonha, desinibição, raiva, ódio, esperar em vão

SABORES: amargo, doce

ODORES: mau cheiro, fragrâncias



### 3.4.3. FUNÇÕES PRAGMÁTICAS E USO

Ideofones são usados em situações pragmáticas e discursivas específicas, nas diversas línguas do mundo. Enquanto itens expressivos, não é de estranhar que o seu uso esteja sobretudo associado à comunicação oral.<sup>19</sup> Ameka (2001:33) nota que ideofones são empregues na generalidade das conversações diárias, bem como nas transmissões radiofónicas e televisivas em Ewe. Porém, ideofones não se restringem às interações espontâneas quotidianas, integrando narrativas de expressão oral, contos tradicionais ou cantos fúnebres. São encarados como mecanismos expressivos, dramáticos, vívidos que, na reprodução de textos literários e poéticos, desempenham uma função característica, como advoga Konrad:

Ideophones are literary devices used to heighten dramatic tension, to accentuate certain actions and to draw attention to certain images and emphasize others. Ideophones are in effect an enormously affective and efficient tool performers have at their disposal to develop the privileged relationship shared between narrator and audience in a culturally defined context. (Konrad 1994, *apud* Ameka 2001:33)

Mphande (1992), do mesmo modo, atribui aos ideofones em ChiTumbuka um papel preponderante na expressão dos eventos ou situações retratadas nos textos narrativos e poéticos, permitindo ao narrador criar a ilusão de que “we are having a sensual perception thereof, which endows the ideophone with its ability to intensify a situation. In this way, ideophones dramatize the action”. Kilian-Hatz (1997:125) confirma esta assunção, a partir dos dados da língua Baka. Para além destes géneros, Mphande (1992) associa o vocabulário ideofónico também ao subgénero das canções de embalar e demais repertório infantil, defendendo inclusivamente a sua importância para a aquisição da linguagem: “they constitute an important part of the linguistic input that children receive during early language learning; they play a particularly significant role in the acquisition of intonation”.

Posto isto, parece que ideofones são mecanismos que facilitam o envolvimento entre

---

<sup>19</sup> É plausível, pois, que o carácter predominantemente oral dos ideofones tenha motivado a relativa discriminação desta classe de palavras nas tradicionais descrições linguísticas (Voeltz & Kilian-Hatz 2001:2).

participantes: quer na reprodução de um conto tradicional quer no relato de uma qualquer efeméride pessoal e divertida, a sua função é a de permitir entre narradores e ouvintes a partilha da experiência representada. Este entendimento mútuo é explicado por Lydall (2000:18-19): “because of their dense and often untranslatable nature, ideophones generate feelings of shared mental and emotional states, and thence shared identity, among those who use and enjoy them.

Naturalmente, os usos e funções aqui referidos poderão variar de língua para língua. O que, por exemplo, é verdade para o ChiTumbuka relativamente à prevalência e relevância do léxico ideofónico na linguagem infantil, não o será definitivamente para outras línguas cujas crianças ignoram esta classe de palavras. Importará, por isso, referir que o conhecimento e uso de ideofones está condicionado por alguns fatores sociolinguísticos, como a idade, o género, a classe social ou o nível de isolamento/urbanização e de prestígio de um dado grupo linguístico. Childs (1989; 1998; 2001) aponta o caso dos falantes de Zulu na África do Sul: os ideofones estão a desaparecer progressivamente, em virtude da crescente urbanização e do prestígio de línguas contíguas (Inglês, Afrikaans) que não possuem ideofones. Deste modo, só utilizadores mais velhos ainda usam ideofones nas conversações diárias. O abandono progressivo de ideofones ou a substituição por vocabulário prosaico é, de resto, uma situação comum, que sinaliza alterações sociolinguísticas próprias de sociedades em situação de diglossia ou multiglossia, como a que se verifica na ilha de São Tomé.

### **III. IDEOFONES EM SANTOME**



#### 4. O QUE É UM IDEOFONE EM SANTOME?

Há uma canção popular são-tomense que é comumente reproduzida no período da gravana, i.e., a estação seca em São Tomé e Príncipe, compreendida entre os meses de maio e setembro. Nessa cantiga, alude-se ao frio característico dessa estação e ao consequente desconforto a ele associado, que despoleta até o tremor do corpo. E é justamente para representar ou mimetizar esse tremor que se utiliza uma palavra formal e semanticamente marcada. Atente-se na canção<sup>20</sup>:

<i>Tempu di glavana,</i>	‘No tempo de gravana,
<i>Fyô ka mata mun,</i>	O frio mata-me,
<i>Klôpô ntêlu,</i>	Todo o corpo,
<i>Ska tlêmê tatata.</i>	Está a tiritar.’

Num primeiro momento, apercebe-se que essa palavra é composta por três sílabas repetidas, a que provavelmente estará associado algum fenómeno prosódico só decodificado no discurso oral e não traduzível na ortografia. Uma vez conhecido o seu significado, importará questionar qual a relação com o elemento que imediatamente a precede: parece modificar, concretizar ou especificar o significado do verbo *tlêmê* ‘tremar’. Trata-se, pois, da palavra *tatata*, uma das muitas dezenas de palavras do Santome a que se atribui a designação de ‘ideofone’.

Será necessário recuar até Valkhoff (1966) e Ferraz (1979) para as primeiras referências e descrições do léxico ideofónico neste crioulo. E é justamente na monografia seminal de Ferraz que se encontra a primeira descrição de referência para a compreensão e estudo preliminar das propriedades fonológicas, sintáticas e semânticas dos ideofones. Entretanto, só com a publicação do dicionário de Araújo & Hagemeijer (2013) e com a disponibilização em linha do *Corpus Santome* (2014), foi possível o agrupamento e registo de cerca de noventa ideofones. O confronto destes materiais com a abundante bibliografia acerca desta classe de palavras nas várias famílias linguísticas possibilitou o estabelecimento de algumas questões: o que serão ideofones em Santome? Que características prototípicas

---

<sup>20</sup> Ver Negreiros (1895) para outras canções populares, adágios e provérbios de São Tomé e Príncipe.

lhês estarão associadas? Qual o seu grau de especialização formal e semântica? Formarão uma classe gramatical distinta ou serão agrupados noutras categorias pré-existentes?

Tendo como ponto de partida as considerações de Ferraz (1979) e a assunção de que os ideofones partilham interlinguisticamente um conjunto mais ou menos alargado de características prototípicas, o objetivo das próximas secções será o de identificar e descrever algumas propriedades formais (sintáticas e morfofonológicas), semânticas e pragmáticas que particularizam o subconjunto de palavras do Santome a que se atribui tipicamente a designação de ideofones. Com base nestes dados, postular-se-á que, de facto, o Santome dispõe de uma categoria autónoma<sup>21</sup> de ideofones, distinta da dos advérbios, adjetivos ou verbos. O facto de os próprios falantes percecionarem este tipo de material linguístico como especial, engraçado ou específico para determinados contextos ou referentes será também um argumento para a sua distinção categorial.

A organização deste capítulo não obedece à estrutura típica das descrições linguísticas, em virtude da preponderância do módulo sintático no que diz respeito à apresentação e discussão das propriedades idiossincráticas dos ideofones em Santome. Assim, o capítulo articula-se do seguinte modo: analisam-se em 4.1. as restrições combinatórias e demais propriedades sintáticas; em 4.2. as propriedades morfológicas, segmentais, suprasegmentais e, por fim, em 4.3. as estruturas de significação, funções e usos dos ideofones em Santome.

#### **4.1. PROPRIEDADES SINTÁTICAS**

É no módulo sintático que os ideofones em Santome apresentam a mais prototípica característica: a integração sistemática e exclusiva em combinações pré-determinadas, cujo comportamento formal e semântico é unitário ou tendencialmente unitário. Nas subsecções seguintes analisam-se, assim, as restrições combinatórias dos ideofones, bem como as propriedades sintáticas e semânticas das respetivas sequências a que pertencem. Por fim,

---

<sup>21</sup> Determinar que os ideofones constituem uma categoria gramatical autónoma não é um exercício fácil. A controvérsia é ampla e opõe autores que, com base em critérios morfofonológicos e semânticos, defendem a independência categorial dos ideofones e outros que, privilegiando critérios distribucionais os subordinam a classes regulares como a dos advérbios ou verbos (cf. secção 3.3.1.).

outras generalizações aplicadas ao léxico ideofónico são apresentadas, nomeadamente no que diz respeito aos tipos frásicos em que ocorrem e à coordenação e subordinação.

#### 4.1.1. RESTRIÇÕES COMBINATÓRIAS

Na canção do início do capítulo, observou-se que imediatamente antes do ideofone *tatata* se encontrava o verbo *tlêmê*. O significado do ideofone não ficara claro, mas, dada a tradução, parecia estar relacionado com o verbo que o antecedia. Consultando o dicionário, obtém-se a seguinte definição:

- (29) **tatata** [tata'ta] (*id.*) 1. Cf. flexku tatata. 2. Cf. lêdê tatata. 3. Cf. tlêmê tatata. 4. Cf. vivu tatata.

A definição não é esclarecedora, no entanto, sinaliza o leitor para um dos aspetos mais distintivos dos ideofones: a sua integração exclusiva em unidades multilexicais (UML) unitárias ou tendencialmente unitárias.<sup>22</sup> De facto, os falantes, quando questionados acerca do significado de um dado ideofone, imediatamente recrutam do seu léxico mental informação relativa às palavras que com este elemento se “relacionam”. Só depois deste exercício são então capazes de sugerir ou evocar um significado, que se aplica não só ao ideofone como também aos outros elementos que com ele se combinam. O resultado da combinação frequente e preferencial destes itens é uma sequência que apresenta, tendencialmente, um elevado grau de lexicalização<sup>23</sup>, a que se pode atribuir a designação de

---

<sup>22</sup> Ferraz (1979:77-78), entre outros aspetos, já houvera sublinhado a dependência dos ideofones face ao item ou grupo restrito de itens ao qual estão associados, criando com eles uma unidade lexicalizada tipicamente coesa e, por isso, não permitindo a inclusão de material linguístico no seu interior. Segundo o autor, esta restrição de colocação, juntamente com o facto de não permitirem a coocorrência de outros modificadores e de servirem como “closure for the sentence”, distinguiria os ideofones dos advérbios.

<sup>23</sup> A lexicalização é um processo gradual e não regular de fixação de sequências de palavras em grupos formal e semanticamente coesos, com um comportamento semelhante ao de uma unidade do léxico (Bacelar do Nascimento 2013:215). Essas sequências, denominadas de unidades multilexicais (UML), podem manifestar um maior ou menor grau de coesão interna, distinguindo-se, por isso, vários tipos de sequências lexicalizadas (e.g. compostos morfossintáticos, siglas e aforismos apresentam um elevado grau de lexicalização e contrastam com colocações, combinatórias ou coocorrentes privilegiados). Três critérios são tidos em conta na identificação e na aferição do grau de lexicalização das unidades multilexicais: (i) a fixidez sintática da sequência; (ii) a não composicionalidade (ou opacidade) da sequência; e (iii) a

unidade multilexical. Mas, diferentemente das restantes unidades multilexicais disponíveis na língua (e.g. *da kebla* ‘rir’ = *da* ‘dar’ + *kebla* ‘gargalhada’; *punda kamanda* ‘porquê?’ = *punda* ‘porque’ + *ka* < *kwa* ‘coisa’ + *manda* ‘mandar’), estas particularizam-se devido à seleção dos ideofones. Ao contrário da generalidade dos itens linguísticos, os ideofones não podem ser selecionados de acordo com um “princípio de livre escolha”, estando limitados à coocorrência com o item ou grupo (muito) restrito de itens de conteúdo mais ou menos sinonímico (ou metafórico) com os quais estabelecem uma relação formal e semântica. Por conseguinte, não é expectável encontrar ideofones fora das suas respetivas combinações/colocações, quer ocorrendo sem o elemento que os seleciona quer ocorrendo em combinações novas e não-convencionadas.

Todos os ideofones em Santome integram, assim, sequências constituídas por elementos lexicais nominais, adjetivais, preposicionais ou verbais (30).

(30) Restrições combinatórias dos ideofones em Santome:

Núcleo N, ADJ, PREP, V + Ideofone

Esta é, com efeito, a propriedade mais distintiva do léxico ideofónico, uma vez que se aplica a todos os seus elementos. Nas secções 4.2. e 4.3. apresenta-se evidência que demonstra que as idiossincrasias morfofonológicas ou semânticas são muito mais restritas, aplicando-se a subconjuntos diversos de ideofones e não a todo o inventário).

De seguida, explicitam-se as propriedades sintáticas e semânticas destas combinações/colocações.

#### 4.1.1.1. PROPRIEDADES SINTÁTICAS E SEMÂNTICAS DAS COLOCAÇÕES

As colocações que integram ideofones apresentam graus de fixidez sintática e de coesão semântica variáveis. A flexibilidade formal pode ser medida no plano paradigmático e sintagmático. No plano paradigmático, verifica-se que permitem a substituição ou comutação de um dos seus elementos, tipicamente o núcleo. A possibilidade de variação lexical é

---

frequência mais ou menos regular das UML. Para uma abordagem global aos processos de lexicalização e às unidades multilexicais disponíveis no Português Europeu, conferir Bacelar do Nascimento (2013:215-246).



possível, mas bastante limitada, restringindo-se a elementos de conteúdo sinonímico – cf. (31) e (32).

- (31) *blanku fenene*  
branco ID  
‘branquíssimo; muito branco’

- (32) *klalu fenene*  
claro ID  
‘claríssimo’

Verifica-se, ainda, a possibilidade de um ideofone ser selecionado por mais do que um núcleo, integrando, desse modo, outra unidade multilexical diferente – cf. (33) e (34).

- (33) *da son dũ*  
dar chão ID  
‘cair estatelado’

- (34) *kulu dũ*  
escuro ID  
‘escuríssimo; noite cerrada’

No plano sintagmático, estas sequências ocupam uma posição fixa. A ordem dos constituintes é muito rígida, inviabilizando-se totalmente a sua alteração (35).

- |      |    |                     |                          |
|------|----|---------------------|--------------------------|
| (35) | a. | <i>pletu lululu</i> | cf. <i>*lululu pletu</i> |
|      | b. | <i>tlêmê tatata</i> | cf. <i>*tatata tlêmê</i> |
|      | c. | <i>djina txitxi</i> | cf. <i>*txitxi djina</i> |

De forma geral, não é permitida a inserção de elementos novos no interior da sequência lexicalizada. Não obstante, algumas destas sequências permitem a integração de

material linguístico no seu interior, nomeadamente aquelas cujo significado do ideofone não é tão dependente do significado do seu antecedente, e.g. (36) e (37).

- (36) *Ê fla Santome vonvon.*  
 3SG falar Santome ID  
 ‘Ele fala à toa em Santome.’ (elicitación)
- (37) *Djina n lembla mu txitxi (...)*  
 desde 1SG lembrar me ID  
 ‘Lembro-me desde criança/pequeno (...)’ (Corpus Santome)

A violação das restrições combinatórias aqui expressas traduz-se na ocorrência de ideofones sem a presença do item ou itens que geralmente modificam. Esta maior independência pode ser motivada pelo carácter mais icónico de alguns ideofones, cujas estruturas sonoras mimetizam/evocam/representam um aspeto (sonoro, visual, psicomotor, etc.) do mundo real. Os exemplos (38) e (39) apresentam um caso de similitude entre a estrutura morfofonológica e as características espaço-temporais de um evento (ver *Iconicidade Gestalt*, secção 3.4.1.).

- (38) *Fulanu vu.*  
 fulano ID  
 ‘O fulano saiu/ desapareceu repentinamente.’ (elicitación)
- (39) *Sungê toma kabla, vu.*  
 senhor pegar cabra ID  
 ‘O senhor pegou na cabra e desapareceu.’ (Corpus Santome)

A estrutura monossilábica e não reduplicada do ideofone *vu* parece relacionar-se com o facto de este designar uma ação repentina, nomeadamente a de sair de repente, sem aviso prévio. É como se a curta duração deste elemento linguístico imitasse o eclipsar de alguém. Nesse sentido, justifica-se a violação da colocação típica *xê* ‘sair’ + *vu* e a consequente

realização independente do ideofone.

O significado das sequências ideofônicas não é obtido através da soma do significado dos seus elementos constituintes, já que uma grande parte dos ideofones não possui significado lexical independente<sup>24</sup> (o que explicará a sua não utilização fora das respectivas combinatórias). São, portanto, unidades não-composicionais. A interpretação destas sequências pressupõe, não obstante, um certo grau de motivação e fundamentação semântica, que impede que, por exemplo, o ideofone *fenene* se associe ao adjetivo *pletu* ‘preto’. Afirmar que alguém ou alguma coisa é ou está *blanku fenene* pressupõe de antemão a visualização, por parte dos interlocutores, do tipo ou grau (geralmente, muito intenso) de brancura, claridade ou palidez.

#### 4.1.1.2. TIPOLOGIA DAS COLOCAÇÕES

Pode-se identificar quatro tipos de unidades multilexicais que integram ideofones, de acordo com a classe gramatical do primeiro elemento da sequência. É este elemento que definirá a categoria sintática da combinação e que, por isso, constituirá o seu núcleo sintagmático. A ordem pela qual estão listados os diferentes tipos segue o critério de frequência: em Santome, grande parte dos ideofones modifica um adjetivo, seguindo-se a modificação de verbos, nomes e, por fim, de preposições. De seguida, cada uma destas combinações será analisada, tendo em conta a relação sintático-semântica estabelecida entre a base e o ideofone.

##### ADJETIVO + IDEOFONE

Os adjetivos destas combinações são tipicamente qualificativos e, por isso, graduáveis, i.e., são passíveis de ordenação numa escala de valores e, para o efeito, compatíveis com o advérbio de intensificação/quantificação “muito” ou com o modificador proporcional “completamente”. Trata-se de adjetivos de medida ou dimensão (40), de qualidade (41), de cor<sup>25</sup> (42) e de estado (43), participais e não-participiais.

---

<sup>24</sup> Esta propriedade pode ser relevada no agrupamento dos ideofones numa classe gramatical/funcional. Para além da dependência semântica, a dependência sintática e o facto de se constituírem como uma classe fechada (i.e., tendencialmente não admitindo a formação/empréstimo de neologismos) motiva esta distinção.

<sup>25</sup> Assume-se que os adjetivos que exprimem cor não são graduáveis mas, em virtude das diversas tonalidades que as cores podem apresentar, em alguns contextos esta assunção é infirmada (Mateus *et al.* 2003:381).

- (40) *betu* ‘aberto’, *xa* ‘cheio’, *longu* ‘longo’, *mlagu* ‘magro’
- (41) *doxi* ‘doce’, *flexku* ‘fresco’, *fili* ‘novo’, *finu* ‘bom, elegante’, *fyô* ‘frio’, *kentxi* ‘quente’, *kulu* ‘cru’, *labadu* ‘lavado’, *liku* ‘rico’, *limpu* ‘limpo’, *lizu* ‘duro’, *moli* ‘mole’, *novu* ‘novo’, *pobli* ‘pobre’, *seku* ‘seco’, *suzu* ‘sujo’, *ve* ‘velho’, *vivu* ‘vivo’, *zedon*, *zedu* ‘azedo’
- (42) *blanku* ‘branco’, *klalu* ‘claro’, *kulu* ‘escuro’, *pletu* ‘preto’, *vlêmê* ‘vermelho’, *zulu* ‘azul’
- (43) *dwentxi* ‘doente’, *filidu* ‘ferido’, *lêdidu* ‘aceso’, *mundjadu* ‘parado’, *unu* ‘nu’, *tezadu* ‘esticado’

Os ideofones nestas colocações funcionam como modificadores de intensificação/quantificação e de proporção, remetendo para o grau máximo da propriedade veiculada pelo adjetivo. Ocorrem em posições atributivas, pospostos aos adjetivos e não é expectável que violem as restrições de colocação, integrando material linguístico entre a base e o ideofone ou ocorrendo sem o respetivo elemento nuclear, e.g. (44-46).

- (44) *Ê ka byê fika seku klakata, a pô kume.*  
 3SG IPFV cozer ficar seco ID INDF poder comer  
 ‘Coze e fica sequíssimo; pode-se comer.’ (Corpus Santome)
- (45) *Ũa mosu se pletu lululu ku kaza ku mina di men mu.*  
 um rapaz DEM preto ID que casou com filha de mãe minha  
 ‘Um rapaz pretíssimo que casou com a filha da minha mãe.’ (Corpus Santome)
- (46) *Ũa dja, sun lema muswa, sun pega izê,*  
 Um dia 2SG armar armadilha 2SG segurar camarão,  
*muswa xa pu.*  
 armadilha cheio ID  
 ‘Um dia, ele montou a armadilha, apanhou o camarão, a armadilha encheu completamente/ficou muito cheia.’ (adaptado de Corpus Santome)

As exceções estarão relacionadas com o caráter mais icônico de alguns ideofones, como *dĩĩ*, *kwenkwenkwen*, *txeketxeke*, *tĩĩ* ou *tõõ*. No exemplo (47), o ideofone *txeketxeke*, uma vez que representa uma tipologia corporal específica de magreza associada à altura e a consequente fraqueza ou fragilidade, dispensa a base *mlagu* ‘magro’ e ocorre em posição predicativa. A violação da colocação é, assim, legitimada pela significação mais simbólica do ideofone.

- (47) *Ê sa txeketxeke, maji ê tê kala di ngê di fôsa.*  
 3SG COP ID mas 3SG ter cara de pessoa de força  
 ‘Ele é frágil, mas parece ter um caráter forte.’ (Ferraz 1979:78)

Ainda relativamente a violações de comportamentos prototípicos, parece também ser possível a modificação posposta destas combinações através do advérbio *muntu* ‘muito’<sup>26</sup>, como mecanismo de reforço expressivo. Os falantes reconhecem a gramaticalidade de frases como a (48), ainda que admitam que não é um comportamento linguístico preferencial e que a expressividade da colocação é, por si só, suficiente e, por isso, não necessita de modificação adicional. Com efeito, utilizar a expressão *blanku fenene* já pressupõe a visualização, por parte dos interlocutores, do tipo ou grau (geralmente, um grau superlativo absoluto) de claridade, brancura ou palidez de um referente.

- (48) *Mina se sa blanku fenene muntu.*  
 criança DEM COP branco ID muito  
 ‘Esta criança é branquíssima/muito, muito branca.’ (elicitación)

As combinações de adjetivo + ideofone parecem não ser totalmente opacas, verificando-se a possibilidade de introdução de novas combinações a partir de outras pré-

---

<sup>26</sup> Ferraz (1979) defende mesmo a impossibilidade de ocorrência de qualquer outro modificador numa oração que integre um ideofone. O exemplo apresentado pelo autor para justificar esta assunção foi testado no decurso desta investigação: os falantes não confirmaram essa impossibilidade, admitindo a gramaticalidade da oração *ê sa kentxi zuzuzu ni xtlada* ‘Está quentíssimo (=muito calor) na estrada’, em que *zuzuzu* é seguido do adjunto *ni xtlada*.

existentes. Para isso, os falantes criam participípios adjetivais, associando o sufixo derivacional *-du* a verbos que integram outras unidades multilexicais que integram ideofones (49-50).

- (49)
- |    |                        |   |  |
|----|------------------------|---|--|
| a. | <i>danav kotokoto</i>  | → | <i>danadu<sub>ADJ</sub> kotokoto</i>               |
| b. | <i>monhav potopoto</i> | → | <i>monhadu<sub>ADJ</sub> potopoto</i>              |
| c. | <i>bixiv fyefyefye</i> | → | <i>bixidu<sub>ADJ</sub> fyefyefye</i> (elicitação) |

- (50) *Tela pletu sa dê danadu kotokoto.*

nação preto COP POSS      estragado ID

‘África está completamente arruinada.

(Corpus Santome)

#### VERBO + IDEOFONE

Estas combinações integram verbos principais e colocações verbais<sup>27</sup>, que pertencem à subclasse dos verbos transitivos (51) e à dos verbos intransitivos (52).

- (51) *ba* ‘ir’, *bila* ‘tornar’, *bixi* ‘vestir’, *dana* ‘estragar’, *djinga* ‘abandar(-se)’, *fla* ‘falar’, *flêbê* ‘ferver’, *kaba* ‘acabar’, *kebla* ‘partir’, *kota* ‘cortar’, *monha* ‘molhar’, *pya* ‘olhar’, *sela* ‘cheirar’, *sendê* ‘estender(-se)’

- (52) *da kebla* ‘gargalhar’, *da son* ‘cair’, *fia* ‘arrefecer’, *fede* ‘cheirar mal’, *fela* ‘aquecer’, *kaboka* ‘calar(-se)’, *klêsê* ‘crescer’, *kolê* ‘correr’, *lêdê* ‘arder’, *luji* ‘luzir’, *sola* ‘chorar’, *tason* ‘sentar(-se)’, *tlêmê* ‘tremar’, *xê* ‘sair’

De acordo com os dados espontâneos considerados, verificou-se que, na presença de ideofones, um subconjunto de verbos transitivos exhibe uma variante anticausativa, sem expressão do argumento interno/desencadeador. Este comportamento permitiu a formulação da hipótese de que os ideofones estariam associados à anticausatividade, anulando o argumento com papel temático de desencadeador/causa dos verbos transitivos. Os juízos dos

---

<sup>27</sup> Colocações verbais são unidades multilexicais que integram, pelo menos, um elemento verbal e cujo significado global é tendencialmente transparente, e.g. *da kebla* (lit. ‘dar’ + ‘gargalhada’), *da son* (lit. ‘dar’ + ‘chão’). *Kaboka* ‘calar(-se)’ é outro caso de lexicalização, desta feita reunindo na mesma forma morfológica um vestígio do verbo ‘calar’ e o nome *boka* ‘boca’.

falantes infirmaram, no entanto, esta hipótese: a presença de um ideofone não licencia obrigatoriamente a intransitivização destes verbos e, portanto, ambas as estruturas – causativa transitiva e anticausativa – são admitidas, e.g. (53) e (54).

- (53) a. *Zon sendê kampu.*  
João estender campo.  
'O João estendeu o campo.'
- b. *Zon sendê kampu byôlôlô.*  
João estender campo ID  
'O João estendeu muito o campo.'
- c. *Kampu sendê byôlôlô.*  
campo estender ID  
'O campo estendeu-se muito/expandiu-se.' (elicitación)
- (54) a. *Zon dana lêdê.*  
João estragar rede  
'O João estragou a rede.'
- b. *Zon dana lêdê kotokoto.*  
João estragar rede ID  
'O João estragou completamente a rede.'
- c. *Lêdê dana kotokoto.*  
rede estragar ID  
'A rede estragou-se completamente.' (elicitación)

Ainda relativamente aos ideofones selecionados por verbos transitivos, constata-se que os ideofones se localizam sistematicamente em posição final de VP (55a) e (56a), nunca interrompendo a sequência verbo-argumento interno, como se verifica em (55b) e (56b).

- (55) a. *Ê fla Santome vonvon.*  
3SG falar Santome ID
- b. *\*Ê fla vonvon Santome.*

‘Ele fala à toa em Santome.’ (elicitação)

(56) a. *Zon sendê kampu byôlôlô.*

João estender campo ID

b. \**Zon sendê byôlôlô kampu.*

‘O João estendeu muito o campo.’ (elicitação)

Os dados sugerem que estes ideofones ocupam, assim, uma posição de adjunção relativamente ao VP a que pertencem, apresentando uma distribuição idêntica à dos advérbios de VP que não apresentam as mesmas restrições semânticas, como por exemplo *lolo*<sup>28</sup> ‘completamente’ (57-58).

(57) *Zon kume pixi lolo.*

João comer peixe completamente

‘O João comeu o peixe *todinho*.’ (elicitação)

(58) *Zon futa mwala djêlu lolo.*

João roubar mulher dinheiro completamente

‘O João roubou o dinheiro todo (=sem deixar nada) à mulher.’ (elicitação)

No que concerne à função, estes ideofones especificam o significado intrínseco dos verbos que modificam, tipicamente explicitando o modo ou a intensidade desses processos verbais (59-60).

---

<sup>28</sup> *Lolo* é identificado em Araújo & Hagemeyer (2013) como ideofone, modificando o verbo *kaba* ‘acabar’ com o significado de ‘acabar completamente; emagrecer’. No decurso desta investigação outras combinações foram atestadas (por exemplo, *fla lolo* ‘não deixar nada por dizer’ ou *kebla lolo* ‘partir completamente’). Contrariamente aos restantes ideofones que modificam um número muito restrito de bases pré-determinadas, este item parece ser empregue em vários contextos não previsíveis, funcionando como modificador verbal e frásico. Nesse sentido, propõe-se a recategorização deste elemento como um advérbio (cf. 57-58).



- (59) *Ê ska sela tententen.*  
 3SG PROG cheirar ID  
 ‘Está a cheirar muito bem.’ (elicitação)
- (60) *Gabon (...) kêsê di kwa mundu,*  
 estrangeiro africano esquecer-se de coisa mundo  
*fla kwa vonvon tan*  
 falar coisa ID apenas  
 ‘O estrangeiro africano esqueceu-se da realidade, só falava coisas à toa (=sem reflexão).’ (Corpus Santome)
- É pouco frequente a violação das restrições combinatórias, no entanto, registam-se algumas ocorrências. Entre o verbo e o ideofone podem ocorrer outros constituintes (61-62) e, por vezes, o ideofone ocorre sem o elemento que modifica (63-64).
- (61) *Ê fla Santome vonvon.*  
 3SG falar Santome ID  
 ‘Ele fala à toa em Santome.’ (elicitação)
- (62) *Sun alê, pya mosu babaka, zao sun fla.*  
 senhor rei olhar rapaz ID depois senhor falar  
 ‘Senhor rei, veja o rapaz pasmado, (e) depois fale.’ (Corpus Santome)
- (63) *Sungê toma kabla, vu.*  
 senhor pegar cabra ID  
 ‘O senhor pegou na cabra e desapareceu.’ (Corpus Santome)
- (64) *Mina-pikina tententen.*  
 criança ID  
 ‘A criança cheira muito bem.’ (elicitação)

Verifica-se que alguns destes ideofones apresentam um elevado grau de iconicidade<sup>29</sup>, servindo para mimetizar um som do mundo real. É o caso de *blublublu*, *kwakwakwa*, *dĩĩ*, *gidigidi* ou *tatata*, e.g. (65). Nestas construções, o verbo mantém o seu significado, introduzindo o ideofone que é apenas a exemplificação de uma realidade sonora. A possibilidade de repetição adicional e não limitada das sílabas destes ideofones (ou o alongamento prolongado no caso de *dĩĩ*) (66) é justamente um reflexo do seu caráter icónico.

- (65) *Tudu pôvô mu ê, bamu da kebla kwakwakwa.*  
 todo povo POSS VOC vamos dar gargalhada ID  
 ‘Ó meu povo, vamos rir às gargalhadas.’ (Corpus Santome)

- (66) *Ola ku mulu se bluguna ba da ala,*  
 quando COMP muro DEM desmoronar ir para lá  
*suxtu toma padê ka tlemê gidigidigidi.*  
 susto pegar padre IPFV tremer ID.ME1  
 ‘Quando o muro desmoronou, o padre ficou a tremer de susto como varas verdes.’  
 (Corpus Santome)

#### NOME + IDEOFONE

Os nomes que são modificados por ideofones referem-se essencialmente a partes do corpo (67), elementos da natureza (68) e a entidades humanas (69).

- (67) *dentxi* ‘dentes’, *felu* ‘pénis’, *kabêsa* ‘cabeça’, *kloson* ‘coração’, *mon* ‘mão’, *olha* ‘orelha’, *wê* ‘olhos’  
 (68) *awa* ‘água’, *flôgô* ‘fogo’, *ôbô* ‘floresta’, *pema* ‘palmeira’, *safu* ‘safu’  
 (69) *bôbô* ‘mulato’, *fitxisêlu* ‘feiticeiro’, *fôlô* ‘forro’, *mina* ‘menina’, *mulatu* ‘mulato’,  
*plêjida* ‘mulher que não sabe cozinhar’, *pletu* ‘preto’

---

<sup>29</sup> Estes ideofones encaixam no que tradicionalmente se denomina como “onomatopeias” ou *phonomimes*.

Nestas combinações, os ideofones parecem desempenhar uma função similar à dos adjetivos qualificativos: a de atribuir e/ou modificar uma determinada propriedade do nome a que se encontram associados. Tal como estes, os ideofones ocorrem em posição atributiva pós-nominal (70-72), mas raramente em posição predicativa, como em (73). Essa restrição, como explicitado para os outros tipos de unidades, está relacionada com a maior ou menor rigidez destas sequências, cuja adjacência é um critério importante: diferentemente dos adjetivos que podem qualificar um grande número de nomes (respeitando determinadas restrições semânticas), os ideofones apenas modificam uma base específica ou outras de conteúdo sinonímico.<sup>30</sup>

- (70) *Bamu tendê soya di fyada di kloson tefitefi.*  
 vamos ouvir história da afilhada de coração ID  
 ‘Vamos ouvir a história da afilhada gananciosa.’ (Corpus Santome)

- (71) *Boka dê sa pikina axi, xa di dentxi upa.*  
 boca POSS COP pequena assim cheia de dentes ID  
 ‘A boca dela é pequena, cheia de dentes espaçados.’ (Corpus Santome)

- (72) *Ami sa fôlô jikitxi.*  
 1SG COP forro ID  
 ‘Eu sou forro genuíno.’ (elicitação)

- (73) *Pema pô sa mufuku*  
 palmeira poder COP ID  
 ‘A palmeira pode ser *mufuku* (= ainda não estar tratada ou limpa).’  
 (Corpus Santome)

No domínio do NP, verifica-se que os ideofones ocorrem preferencialmente à direita

---

<sup>30</sup> O ideofone *kongô*, por exemplo, modifica tradicionalmente o nome *pletu*, mas pode também qualificar *safu*, nome do fruto típico do arquipélago que é conhecido pela sua cor escura.

de possessivos e demonstrativos, como em (74).

- (74) a. *dentxi mu upa*  
 dentes POSS ID  
 ‘Os meus dentes espaçados’
- b. *ôbô se jiji*  
 floresta DEM ID  
 ‘Esta floresta impenetrável’
- c. *fitxisêlu se aze*  
 feiticeiro DEM ID  
 ‘Este feiticeiro temível’ (elicitação)

No que diz respeito à localização dos modificadores de nome (adjetivos/ orações relativas) dentro destes sintagmas, as sequências são variáveis. Se, por um lado, os ideofones precedem tipicamente as orações relativas (75), por outro, os adjetivos podem ocorrer à direita (76) ou à esquerda (77) dos ideofones.

- (75) a. *mulatu fãã ku sa Santana*  
 mulato ID REL COP Santana  
 b. *\*mulatu ku sa Santana fãã*  
 ‘O mulato claro/pálido que está em Santana.’ (elicitação)
- (76) *dentxi upa glavi*  
 dentes ID bonito  
 ‘dentes espaçados bonitos’
- (77) *ôbô vêdê jiji*  
 floresta verde ID  
 ‘floresta impenetrável verde’ (elicitação)

Algumas destas combinações são compatíveis com modificadores pospostos, como *pasa* ou *muntu* ‘muito’ (78-79), à semelhança do que foi descrito para as unidades de base

adjetival.

- (78) Ê     *tê kloson tefitefi pasa.*  
 3SG ter coração ID            muito.  
 ‘Ele é muito ganancioso.’ (elicitação)

- (79) Ê     *sa fãã pasa.*  
 3SG COP ID     muito  
 ‘Ele é um mulato muito branco/pálido.’ (elicitação)

#### PREPOSIÇÃO + IDEOFONE

São apenas duas as sequências constituídas por uma base preposicional e um ideofone. À preposição *djina* ‘desde’ são associados os ideofones *bixkôkô* e *txitxi*(*txi*) (80-81). Como tal, funcionam como uma locução adverbial com valor temporal e ocorrem em posição inicial e final de oração. Apenas num exemplo se regista a inserção de elementos lexicais entre a base e o ideofone (82).

- (80) Ê     *sa pexti djina txitxi.*  
 3SG COP peste desde ID  
 ‘Ele é uma peste (=irrequieto, travesso) desde pequenino.’ (elicitação)

- (81) *Sun Glômô tava vaji za, balungwadu ka gwad’*  
 senhor Glômô PST roça agora escondido IPFV esperar  
*ê, djina bixkôkô.*  
 3SG desde ID  
 ‘O senhor Glomo já estava no limite da roça, escondido à espera desde há muito.’  
 (Corpus Santome)

- (82) *Djina n lembla mu txitxi (...)*  
 desde 1SG lembrar me ID  
 ‘Lembro-me desde criança/pequeno (...)’ (Corpus Santome)

#### 4.1.2. TIPOS FRÁSICOS E OUTRAS PROPRIEDADES SINTÁTICAS

Face ao exposto, não é de estranhar que, em Santome, ideofones não possam constituir, por si só, uma oração.<sup>31</sup> Verifica-se, então, uma tendência para a ocorrência de ideofones em orações simples afirmativas declarativas. Mais uma vez, tal comportamento não é surpreendente, já que a utilização de léxico ideofónico está associada à expressão ou representação mais vívida de uma situação, evento ou estado que ocorreu ou que está a ocorrer no momento da enunciação. Não obstante, é possível encontrar expressões ideofónicas em construções negativas (83), interrogativas (84) e de foco<sup>32</sup> (85).

- (83) *Tudu pekadó/ na fe olha **klukutu** mo lagatlisa fa.*  
tudo pessoa NEG fazer orelha ID como lagartixa NEG  
‘Todos/ não façam orelhas moucas como as lagartixas.’ (Corpus Santome)

- (84) *Kê kwa ku ome se pobli **zezeze** ska fe?*  
o que coisa COMP homem DEM pobre ID PROG fazer?  
‘O que é que este homem paupérrimo está a fazer?’ (elicitación)

- (85) *Fenene so sa **blanku**.*  
ID FOC COP branco  
‘Fenene é que é branco.’ (elicitación)

Ocorrem preferencialmente em frases simples, mas podem integrar orações complexas, nomeadamente orações relativas. Em (86), o ideofone integra a oração relativa apositiva (que, por sua vez, está encaixada numa oração subordinada adverbial causal introduzida pela conjunção *punda* ‘porque’).

---

<sup>31</sup> As formas *leveleve* ‘assim-assim; devagar’ e *gêgêgê* ‘assim-assim’ apresentam formatos morfofonológicos que se assemelham aos dos ideofones propriamente ditos. Mas ao contrário dos ideofones, estas formas são utilizadas sistematicamente em resposta à pergunta de saudação ‘como estás?’.

<sup>32</sup> Esta estratégia de focalização contrastiva é apenas registada na estrutura de (77), que integra uma adivinha.

- (86) *Djina onten, mwala ska sola, punda pe dê*  
 desde ontem mulher PROG chorar porque pai POSS  
*ku sa ve ketekete môlê.*  
 REL COP velho ID morrer  
 ‘Desde ontem, a mulher está a chorar, porque o pai dela, que era velhíssimo,  
 morreu. (elicitación)

A coordenação de ideofones não é possível, ao contrário do que acontece com adjetivos ou advérbios. No exemplo (87), coordenou-se dois ideofones que partilham um mesmo domínio semântico e uma mesma base verbal *sola* ‘chorar’ mas que evocam duas realidades distintas. *Potopoto* está associado ao efeito de se molhar, quer através da chuva/água, quer através das lágrimas que resultam do choro. *Fliji*, por seu turno, refere-se a um choro desalmado e muito intenso, semelhante ao dos bebés. A hipótese de coordenação aditiva destes ideofones foi, no entanto, infirmada. De resto, em nenhuma outra ocorrência foi verificada a coordenação de ideofones.

- (87) \**Djina onten, mwala ska sola awa-wê potopoto ku fliji.*  
 desde ontem mulher PROG chorar lágrima ID e ID  
 ‘Desde ontem, a mulher está a chorar (=com lágrimas a cair do rosto)  
 desalmadamente.’ (elicitación)

#### 4.1.3. SUMÁRIO

Determinar que uma dada palavra pertence ao inventário ideofónico do Santome consiste em observar as suas restrições combinatórias: ideofones restringir-se-ão às palavras que sistemática e exclusivamente modificam (pré-)determinados elementos nominais, adjetivais, preposicionais e verbais, formando com eles unidades multilexicais cuja fixidez sintática pode ser manipulada (em casos de omissão do elemento nuclear da sequência ou de introdução de material linguístico entre o núcleo e o ideofone). A geração do significado, por seu turno, envolve tipicamente um certo grau de especialização semântica, resultando em sequências específicas, semi-idiomáticas e mais ou menos expressivas que estão perfeitamente convencionadas. A satisfação deste critério é obrigatória, mas não exclusiva –

outras sequências lexicalizadas podem ser inventariadas nesta língua sem que necessariamente se incluam na “ideophonehood” e, nesse sentido, deverão ser tidas em conta outras propriedades, designadamente as morfofonológicas e semântico-pragmáticas, no exercício de identificação e delimitação do léxico ideofónico.

## 4.2. PROPRIEDADES MORFOFONOLÓGICAS

A originalidade dos formatos morfofonológicos dos ideofones distingue-nos do restante vocabulário. Essa especificidade manifesta-se nos inventários segmentais e nos padrões silábicos mais amplos, na manipulação de fenómenos suprasegmentais e de processos de morfologia expressiva incomuns e especialmente associados a este tipo de palavras (e.g. Fortune 1971; Childs 1988).

Em Santome, as idiossincrasias morfofonológicas dos ideofones foram inicialmente notadas por Valkhoff (1966:113) e, sobretudo, por Ferraz (1979:75-77). Segundo este último autor, os ideofones não integram segmentos inexistentes no sistema sonoro da língua e são constituídos por duas, três ou quatro sílabas exclusivamente iniciadas por consoantes, cujo formato canónico é CV. Assinala, no entanto, a possibilidade de ocorrência de ataques complexos, em que a C<sub>1</sub> seria uma consoante nasal. Relativamente aos formatos morfofonológicos dos ideofones em Santome, o autor lista os seguintes padrões de repetição:

- duplicação de vogal (e vogal diferente na sílaba inicial ou final): [klõgõ'dɔ]<sup>33</sup>
- triplicação de uma vogal (e duplicação de uma consoante): [fɛɛ'ne]
- duplicação de uma sílaba: ['lɔlɔ]
- triplicação de uma sílaba: [zuzu'zu]
- duplicação opcional ou triplicação de sílabas: [lu'lu]/[lulu'lu]; [koko'ko]
- duplicação de um dissílabo: ['pɔtɔ'pɔtɔ]

Os padrões identificados para os ideofones em Santome consistem, assim, na repetição ora de uma sílaba ora de um dissílabo, apresentando harmonização vocálica e,

---

<sup>33</sup> As transcrições fonéticas serão anotadas entre parêntesis retos. As formas ortográficas, por seu turno, seguem, salvo exceções já explicitadas na metodologia, a proposta do ALUSTP (2013).



menos frequentemente, consonântica. No que concerne à acentuação, Ferraz nota que o acento recai normalmente na última sílaba (88) mas, em ideofones de formato CVCVCVCV, que envolvem a duplicação de um dissílabo, é associado à primeira sílaba de cada dissílabo (89).

(88) [fɛnɛ'nɛ]

(89) ['mɔgɔ'mɔgɔ]

Ferraz (1979:76)

No domínio suprasegmental, por fim, o autor refere-se a uma “tenseness of articulation” que afetaria simultaneamente a base da colocação e o ideofone. É ainda destacada a possibilidade de articulação de um ideofone de acordo com o significado que veicula, numa alusão discreta aos padrões de iconicidade que são atualmente identificados no léxico ideofónico.

Tendo como ponto de partida as considerações de Ferraz (1979) explicitadas acima, nas próximas subsecções descrevem-se e discutem-se algumas propriedades morfológicas, segmentais e suprasegmentais que caracterizam e particularizam os ideofones em Santome.

#### 4.2.1. PROPRIEDADES MORFOLÓGICAS

Nesta secção serão apresentados os formatos morfológicos disponíveis para o inventário ideofónico em Santome, que geralmente são caracterizados por um processo idiossincrático de reduplicação/repetição inerente. Para além disto, referenciar-se-á a possibilidade de aplicação do processo de reduplicação propriamente dita, do tipo parcial ou total.

Os ideofones apresentam vários formatos. A Tabela 7 lista abaixo os dez formatos básicos atestados nos ideofones do Santome. Os primeiros cinco formatos (a que correspondem 69% dos ideofones) envolvem algum tipo de repetição/reduplicação inerente. Os restantes formatos são constituídos por formas simples monossilábicas e outras formas mais marginais em que todas as sílabas são distintas. A notação dos diferentes formatos morfológicos apresentados na tabela deve ser interpretada do seguinte modo: as letras maiúsculas correspondem aos constituintes silábicos de cada palavra. Por exemplo, A.A.A assinala a repetição da primeira sílaba do ideofone *bababa* e A.B.C, por seu turno, demonstra que um ideofone como *mufuku* possui três sílabas distintas.

		<b>Formato</b>	<b>%</b>	<b>Exemplos</b>
<b>REDUPLICADOS</b>	1	A.A	7%	<i>jiji, kluklu, txitxi</i>
	2	A.A.A	30%	<i>bababa, kôkôkô, plaplapla</i>
	3	A.A.B	2%	<i>babaka, tatali</i>
	4	A.B.B	6%	<i>blalala, fenene, xelele</i>
	5	A.B.A.B	24%	<i>bodobodo, lekeleke, txeketxeke</i>
<b>SIMPLES</b>	6	A	6%	<i>kla, pu, vu</i>
	7	A:	7%	<i>dĩĩ, fãã, tõõ</i>
	8	A.B	7%	<i>aze, fliji, kongô</i>
	9	A.B.C	10%	<i>jikiti, mufuku, zekete</i>
	10	A.B.C.D	1%	<i>vantenadu</i>
<b>TOTAL</b>			100	

**Tabela 7:** Formatos morfológicos dos ideofones

Alguns aspetos formais merecem particular destaque. De entre todos os formatos, os tipos A.A.A e A.B.A.B são os mais frequentes, perfazendo 54% do inventário ideofónico. Os primeiros formatos identificados, designadamente A.A, A.A.A, A.A.B, A.B.B e A.B.A.B, assemelham-se aos formatos reduplicados atestados noutras línguas, na medida em que se verifica uma cópia total ou parcial do material melódico e segmental de uma outra forma. No entanto, não se pode atribuir a designação de reduplicação *per se* ao processo que está na origem destes itens em Santome, uma vez que a contrapartida não reduplicada (ou a base lexical – uma raiz ou radical – a partir da qual se processaria a reduplicação) não é atestada. Por exemplo, não existe uma base *\*lu* para o ideofone (*pletu*) *lululu* ‘pretíssimo/muito escuro’ ou *\*pete* para (*fili*) *petepete* ‘novíssimo’. Assim, os ideofones em Santome são constituídos por formas intrinsecamente reduplicadas e o termo que melhor dá conta deste comportamento morfológico é o de reduplicação inerente ou fossilizada (e.g. Crowley 2006a; Smoll 2014) ou, ainda, o de repetição inerente (Dingemanse 2011:138).

A reduplicação/repetição inerente destes itens é, assim, obrigatória. Porém, tal não inviabiliza a aplicação posterior de um processo de reduplicação parcial<sup>34</sup> ou total, enquanto mecanismo de morfologia expressiva.<sup>35</sup> Alguns ideofones, nomeadamente aqueles cuja estrutura sonora mimetiza ou está mais próxima de mimetizar um som do mundo real (e.g. (*flêbê*) *blublublu* ‘entrar/estar em ebulição’, (*da kebla*) *kwakwakwa* ‘rir às gargalhadas’, (*tlêmê*) *gidigidi* ‘tremar como varas verdes’ ou (*tlêmê*) *tatata* ‘tiritar’), permitem, deste modo, a cópia total ou parcial da sua forma base, contribuindo para a geração mais simbólica da respetiva significação. Em (90), apresenta-se um formato atestado para o ideofone *tatata*, com duas sílabas adicionais (glosa ME2) que servem para representar a intensidade do tremor do barqueiro.

- (90) *Sun sa glentu kanwa, barkêru sa*  
 senhor COP dentro de canoa barqueiro COP  
*ku feble, ka tlêmê tatata-tata.*  
 com febre IPFV tremar ID.ME2  
 ‘O senhor está dentro da canoa, o barqueiro está com febre, a tiritar muito.’  
 (Corpus Santome)

Os formatos simples, por seu turno, são menos comuns do que os formatos inerentemente reduplicados/repetidos. Neste subconjunto são incluídos os ideofones monossilábicos, simples e com alongamento vocálico, e ideofones com formatos mais marginais que não permitem processos de morfologia expressiva, como *xtlinki* [ʃˈtliŋki]<sub>1\_ST</sub> / [ʃˈtriŋki]<sub>2\_AP</sub>, *mufuku* [mufuˈku]<sub>2\_AP</sub>, *fliji* [fliˈʒi]<sub>1\_ST/3\_FF</sub> ou *jikiti* [ʒikiˈti]<sub>2\_AP</sub>. Estes ideofones, ainda que marginais, apresentam uma harmonização vocálica que o ideofone *vantenadu* [vẽteˈnadu]<sub>1\_ST</sub> não possui e que o distingue dos restantes.

<sup>34</sup> Note-se que este padrão de reduplicação parcial atestado nos ideofones (com a cópia de sílabas presumivelmente à direita) difere da reduplicação parcial que Schang (2012:246) regista para alguns numerais e que pressupõe a cópia de um reduplicante à esquerda da forma-base:

- (i) *dôsu* ‘dois’ / *dô-dôsu* ‘ambos’  
 (ii) *xinku* ‘cinco’ / *xi-xinku* ‘todos os cinco’

<sup>35</sup> Zwicky & Pullum (1987) referem-se a “morfologia expressiva” para denominar as estratégias morfológicas não regulares como a reduplicação que permitem veicular mais simbolicamente o significado de itens como os ideofones.

#### 4.2.2. PROPRIEDADES SEGMENTAIS

A apresentação das propriedades segmentais dos ideofones em Santome consistirá na identificação dos inventários fonéticos vocálico e consonântico e na discussão da estabilidade dos contrastes de altura, modo e ponto de articulação manipulados na produção destas palavras.

Os ideofones utilizam um inventário fonético tendencialmente mais extenso do que as restantes palavras desta língua (Tabela 8), no que diz respeito às vogais. A negrito são assinaladas as realizações fonéticas não contempladas no estudo de Ferraz (1979:20): a vogal central média baixa oral [ɐ] e a vogal central alta não arredondada [ɨ]. A primeira funciona como alofone de /a/, no par ['klɛni]<sub>2\_AP</sub> / ['klani]<sub>1\_ST/3\_FF</sub>.

	Anterior	Central	Posterior
<b>Altas</b>	i, ĭ	<b>ɨ</b>	u, ũ
<b>Médias-altas</b>	e, ě		o, õ
<b>Médias-baixas</b>	ɛ	<b>ɐ, ě</b>	ɔ
<b>Baixas</b>		a, ã	

**Tabela 8:** Inventário fonético das vogais dos ideofones em Santome

Uma das propriedades mais preponderantes associadas à realização dos segmentos vocálicos dos ideofones em Santome é a anulação consistente dos contrastes de altura, o que origina a variação alofónica livre das vogais orais médias-altas e médias-baixas [e, ɛ] e [o, ɔ] e que contrasta com a estabilidade das restantes vogais (Tabela 9). Os falantes manifestam um comportamento variável na realização destes segmentos vocálicos, mantendo tipicamente o ponto de articulação da vogal, mas anulando o contraste de altura. A variação ocorre quer no interior do ideofone quer entre diferentes realizações do mesmo alvo (Tabela 10).

Ideofone	[i, u, a]
<i>gidigidi</i>	[gi'digi'di] <sub>1_ST</sub>
<i>libaliba</i>	[ 'liba'liba] <sub>1_ST</sub>
<i>lululu</i>	[lulu'lu] <sub>1_ST/2_AP</sub>
<i>klukutu</i>	[kluku'tu] <sub>1_ST/2_AP</sub>
<i>zazaza</i>	[zaza'za] <sub>1_ST</sub>

**Tabela 9:** Estabilidade das vogais [i,u,a] nos ideofones

Ideofone	[e, ε]
<i>fyefyefye</i>	[fjɛfjɛ'fjɛ] <sub>2_AP</sub> [fjɛfjɛ'fjɛ] <sub>3_FF</sub>
<i>ketekete</i>	[kɛ'tɛkɛ'tɛ] <sub>1_ST</sub> [kɛ'tɛkɛ'tɛ] <sub>3_FF</sub>
<i>myêgêmyêgê</i>	[ 'mjɛgemjɛ'ɣɛ] <sub>1_ST</sub> [ 'mjɛɣɛ' mjɛɣɛ] <sub>2_AP</sub>
<i>zekete</i>	[zɛkɛ'tɛ] <sub>1_ST</sub> [zɛkɛ'tɛ] <sub>1_ST/2_AP</sub>
<i>zegezege</i>	[ 'zɛɣɛzɛ'ɣɛ] <sub>1_ST</sub> [zɛ'ɣɛzɛ'ɣɛ] <sub>3_FF</sub>

Ideofone	[o, ɔ]
<i>mogomogo</i>	[mo'ɣomo'ɣɔ] <sub>3_FF</sub>
<i>potopoto</i>	[po'topo'tɔ] <sub>1_ST</sub> [pɔ'topɔ'tɔ] <sub>2_AP</sub> [pɔ'tɔpɔ'tɔ] <sub>3_FF</sub>
<i>sonosono</i>	[sɔ'noso'nɔ] <sub>1_ST</sub> [sɔ'nõsɔ'nɔ] <sub>2_AP</sub> [so'nɔso'nɔ] <sub>3_FF</sub>

**Tabela 10:** Variação alofônica livre das vogais médias-altas e médias baixas nos ideofones

A nasalização, se presente<sup>36</sup>, tende a esparramar-se pela totalidade do ideofone (Tabela 11). Esta harmonização, no entanto, nem sempre se aplica aos ideofones que integram vogais nasais. A alternância livre entre a realização das vogais nasais e as contrapartidas orais pode

<sup>36</sup> Segundo Balduino *et al.* (2015), o sistema fonológico do Santome não integra vogais nasais mas apenas vogais orais que assimilaram o traço [+NASAL] de uma consoante nasal em coda, entretanto elidida.

ocorrer no interior de um ideofone, como na forma [ge'nêge'ne]<sub>2\_AP</sub>, ou entre realizações de um mesmo alvo ideofónico, como ilustrado nos exemplos da Tabela 12. A nasalidade parece, assim, ser uma propriedade flutuante, que não se ancora necessariamente a um único segmento no ideofone.

Ideofone	$\tilde{V}$
<i>fãã</i>	[ <sup>h</sup> fẽ:] <sub>1_ST</sub>
<i>kankankan</i>	[kẽkẽ'kẽ] <sub>1_ST</sub>
<i>kwenkwenkwen</i>	[kwẽkwẽ'kwẽ] <sub>1_ST</sub>
<i>tententen</i>	[tẽtẽ'tẽ] <sub>1_ST</sub> [tẽtẽ'tẽĩ] <sub>1_ST</sub>
<i>tuntuntun</i>	[tũtũ'tũ] <sub>1_ST</sub>
<i>vonvon</i>	[võ'võ] <sub>1_ST</sub>

**Tabela 11:** Espraimento da nasalidade nos ideofones

Ideofone	$\tilde{V}/V$
<i>ngenengene</i>	[ngẽ'nêge'nẽ] <sub>1_ST</sub> [ge'nêge'ne] <sub>2_AP</sub>
<i>dĩĩ</i>	[ <sup>h</sup> dĩ:] <sub>1_ST/2_AP/3_FF</sub> [ <sup>h</sup> dĩ:] <sub>3_FF</sub>
<i>sonosono</i>	[sɔ'noso'nɔ] <sub>1_ST</sub> [sɔ'nõsɔ'nɔ] <sub>2_AP</sub>
<i>wan</i>	[ <sup>h</sup> wã] <sub>1_ST</sub> [ũ'ẽ] <sub>1_ST</sub>

**Tabela 12:** Nasalidade flutuante nos ideofones

O inventário fonético das consoantes dos ideofones, por seu turno, é mais limitado.<sup>37</sup>

<sup>37</sup> Barreto (2008:59) propõe vinte e cinco segmentos consonânticos para o Santome.

	Bilabial	Lábio-dental	Dental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar
<b>Oclusivas</b>	b,p			t,d			k,g
<b>Nasais</b>	m			n			
<b>Vibrantes</b>				r			
<b>Fricativas</b>		f,v		s,z	ʃ, ʒ		ɣ
<b>Africadas</b>					tʃ, dʒ		
<b>Laterais</b>				l			
<b>Glides</b>	w					j	

**Tabela 13:** Inventário fonético das consoantes dos ideofones

Os contrastes de modo e ponto de articulação das consoantes, por seu turno, são estáveis, não se registrando flutuações nas realizações das consoantes quer no interior de um mesmo alvo quer entre diferentes realizações de um dado ideofone, como se pode observar nos exemplos da Tabela 14.

<b>Ideofone</b>		
<i>blalala</i>	[blala'la] <sub>1_ST/2_AP</sub>	
<i>potopoto</i>	[po'topo'to] <sub>1_ST</sub>	[po'topo'to] <sub>3_FF</sub>
<i>txitxi</i>	[tʃi'tʃi] <sub>1_ST</sub>	[tʃi'tʃi] <sub>2_AP</sub>
<i>zekete</i>	[zeke'te] <sub>1_ST</sub>	[zeke'te] <sub>1_ST/2_AP</sub>

**Tabela 14:** Estabilidade dos contrastes de modo e ponto de articulação das consoantes nos ideofones

A preferência dos falantes pela oclusiva fricativizada [ɣ], em posição medial, como alofone de /g/, é o único caso que importa ressaltar e que estará relacionado com o potencial

efeito da velocidade de fala. Dois fatores poderão explicar a variação na velocidade de fala, nestes casos: o ritmo individual de cada falante e/ou a intencionalidade expressiva<sup>38</sup>.

Ideofone	[g, ɣ]	
<i>mogomogo</i>	[mo'ɣomo'ɣo]3_FF	
<i>myêgêmyêgê</i>	[ 'mjɛgemjɛ'ɣɛ]1_ST	[ 'mjɛɣɛ' mjɛɣɛ]2_AP
<i>zezezeze</i>	[zɛ'gɛzɛ'gɛ]2_AP	[zɛ'ɣɛzɛɣ'ɛ]3_FF

**Tabela 15:** Variação alofônica livre entre a oclusiva velar e a oclusiva fricativizada

#### 4.2.3. PROPRIEDADES SUPRASEGMENTAIS

A apresentação das propriedades suprasegmentais englobará a apresentação de aspetos relativos à estrutura silábica, às proeminências prosódicas, ao alongamento vocálico e, por fim, à extensão de palavra dos ideofones em Santome.

#### ESTRUTURA SILÁBICA E RESTRIÇÕES FONOTÁTICAS

De acordo com a análise de dados, os ideofones integram os padrões silábicos V, CV, CVC e CCV, ignorando outros formatos disponíveis no sistema.<sup>39</sup> No entanto, outra opção silábica é registada: o formato CV: (sílabas abertas com uma vogal longa). O núcleo destas sílabas é sempre preenchido por vogais nasais.

<sup>38</sup> Recorde-se que a manipulação expressiva do ritmo ou velocidade de fala é uma das estratégias suprasegmentais tipicamente associadas à produção de ideofones nas línguas do mundo (cf. secção 3.1.3 da presente dissertação).

<sup>39</sup> Bandeira (2016:163) propõe os seguintes padrões silábicos para o Santome:

- V - ['a] 3PL
- VC - ['ẽ] 'onde'
- CV - ['jɐ] 'aqui'
- CVC - [baʃ.'ta] 'bastar'
- CCV - [la'vɫa] 'lavar'
- CCVC - ['plaʃ.ti.ku] 'plástico'
- CCCV - [ʃkle.'ve] 'escrever'
- CCCVC - [ʃtlẽ.'ʒe.lu] 'estrangeiro'



Sílaba	Exemplos
<b>V</b>	[a.z'ε] <sub>1_ST</sub> [ 'u.pa] <sub>1_ST</sub>
<b>CV</b>	[ 'vu] <sub>1_ST/2_AP</sub> [ta.ta.'ta] <sub>1_ST/3_FF</sub> [tʃε.'kε.tʃε.'kε] <sub>1_ST</sub>
<b>CV:</b>	[ 'dĩ:] <sub>1_ST/2_AP/3_FF</sub> [ 'tõ:] <sub>1_ST/3_FF</sub> [ 'sũ:] <sub>1_ST/2_AP</sub>
<b>CVC</b>	[bɨf.ko.'ko] <sub>1_ST/2_AP</sub>
<b>CCV</b>	[blu.blu.'blu] <sub>1_ST/2_AP</sub> [ʃ.'tĩ.ki] <sub>1_ST</sub> [fʃε.fʃε.'fʃε] <sub>1_ST</sub> [kwẽ.kwẽ.'kwẽ] <sub>1_ST</sub>

**Tabela 16:** Padrões silábicos nos ideofones

O ataque dos constituintes silábicos dos ideofones pode ser constituído por uma consoante (ataque simples), duas consoantes (ataque complexo)<sup>40</sup>, ou pode não estar preenchido (ataque vazio). No ataque simples, pode ocorrer qualquer uma das consoantes seguintes [p, b, t, d, k, g, m, n, f, v, s, z, ʃ, tʃ, l, w], em posição inicial e medial de palavra. O subconjunto [ʒ, ɣ, dʒ, j], por seu turno, só é atestado em posição medial. Nos ataques complexos<sup>41</sup>, as sequências consonânticas são mais limitadas. Assim, este constituinte silábico é constituído por sequências de obstruinte + líquida ou de obstruinte + glide. A sequência [mj] também é possível, ocorrendo no ideofone *myêgêmyêgê* ['mjεgemje'ʔe]<sub>1\_ST</sub>. As Tabelas 17 e 18 discriminam as combinações atestadas para as sequências acima referidas. O símbolo (+) indica que a sequência só ocorre em posição inicial de palavra nos ideofones.

<sup>40</sup> Araújo (2011:323) identifica para o Santome ataques simples, complexos e “supercomplexos”.

<sup>41</sup> Conferir Bandeira (2016: 165-169) para a explicitação de todas as combinações possíveis para o formato silábico CCV.

Obstruinte + líquida	Exemplos
[pl]	[ <b>p</b> la.pla. 'pla] <sub>1_ST</sub>
[bl]	[ <b>b</b> lu.blü. 'blü] <sub>1_ST/2_AP</sub>
[tl] / [tr <sup>42</sup> ]	[ʃ. 't <del>l</del> i.ki] <sub>1_ST</sub> / [ʃ. 't <del>r</del> i.ki] <sub>2_AP</sub>
[kl]	[ <b>k</b> lu. 'klu] <sub>1_ST</sub>
[fl]+	[ <b>f</b> li. 'zi] <sub>1_ST/3_FF</sub>

**Tabela 17:** Sequências de obstruinte + líquida como ataque complexo nos ideofones

Obstruinte + glide	Exemplos
[pj]	[ <b>pj</b> ε.pjε. 'pjε] <sub>1_ST/2_AP</sub>
[bj]+	[ <b>bj</b> ɔ.lɔ. 'lɔ] <sub>1_ST</sub>
[fj]	[ <b>fj</b> ε.fjε. 'fjε] <sub>1_ST</sub>
	[ <b>k</b> wa.kwa. 'kwa] <sub>1_ST/2_AP</sub>
[kw]	[ <b>kw</b> ẽ.kwẽ. 'kwẽ] <sub>1_ST</sub>

**Tabela 18:** Sequências de obstruinte + glide como ataque complexo nos ideofones

Para além destas sequências, ocorre ainda uma sequência particular no inventário ideofónico do Santome. O ideofone *xtlinki* [ʃ' tliki]<sub>1\_ST</sub>/ [ʃ' triki]<sub>2\_AP</sub> é constituído por três consoantes iniciais: a fricativa [ʃ] e as consoantes [t] e [l] ou [r]. Alguns autores (e.g. Bandeira 2016; Barreto 2008) sugerem que estes grupos consonânticos silabificam num único ataque complexo, criando uma estrutura silábica marcada. Esta análise é problemática, uma vez que

<sup>42</sup> A substituição de [l] por [r] é um reflexo da influência do Português no Santome.

legítima a violação do Princípio de Sonoridade, Princípio de Dissemelhança e do Princípio de Binaridade Máxima dos Constituintes. Em Freitas & Rodrigues (2003) são inventariadas as hipóteses<sup>43</sup> propostas para analisar esta estrutura nas línguas do mundo, evitando a assunção de que se está perante um ataque constituído por três segmentos consonânticos. Para o Santome, só investigações mais completas permitirão analisar a adequação de cada uma das hipóteses para a compreensão do estatuto dos grupos consonânticos sC.

No que diz respeito à coda e à semelhança do que acontece no restante sistema linguístico do Santome, apenas a fricativa [ʃ] pode ocupar este constituinte silábico presente no ideofone *bixkôkô* [biʃ.ko.'ko]<sub>1\_ST/2\_AP</sub>.

### PROEMINÊNCIAS PROSÓDICAS

Assume-se tradicionalmente que o Santome é uma língua acentual (Ferraz 1979; Schang 2000) e que “there is no phonologically significant tone in Santomense.” (Ferraz 1979:25), apesar de se reconhecerem alguns vestígios tonais. Maurer (2008), a partir da observação das proeminências prosódicas de nomes dissilábicos e pronomes monossilábicos, propõe, porém, que esta é uma língua que possui um sistema tonal simples, que contrasta tons altos e tons baixos (ou neutros), utilizados para distinguir significados lexicais e para representar aspetos gramaticais.

A questão é pertinente, sobretudo se se atentar no facto de que as línguas de substrato, designadamente o Edo e o Kikongo, possuem sistemas tonais semelhantes ao que é proposto por Maurer para o Santome. No entanto, esta questão deverá ser objeto de investigações futuras que permitam compreender como, de facto, funciona o sistema de proeminências prosódicas nesta língua, designando-o como um sistema acentual, tonal ou, eventualmente,

---

<sup>43</sup> As hipóteses listadas são as seguintes:

- i. A fricativa e a consoante seguinte silabificam num único ataque (Booij 1996);
- ii. A fricativa e a consoante seguinte formam um segmento complexo (Fudge 1969; Selkirk 1982, *apud* Freitas & Rodrigues 2003);
- iii. A fricativa é um apêndice ou um adjunto (Trommelen 1983; Giegerich 1992, *apud* Freitas & Rodrigues 2003);
- iv. A fricativa e a consoante seguinte são associadas a dois ataques distintos; a fricativa preenche a posição de ataque inicial de palavra com um núcleo vazio (Mateus & Andrade 2000);
- v. A fricativa é a coda da primeira sílaba e a consoante seguinte é associada ao ataque da segunda sílaba (Andrade & Rodrigues 1998; Mateus & Andrade 2000).

misto. Nesta dissertação, e uma vez que esta discussão ultrapassa os seus objetivos e limites, optar-se-á por descrever os padrões de proeminência dos ideofones, sem os perspetivar como produto de um sistema em detrimento de outro.

Na Tabela 19 são apresentados os padrões de proeminência identificados no *corpus* observado, com a indicação a negrito das sílabas proeminentes.

		Padrões <sup>44</sup>	Exemplos
SEM VARIAÇÃO NA LOCALIZAÇÃO DAS PROEMINÊNCIAS	1	'CV.CCV	[' <b>ndõ</b> .kli] <sub>1_ST</sub>
	2	CVC.CV.' <b>CV</b>	[biʃ.ko.' <b>ko</b> ] <sub>1_ST/2_AP</sub>
	3	CCV.' <b>CCV</b>	[klu.' <b>klu</b> ] <sub>1_ST</sub>
	4	CCV.CCV.' <b>CCV</b>	[blu.blu.' <b>blu</b> ] <sub>1_ST/2_AP</sub> [kwa.kwa.' <b>kwa</b> ] <sub>1_ST/2_AP</sub> [pjɛ.pjɛ.' <b>pjɛ</b> ] <sub>1_ST/2_AP</sub>
	5	CCV.CV.' <b>CV</b>	[bla.la.' <b>la</b> ] <sub>1_ST/2_AP</sub> [bjɔ.lɔ.' <b>lɔ</b> ] <sub>1_ST</sub>
	6	CV.' <b>CCV</b> .CV	[ʃ.' <b>tʃi</b> .ki] <sub>1_ST</sub>
COM VARIAÇÃO NA LOCALIZAÇÃO DAS PROEMINÊNCIAS	7	V.C' <b>V</b>	[a.z'ɛ] <sub>1_ST</sub>
		'V.CV	[' <b>u</b> .pa] <sub>1_ST</sub>
	8	CV.' <b>CV</b>	[ʒi.' <b>ʒi</b> ] <sub>1_ST/2_AP</sub>
		'CV.CV	[' <b>kõ</b> .go] <sub>3_FF</sub>
	9	CV.CV.' <b>CV</b>	[tũ.tũ.' <b>tũ</b> ] <sub>1_ST</sub>
		'CV.CV.CV	[' <b>li</b> .bi.ta] <sub>1_ST</sub>
	10	CV.' <b>CV</b> .CV.' <b>CV</b>	[bo.' <b>dɔ</b> .bo.' <b>dɔ</b> ] <sub>1_ST</sub>
		'CV.CV.CV.' <b>CV</b>	[' <b>wi</b> .ni.wi.' <b>ni</b> ] <sub>1_ST</sub>
		'CV.CV.' <b>CV</b> .CV	[' <b>li</b> .ba.' <b>li</b> .ba] <sub>1_ST</sub>
		CV.CV.' <b>CV</b> .CV	[vẽ.te.' <b>na</b> .du] <sub>1_ST</sub>
	11	'CCV.CV	[' <b>kla</b> .ni] <sub>1_ST/3_FF</sub>
		CCV.' <b>CV</b>	[fli.' <b>ʒi</b> ] <sub>1_ST/3_FF</sub>
	12	'CCV.CV.CCV.' <b>CV</b>	[' <b>mjɛ</b> .ge.mjɛ.' <b>ye</b> ] <sub>1_ST</sub>
		'CCV.CV.' <b>CCV</b> .CV	[' <b>mjɛ</b> .ʏɛ.' <b>mjɛ</b> .ʏɛ] <sub>2_AP</sub>

**Tabela 19:** Padrões de proeminência prosódica nos ideofones

<sup>44</sup> São excluídos desta tabela os formatos monossilábicos CV e CCV.

Os dados acima permitem, desde logo, distinguir padrões de proeminência estável e padrões com variação na localização da proeminência. Contrastam, assim, formatos não monossilábicos em que se verifica um padrão estável (1 a 6) e formatos que apresentam entre dois a quatro padrões de proeminência distintos (7 a 12). Dentro deste último grupo, destacam-se os ideofones quadrissilábicos, que registam a maior variabilidade na localização da proeminência, que ou é duplamente assinalada na segunda e na última sílaba (e.g. [bɔ. 'dɔ.bɔ. 'dɔ]), na primeira e na última (e.g. ['mjɛ.ge.mjɛ. 'yɛ]) ou na primeira e na terceira sílaba (e.g. ['li.ba. 'li.ba]). Ainda dentro dos ideofones quadrissilábicos, regista-se o caso do ideofone *vantenadu*, que apresenta uma única proeminência, localizada na penúltima sílaba.

Para além da variação no interior de cada formato, verifica-se que um mesmo alvo ideofónico pode apresentar padrões de proeminência distintos (Tabela 20).

Ideofone	'CV.CV	CV.'CV	
<i>jiji</i>	['ʒi.ʒi] <sub>3_FF</sub>	[ʒi.'ʒi] <sub>1_ST/2_AP</sub>	
<i>kongô</i>	['kõ.go] <sub>3_FF</sub>	[kõ.'go] <sub>1_ST</sub>	
	['kõ.gu] <sub>1_ST</sub>		
	'CV.CV.CV	CV.CV.'CV	
<i>tatali</i>	['ta.ta.li] <sub>1_ST/2_AP</sub>	[ta.ta.'li] <sub>3_FF</sub>	
	'CCV.CV.CCV.'CV	'CCV.CV.'CCV.CV	
<i>myêgêmyêgê</i>	['mjɛ.ge.mjɛ.'yɛ] <sub>1_ST</sub>	['mjɛ.yɛ.'mjɛ.yɛ] <sub>2_AP</sub>	
	'CV.CV.CV.'CV	CV.'CV.CV.'CV	'CV.CV.'CV.CV
<i>benfebenfe</i>	['bẽ.fe.be.'fe] <sub>3_FF</sub>	[bẽ.'fɛ.bẽ.'fɛ] <sub>1_ST</sub>	-
<i>txeketxeke</i>	-	[tʃɛ.'kɛ.tʃɛ.'kɛ] <sub>1_ST</sub>	[tʃɛ.kɛ.'tʃɛ.kɛ] <sub>2_AP</sub>
		[tʃɛ.'kɛ.tʃɛ.'kɛ] <sub>3_FF</sub>	
<i>winiwini</i>	['wi.ni.wi.'ni] <sub>1_ST</sub>	[wi.'ni.wi.'ni] <sub>1_ST</sub>	-
<i>zegezege</i>	['zɛ.yɛ.zɛ.'yɛ] <sub>1_ST</sub>	[zɛ.'yɛ.zɛ.'yɛ] <sub>3_FF</sub>	-

**Tabela 20:** Comparação dos padrões de proeminência dos mesmos alvos ideofónicos

Os padrões de proeminência variáveis no interior de um mesmo ideofone podem ser tidos em consideração na discussão acerca do tipo de proeminências em atuação neste sistema

linguístico e, particularmente, nos ideofones. Não é expectável que um mesmo item permita a flutuação da localização de um acento de palavra e, nesse sentido, a hipótese de que aqui estará em atuação um sistema de contrastes tonais não deve ser descartada. Outra hipótese a considerar prende-se com o facto de, à semelhança da manipulação não consistente de propriedades suprasegmentais como a velocidade e outros fenómenos de locução, entoação, etc.<sup>45</sup>, também a localização das proeminências possa ser variável em função da intencionalidade mais ou menos expressiva do falante. Enfim, só o estudo mais aprofundado da estrutura prosódica dos ideofones poderá finalmente esclarecer a natureza linguística das proeminências identificadas.

#### ALONGAMENTO VOCÁLICO

O alongamento vocálico caracteriza um subconjunto restrito de ideofones monossilábicos, cujo núcleo é tipicamente constituído por vogais nasais. Não se trata de um contraste de quantidade com valor lexical, mas sim da aplicação de um mecanismo suprasegmental com funções expressivas e/ou icónicas. Ou seja, os falantes manipulam produtivamente o alongamento das vogais que integram estes ideofones para representar, evocar ou sugerir aspetos como a velocidade, a intensidade ou a qualidade do estado ou evento a que alude o ideofone (ver secção 4.3. para uma explicação mais detalhada da função semântica do alongamento vocálico).

Os dados demonstram, no entanto, que propriedades como a nasalidade e o alongamento podem ser flutuantes nestes itens. Os exemplos de (91) referem-se às diferentes realizações do ideofone *dĩ* em (91a) contrastam realizações da vogal nasal alongada e da vogal oral correspondente e em (92b) é exemplificado o contraste entre a vogal alongada e a vogal não-alongada.

- (91) a. [dĩ:]<sub>1\_ST/2\_AP/3\_FF</sub> / [di:]<sub>3\_FF</sub>  
 b. [dĩ:]<sub>1\_ST/2\_AP/3\_FF</sub> / [dĩ]<sub>2\_AP</sub>

---

<sup>45</sup> Do ponto de vista perceptivo, são observados vários fenómenos suprasegmentais associados à produção de itens ideofónicos. Estas propriedades deverão ser alvo de investigações futuras que mais detalhadamente possam descrever a estrutura prosódica dos ideofones em Santome.

O alongamento vocálico é elencado como uma das propriedades prototípicas dos ideofones nas línguas do mundo (e.g. Noss 1975; Childs 1988) e, com efeito, a sua manipulação nos itens listados na Tabela 18 constitui um dos argumentos para a identificação e delimitação de (parte) do léxico ideofónico em Santome.

A tabela abaixo apresenta as realizações atestadas para cada um destes ideofones, indicando a colocação que integram e o respetivo significado.

Ideofone	Colocação	Significado
<i>dĩĩ</i>	[dĩ:] <sub>1_ST/2_AP/3_FF</sub>	<i>da son dĩĩ</i> ‘cair estatelado’
	[dĩ] <sub>2_AP</sub>	<i>kulu dĩĩ</i> ‘escuríssimo; noite cerrada’
	[di:] <sub>3_FF</sub>	
<i>fãã</i>	[fẽ:] <sub>1_ST</sub>	<i>mulatu fãã</i> ‘mulato branco; mulato pálido’
<i>sũũ</i>	[sũ:] <sub>1_ST/2_AP</sub>	<i>pya sũũ</i> ‘olhar fixamente de modo continuado’
<i>tĩĩ</i>	[tĩ:] <sub>1_ST</sub>	<i>mundjadu tĩĩ</i> ‘imobilizado’
<i>tũũ</i>	[tũ:] <sub>1_ST</sub>	<i>fede tũũ</i> ‘cheirar muito mal’
<i>tõõ</i>		<i>tezadu tõõ</i> ‘esticadíssimo’
	[tõ:] <sub>1_ST/3_FF</sub>	<i>felu tõõ</i> ‘pénis ereto’

**Tabela 21:** Ideofones com alongamento vocálico

#### EXTENSÃO DE PALAVRA

Os ideofones são tipicamente constituídos por três ou quatro sílabas, a que corresponde 73% do total de ideofones-alvo (i.e., 65 *types* de um universo de 89 registados na presente investigação; cf. Anexo 2) considerados para efeitos de análise nesta dissertação. Compare-se agora a extensão dos ideofones com a de verbos e nomes do Santome.

A partir de uma breve comparação estatística<sup>46</sup>, a extensão (silábica) média dos verbos e dos nomes é, respetivamente, de 1,48 e 2,02, ao passo que os ideofones apresentam uma média de 2,88 sílabas. Este resultado vai ao encontro das afirmações de Ferraz (1979:25), que postulava que os nomes e os verbos são geralmente elementos dissilábicos. O autor nota ainda que muito raramente os verbos são constituídos por mais de duas sílabas. A Tabela 22 compara alguns itens verbais, nominais e ideofónicos do Santome.

A extensão de palavra poderá ser, assim, um indicador do estatuto dos ideofones no sistema linguístico em foco, uma vez que estes apresentam tendencialmente três ou quatro sílabas. De resto, propriedades fonológicas como a extensão de palavra, o acento, o vozeamento, etc., têm sido relevadas no que concerne à identificação e classificação de classes de palavras (Kelly 1992:258).

Nome	Verbo	Ideofone
<i>ngê</i> ‘pessoa’	<i>sa</i> ‘ser’	<i>(fla) vonvon</i> ‘falar à toa’
<i>ke</i> ‘casa’	<i>fla</i> ‘falar’	<i>(blanku) fenene</i> ‘branquíssimo’
<i>solo</i> ‘sol’	<i>fia</i> ‘arrefecer’	<i>(pobli) vantenadu</i> ‘paupérrimo’
<i>klonvesa</i> ‘conversa’	<i>kume</i> ‘comer’	<i>(ve) ketekete</i> ‘velhíssimo’

**Tabela 22:** Alguns nomes, verbos e ideofones do Santome

#### 4.2.4. SUMÁRIO

Ideofones em Santome são palavras marcadas, no que concerne aos padrões silábicos mais restritos, aos padrões de proeminência prosódica mais amplos, à extensão média de palavra e aos formatos morfológicos particulares. Destaca-se ainda o alongamento vocálico como uma propriedade consistente e exclusiva destas palavras.

Com efeito, os dados demonstraram uma complexidade de comportamentos morfofonológicos associados ao inventário ideofónico do Santome, cuja apresentação

---

<sup>46</sup> A amostra foi constituída pelos 50 primeiros resultados obtidos após a pesquisa por POS (V e CN) no *Corpus Santome* e pelos primeiros ideofones do *corpus* considerado no presente estudo (Anexo 1)



permitiu a atualização dos estudos de Valkhoff (1966) e de Ferraz (1979). Se, por um lado, estes itens partilham propriedades prototípicas atribuídas aos ideofones nas línguas do mundo (reduplicação/repetição inerente; reduplicação total e/ou parcial; manipulação expressiva de propriedades suprasegmentais como o alongamento vocálico ou as proeminências prosódicas), por outro, revelam idiosincrasias em relação aos contrastes de altura das vogais, aos padrões silábicos mais restritos, às possibilidades de preenchimento segmental dos constituintes silábicos mais restritos e, por fim, aos padrões de proeminência muito variáveis quer no interior de cada formato quer no interior de cada ideofone. Reconhece-se, no entanto, que outras questões pertinentes terão ficado de fora deste estudo, designadamente as relativas à estrutura prosódica dos ideofones. Nesse sentido, investigações futuras serão fundamentais para identificar e descrever, em detalhe, outras propriedades prosódicas (entoação, tom, etc.) características do léxico ideofónico.

#### **4.3. PROPRIEDADES SEMÂNTICAS E PRAGMÁTICAS**

As secções anteriores discutiram as propriedades sintáticas e morfofonológicas que legitimam a assunção de que os ideofones em Santome são palavras estruturalmente marcadas. Importa agora analisar mais pormenorizadamente os seus significados, funções e usos.

Foi referido, na secção 4.1., que grande parte dos ideofones não possui significado lexical independente, razão pela qual raramente ocorrem fora das respetivas colocações frequentes e/ou preferenciais. No entanto, os ideofones não são itens linguísticos “vazios”, desprovidos de sentido. Com efeito, o grau de especialização e motivação semântica dos ideofones desafia a conceção típica de arbitrariedade inicialmente proposta por Saussure (1916), na medida em que se verifica uma relação mais direta entre os seus formatos e significados. Compare-se o nome *kloson* ‘coração’ e o ideofone *tatata*. Não há nada na forma *kloson* que sugira aspetos da entidade à qual se aplica; é, portanto, um signo totalmente arbitrário. Por seu turno, o ideofone *tatata* mimetiza um som do mundo real, nomeadamente aquele que é produzido quando alguém ou alguma coisa treme ou se agita involuntariamente (um peixe extraído do mar, por exemplo). A correspondência direta entre som e significado é o mecanismo que está na base do mais frequente e simples tipo de iconicidade: a onomatopeia (ou *phonomimes*). Note-se, no entanto, que vários tipos de iconicidade atuam

no inventário ideofónico, providenciando a representação não só de aspetos sonoros como também de outros aspetos sensoriais (sensações visuais, táteis, olfativas, gustativas ou sinestésicas) e suprassensoriais (percepções internas, estados psicomotores, etc.). O significado dos ideofones é, assim, tendencialmente mais icónico e menos arbitrário do que o das restantes palavras, restringindo também o espectro de domínios semânticos a que estão conectados.

Nas subsecções seguintes, apresentam-se os tipos de iconicidade em atuação nos ideofones em Santome, seguindo-se a explicitação dos campos semânticos frequentemente representados por esta classe de palavras. Por fim, apresentam-se considerações sobre os usos dos ideofones pelos falantes deste crioulo, num contexto sociolinguístico de gradual preponderância do Português.

#### 4.3.1. ICONICIDADE

A similitude entre as propriedades de uma forma linguística e as propriedades sensoriais, motoras e/ou afetivas de um referente (Perniss & Vigliocco 2014:2) é especialmente produtiva nos ideofones, assumindo vários padrões e graus. A associação entre o léxico ideofónico e a iconicidade é, aliás, tida como uma das características prototípicas destas palavras, nas diversas línguas do mundo. Observando o inventário ideofónico do Santome, é possível identificar algumas correspondências entre os seus formatos e respetivos significados. No entanto, grande parte dos ideofones nesta língua não estabelece este tipo de similitude, antes veiculando um significado análogo ao dos advérbios “muito” ou “completamente”.<sup>47</sup> A função destes itens é a de intensificar o significado do elemento que tipicamente modificam e com o qual formam uma unidade sintática, semântica e, em alguns casos, prosódica. É o caso de, por exemplo, (*blanku*) *fenene* ‘branquíssimo/muito branco ou pálido’, (*pletu*) *lululu* ‘pretíssimo/muito escuro’ ou (*doxi*) *menemene* ‘dulcíssimo/muito doce’. É difícil reconhecer alguma motivação simbólica que relacione estas formas às cores branca e preta ou ao conceito de doce. Pelo contrário, a estrutura de um ideofone como *sũũ* ou *kwakwakwa* é menos arbitrária, relacionando-se com a estrutura do evento ou estado representado. Partindo da tipologia de Dingemanse (2011:165-167), apresentam-se exemplos

---

<sup>47</sup> Na tipologia de Bartens (2000), estes ideofones correspondem ao tipo 1 (ver secção 3.3.2.)

de ideofones em Santome cuja significação é gerada de acordo com a *imagic iconicity*, a iconicidade *Gestalt* e a iconicidade relativa.

#### 4.3.1.1. *IMAGIC ICONICITY*

Trata-se do tipo de iconicidade mais transparente e nele inclui-se as palavras que mimetizam um som do mundo real, i.e., as palavras que tradicionalmente se designam como onomatopeias ou ainda *phonomimes*. Estes ideofones são constituídos, assim, por combinações de sons que são percecionados pela generalidade dos falantes de uma língua como similares às da realidade extralinguística. Em Santome, este tipo de relação entre som e significado é especialmente observado em ideofones que representam sons resultantes de movimentos de impacto, como (*da son*) *dĩ* ‘cair estatelado’ ou (*kota*) *kla* ‘cortar ao meio’, ou de grande agitação, como em (*flêbê*) *blublublu* ‘entrar ou estar em ebulição’, (*tlêmê/vivu*) *tatata* ‘tiritar/muito vivo’ ou (*tlêmê*) *gidigidi* ‘tremor como varas verdes’; sons produzidos pelos humanos, nomeadamente o riso, como (*da kebla*) *kwakwakwa* ‘rir às gargalhadas’ ou sons associados ao movimento da água, observável no ideofone (*kôlê/awa*) *xelele*<sup>48</sup> ‘fluxo da água’.

#### 4.3.1.2. ICONICIDADE *GESTALT*

Este tipo de iconicidade diz respeito ao isomorfismo entre as propriedades estruturais de uma palavra e as propriedades espaciais, temporais e aspetuais do referente que denotam. Alguns padrões de similitude entre as estruturas morfofonológicas e as características do evento ou estado representados pelos ideofones são identificados. Em primeiro lugar, estruturas monossilábicas e não reduplicadas parecem relacionar-se com ações repentinas ou altamente efémeras. Veja-se o exemplo supracitado (*kota*) *kla*. Se, por um lado, *kla* mimetiza o som de alguma coisa a ser fragmentada ou a fragmentar-se ao meio, por outro, parece que também o seu formato morfofonológico, constituído por uma única sílaba de estrutura CCV, sugere a velocidade ou ligeireza da ação representada. No mesmo sentido, a estrutura monossilábica do ideofone (*xê*) *vu* está associada ao facto de este designar uma ação repentina,

---

<sup>48</sup> A fricativa [f] é um dos segmentos tipicamente associados à representação dos diversos movimentos de líquidos.

nomeadamente a de sair de repente, sem aviso prévio. É como se a curta duração deste ideofone imitasse o eclipsar de alguém. O alongamento vocálico, por seu turno, é outro dos mecanismos estruturais que estabelece algum tipo de conexão com a realidade representada. Os ideofones (*pya*) *sũũ* ou (*mundjadu*) *tõõ* evocam, respetivamente, a ação de olhar continuamente para alguém ou para alguma coisa e o estado de imobilidade total. O alongamento sugere, assim, a extensão duracional ou espacial de um evento ou estado. Por fim, a estrutura morfológica de reduplicação (inerente e parcial) nos ideofones em Santome também revela aspetos temporais e aspetuais dos seus referentes. A reduplicação inerente do ideofone (*dwentxi*) *kwenkwenkwen*, por exemplo, representa a repetitividade de um estado de doença. A repetição adicional e não limitada das sílabas de alguns ideofones (e.g. *blublublu*, *tatata*, *gidigidi*), i.e., a reduplicação parcial, é legitimada pela iteração maior ou menor das ações denotadas.

#### 4.3.1.3. ICONICIDADE RELATIVA

Se a iconicidade *Gestalt* está na origem da semelhança entre a estrutura interna de uma palavra e a respetiva estrutura do referente, a iconicidade relativa sinaliza grupos de palavras com formatos similares a que estão associados significados similares. A um contraste entre, por exemplo, a vogal alta anterior [i] e a vogal baixa posterior [a] corresponde tipicamente um contraste de grandeza.<sup>49</sup> Muitas correspondências deste tipo são atestadas interlinguisticamente (e.g. Westermann 1927; Diffloth 1976; Lockwood & Dingemanse 2015). Em Santome, alguns pares de ideofones revelam este tipo de iconicidade. O *template* /VIVIV/ pode ser ocupado pelas vogais /a/ e /u/, resultando num contraste entre tonalidades claras e escuras: (*bôbô*) *lalala* ‘negro de cor especialmente clara’ e (*pletu*) *lululu* ‘pretíssimo/muito escuro’. Esta correspondência entre vogais baixas /a, e, ε/ e a noção de claridade e entre vogais altas /u, o/ e aquilo que é escuro é, de resto, identificada em outros ideofones (92).

- (92) a. (*blanku*) [fenene]<sub>I-ST</sub> ‘branquíssimo’

<sup>49</sup> Dingemanse (2011:172) apresenta o par *foforo-fo* ‘leve (=magro)’ e *fefere-fe* ‘muito leve (= como uma pena). O contraste de grandeza é representado pelo contraste entre a vogal anterior /ε/ e a vogal posterior /o/.

<i>(mulatu)</i> [fẽ:] <sub>1_ST</sub>	‘mulato especialmente branco/pálido’
<i>(bôbô)</i> [lalala] <sub>1_ST/2_AP/3_FF</sub>	‘negro de cor especialmente clara’
b. <i>(pletu)</i> [lululu] <sub>1_ST/2_AP</sub>	‘pretíssimo/muito escuro’
<i>(pletu)</i> [kõgo] <sub>1_ST/3_FF</sub>	‘negro de cor especialmente escura’

Outra evidência de iconicidade relativa encontra-se no par (*lêdê*) *zazaza* ‘sensação de ardor provocada pela pimenta’ e (*fela/kentxi*) *zuzuzu* ‘quentíssimo’. Desta feita, a consoante fricativa alveolar vozeada /z/<sup>50</sup> parece, numa estrutura zVzVzV, estar associada à sensação de calor produzida por temperaturas elevadas e à sensação de ardor ou queimadura. Por último, a estrutura tĩtĩtĩtĩ relaciona-se com a sensação de olfato. O contraste entre os ideofones (*sela*) *tententen* ‘cheirar muito bem’ e (*sela*) *tuntuntun* ‘cheirar muito mal’ é representado pelo contraste entre a vogal nasal anterior [ẽ] e a nasal posterior [ũ].

#### 4.3.2. CAMPOS SEMÂNTICOS

Os ideofones em Santome especificam, concretizam, evocam ou representam mais vividamente aspetos que derivam da percepção sensorial e suprassensorial. Os domínios semânticos a que comumente os ideofones e respetivas colocações estão associados podem ser elencados de acordo com as seguintes macro-categorias: sons, sabores, odores, sensações táteis, cores, qualidade, aparência física, ações voluntárias, estados temporários, estados permanentes, estados sociais e tempo. No grupo de não categorizados são incluídos todos os ideofones que não cabem em nenhuma das outras categorias estabelecidas.

- SONS – CAIR, CORTAR, FERVER, FLUIR, RIR  
Naturais e humanos: *ba bligidi* ‘desmoronar’, *flêbê blublublu* ‘entrar ou estar em ebulição’, *da son dĩa* ‘cair estatelado’, *kôlê xelele* ‘fluxo da água’  
Humanos: *kota kla* ‘cortar ao meio’, *da kebla kwakwakwa* ‘rir às gargalhadas’
- SABORES – DOCE/ ACRE; CRU

---

<sup>50</sup> Egbokhare (2001:87-96) identifica, para a língua Emai, uma correspondência similar entre a fricativa /z/ e o domínio perceptivo do tato.

*doxi menemene* ‘dulcíssimo’/ *zedon môlô* ‘acérrimo’, *zedu ndonkli* ‘acérrimo’; *kulu klani* ‘muito cru’

- ODORES – CHEIROSO/FÉTIDO

*sela tententen* ‘cheirar muito bem’/ *sela tuntuntun* ‘cheirar muito mal’

- SENSACÕES TÁTEIS – QUENTE /FRIO; DURO/MOLE; SECO/MOLHADO; ARDOR

*kentxi zuzuzu* ‘quentíssimo’/ *fyô kôkôkô* ‘gélido’; *lizu kankankan* ‘duríssimo’/ *moli mogomogo* ‘molíssimo’; *seku klakata* ‘sequíssimo’/ *monhadu potopoto* ‘encharcado’; *lêdê zazaza* ‘ardor de uma ferida ou ardor associado ao consumo de pimenta’

- CORES – CLARO/ESCURO; OUTRAS CORES; BRILHO/ESCURIDÃO

*blanku fenene* ‘branquíssimo’, *klalu fenene* ‘claríssimo’, *mulatu fãã* ‘mulato especialmente claro/pálido’, *bôbô lalala* ‘negro de cor especialmente clara’/ *pletu lululu* ‘pretíssimo’, *pletu kongô* ‘negro de cor especialmente escura’; *vlêmê bababa* ‘vermelhíssimo’, *zulu kankankan* ‘azulíssimo’; *luji myêgêmyêge* ‘brilhar intensamente’, *wê ngenengene* ‘olhos com brilho’, *solo mêdja ngwangwangwan* ‘sol abrasador; sol de meio dia’, *vlêmê myamyamya* ‘cor da luz dos relâmpagos’/ *kulu dîî* ‘muito escuro, sombrio’

- QUALIDADE

*fina lelele* ‘muito bom, excelente’, *fina lekeleke* ‘muito bom, excelente’

- APARÊNCIA FÍSICA – BELEZA, MAGREZA, LIMPEZA/SUJIDADE

*dentxi upa* ‘dentes espaçados’, *wê pitxipitxi* ‘olhos semicerrados’, *mina bodobodo* ‘rapariga/mulher voluptuosa, atraente’, *bixi fyefyefye* ‘bem vestido, elegante’, *mlagu benfebenfe* ‘muito magro’, *mlagu txeketxeke* ‘pessoa muito estreita e simultaneamente muito alta’; *limpu fyefyefye* ‘limpíssimo’, *limpu pyenepyene* ‘limpíssimo’/ *suzu kotokoto* ‘sujíssimo’

- AÇÕES VOLUNTÁRIAS – PARTIR, ESTENDER, OLHAR, IGNORAR, APARECER/DESAPARECER, INTRIGAR, ESTRAGAR

*kebla winiwini* ‘partir aos bocadinhos’, *kebla zegezege* ‘partir sem desassociar’, *sendê byolôlô* ‘estender sem limites, expandir’, *pya sũũ* ‘olhar continuamente’, *pya babaka* ‘estar pasmo’, *olha klukutu* ‘ignorar’ *xê vu* ‘desaparecer/aparecer repentinamente’, *fla vonvon* ‘falar à toa’, *dana kotokoto* ‘estragar completamente, arruinar’

- AÇÕES INVOLUNTÁRIAS – CHORAR, RESPIRAR  
*sola fliji* ‘chorar desalmadamente, como os bebês’, *sola potopoto* ‘chorar muito, vertendo lágrimas’, *flôgô libaliba* ‘respiração ofegante’
- ESTADOS TEMPORÁRIOS – AGITADO/IMOBILIZADO; NOVO/VELHO; ABERTO/FECHADO; REPLETO; ESTICADO  
*tlêmê tatata* ‘tiritar’, *tlêmê gidigidi* ‘tremor como varas verdes’, *vivu sasasa* ‘vivíssimo’/ *tason zekete* ‘sentar-se imobilizado por um grande período’, *mundjadu tôô/ti* ‘imobilizado’; *fili petepete* ‘verde, muito novo’, *novu xtlinki* ‘novíssimo’/ *ve ketekete* ‘velhíssimo’; *betu blalala* ‘escancarado’, *wê betu klan* ‘de olhos bem abertos’ *betu wan* ‘abertíssimo’/ *fisadu kôkôkô* ‘fechadíssimo’; *xa dududu* ‘cheíssimo’, *xa libita* ‘cheio no limite’, *xa lôlôlô* ‘cheio a transbordar’, *xa pu* ‘cheíssimo’; *tezadu tôô* ‘esticadíssimo’, *felu tôô* ‘pênis ereto’
- ESTADOS PERMANENTES – PATOLOGIAS  
*dwentxi kwenkwenkwen* ‘estado de doença prolongada’, *mon kluklu* ‘amputação’ *kabêsa wôlôwôlô* ‘cabeça de vento, pessoa distraída ou louca’
- ESTADOS SOCIAIS – RIQUEZA/POBREZA  
*liku sonosono* ‘riquíssimo’/ *pobli vantenadu* ‘paupérrimo’, *pobli zezezege* ‘paupérrimo’
- TEMPO – PASSADO  
*djina bixkôkô* ‘há muito tempo atrás’, *djina txitxi* ‘desde criança’
- SEM CATEGORIZAÇÃO  
*fitxisêlu aze* ‘feiticeiro competente e, por isso, temível’, *pema mufuku* ‘palmeira ainda não tratada’, *plêjida mufuku* ‘mulher que não tem habilidades domésticas’, *kaboka pipipi* ‘[mandar] calar’, *kloson tefitefi* ‘pessoa gananciosa, invejosa’, *ôbô jiji* ‘floresta impenetrável’

#### 4.3.3. FUNÇÕES E USOS

Os ideofones são tradicionalmente associados à comunicação oral. Em Santome, estes elementos linguísticos são incluídos, com maior ou menor frequência, em conversações

quotidianas, pequenos relatos e histórias ou canções populares (por exemplo, “Menemene”<sup>51</sup> é o título de uma das canções com mais popularidade de São Tomé & Príncipe, referindo-se ao ideofone que integra a colocação *doxi menemene* ‘dulcíssimo’). A menor distância discursiva do oral providencia o contexto ideal para que um falante possa intensificar, representar, evocar ou sugerir aspetos do real, oferecendo aos ouvintes a possibilidade de vislumbrar ou imaginar um determinado evento, emoção ou percepção que já aconteceu ou que está a acontecer no tempo da enunciação. Para isso, a produção de ideofones envolve tipicamente a manipulação de mecanismos expressivos (o alongamento vocálico, uma maior velocidade de locução, gestos<sup>52</sup>, etc.). O discurso oral é, pois, o território comunicativo onde melhor se encaixam os ideofones em Santome. Importa notar, no entanto, que a escassez ou inexistência de ideofones no discurso literário/poético escrito se deve à pouco arraigada tradição literária escrita nesta língua.

De facto, as condições sociolinguísticas do Santome poderão explicar a utilização e produtividade mais limitada dos ideofones. Se, por um lado, se restringem ao discurso oral, por outro, são limitados pela proficiência dos falantes e pela progressiva influência do Português, língua oficial, dominante e L1 da maioria da população (RGPH 2003:48), designadamente das faixas etárias mais jovens. A homogeneidade e supremacia no uso do Português<sup>53</sup>, língua que não dispõe de uma classe produtiva de ideofones, e a consequente secundarização/abandono do Santome explicarão porque os ideofones são agora elementos linguísticos incomuns, extraordinariamente utilizados em conversas espontâneas, substituídos por elementos menos expressivos e mais prosaicos, ou raramente apreendidos pelas gerações mais novas. Não obstante, os jovens e algumas crianças preservam algum

---

<sup>51</sup> Disponível para audição em <https://www.youtube.com/watch?v=S22zpPwByYw>.

<sup>52</sup> A relação entre a produção de ideofones e a produção de gestos mais ou menos icónicos é inegável e tem sido relevada em várias investigações sobre a ideofonia nas línguas do mundo (e.g. Kunene 1965; Dingemanse 2011). Os falantes de Santome, quando questionados acerca do significado dos itens ideofónicos, recorreram com frequência a movimentos corporais e não-corporais para essa explicação informal, o que constituirá certamente um ponto de partida para investigações futuras acerca dos padrões de “verbal gestures” em atuação nesta língua.

<sup>53</sup> Childs (1994b) sublinha justamente o papel da língua de superstrato (ou a língua de prestígio) na retenção e prevalência dos ideofones em línguas crioulas. Segundo o autor, quanto maior for a influência ou pressão das línguas de superstrato, menor será a probabilidade de preservação do léxico ideofónico.



léxico ideofónico, perspectivando-o como idiossincrático e, por esse motivo, só o utilizando em ocasiões específicas (conversas com pessoas mais velhas, brincadeiras, gracejos).

#### 4.3.4. SUMÁRIO

Os ideofones em Santome modificam, intensificam, representam ou sugerem aspetos dos seus referentes, tipicamente associados aos domínios sensoriais e suprassensoriais dos sons, sabores, odores, sensações táteis, cores, qualidade, aparência física, ações voluntárias, ações voluntárias, estados temporários, estados permanentes, estados sociais e tempo. Para isso, alguns ideofones manipulam diferentes tipos de iconicidade (*Imagic*, *Gestalt* e relativa) que relacionam de forma mais ou menos direta e transparente os seus formatos morfofonológicos aos sons do mundo real (e.g. rir, tremer, ferver) ou aos conceitos ou aspetos espaço-temporais dos eventos a que se referem.

O inventário ideofónico distingue-se, assim, por veicular significados altamente específicos, tendencialmente mais icónicos, e associados a domínios sensoriais e suprassensoriais. Para além disto, é no discurso oral e informal que os ideofones são mais utilizados, reconhecidamente encarados pelos falantes como itens linguísticos específicos e, em alguns casos, divertidos. Uma conjugação de fatores como a especificidade intrínseca, a preponderância progressiva do Português e a consequente secundarização do Santome explicam a reduzida utilização destas palavras numa perspetiva global de uso do Santome. No entanto, o facto de falantes mais jovens ainda apreenderem e utilizarem alguns ideofones revela que a manutenção da vitalidade desta classe de palavras é possível e desejável (num contexto de acelerada influência do Português, língua que não possui ideofones).

## 5. CONCLUSÕES

A questão que inaugura o último capítulo desta dissertação – O que é um ideofone em Santome? – terá sido, em diversos momentos históricos e por diversos linguistas, adaptada a outros universos linguísticos. Dessa interrogação resultou uma incompreensão inicial generalizada, a que se seguiu uma profusão de termos (e.g. “ideophones”, “mimetics”, “expressives”) e, finalmente, uma proliferação gradual de investigações, artigos e teses em que se procurou identificar e determinar que propriedades universais e particulares caracterizam estas palavras nas várias línguas do mundo onde são identificadas. Mais do que itens exóticos ou aberrantes, os ideofones são palavras reconhecidamente expressivas e performativas que manipulam, de forma não convencional, os seus formatos, significados e funções pragmáticas. Qualquer falante nativo de uma língua que possua ideofones os distingue e os celebra, utilizando-os em conversas diárias, gracejos, histórias, contos infantis, canções populares, poemas, etc. Apesar de idiossincráticos, estão, assim, plenamente convencionados e integrados na estrutura linguística das línguas.

E também em Santome são encontrados. Apesar de referenciados como tal em estudos anteriores (Valkoff 1966; Ferraz 1979; Araújo 2011), os ideofones em Santome só nesta dissertação mereceram destaque. A presente investigação tinha como objetivo principal identificar e desenvolver uma análise e discussão das propriedades estruturais (sintáticas, morfofonológicas, semântico-pragmáticas) que permitem distinguir os elementos ideofónicos do Santome. À semelhança das línguas de substrato, nomeadamente o Edo e o Kikongo, o Santome possui um inventário ideofónico produtivo, constituído por aproximadamente uma centena de elementos. Os resultados permitiram concluir que a propriedade mais assinalável destes ideofones prende-se com o facto de estes elementos modificarem obrigatoriamente uma base lexical pré-determinada, com a qual formam uma unidade tendencialmente lexicalizada. Assim, um ideofone como *fenene* só poderá modificar o adjetivo *blanku* e *upa* só poderá suceder ao nome *dentxi*. As exceções a este comportamento prototípico dever-se-ão, como visto, ao contexto ou à maior independência semântica dos ideofones (designadamente, aqueles cuja forma se associa mais diretamente ao significado). Saliente-se que a integração dos ideofones na estrutura sintática dos diversos constituintes da frase (sobretudo, VP e NP) deverá ser objeto de investigações futuras mais aprofundadas, tendo como ponto de partida alguns dados nesta dissertação manipulados.

No que diz respeito à morfofonologia, a maior parte dos ideofones apresenta formatos inerentemente reduplicados, isto é, constituídos por repetições fossilizadas ou lexicalizadas de sílabas ou dissílabos, cuja contrapartida não reduplicada é inexistente e agramatical. Não obstante, verifica-se a possibilidade de aplicação do processo de reduplicação propriamente dita, com a repetição não determinada de sílabas para efeitos expressivos. Destacam-se ainda os padrões de proeminência prosódica altamente variáveis quer no interior de uma forma quer entre diferentes realizações do mesmo ideofone. Duas hipóteses foram propostas para explicar este comportamento distintivo: (i) os falantes manipulam as proeminências dos ideofones para efeitos expressivos, intuitivamente destacando-os dos restantes itens linguísticos ou (ii) os falantes variam na localização das proeminências dos ideofones devido à influência de um sistema tonal ou misto em atuação na língua. Outra idiossincrasia morfofonológica dos ideofones em Santome é a manipulação expressiva do alongamento vocálico, propriedade exclusiva e obrigatória na realização de um subconjunto de ideofones.

Em termos semânticos, os ideofones constituem um desafio. Como visto na secção 4.1., os ideofones e as respetivas bases partilham um significado específico, que não é tipicamente obtido através da soma dos seus significados literais. São, portanto, unidades não-composicionais. Os seus significados remetem para conceções mais figuradas e o ideofone é o elemento que pode sugerir, representar ou evocar aspetos do evento ou estado a que as unidades se referem. Alguns ideofones destacam-se inclusivamente por manipular tipos de iconicidade (*Imagic*, *Gestalt*, relativa), relacionando mais ou menos diretamente os seus formatos aos significados que veiculam. Para além disto, os ideofones cobrem um grande espectro de domínios semânticos, particularmente os sensoriais e os suprassensoriais. Enquanto elementos mais expressivos, não é surpreendente que ocorram sobretudo no discurso oral informal, utilizados em conversações diárias ou canções populares. No entanto, devido às condições sociolinguísticas de São Tomé e à especificidade intrínseca destas palavras, reconhece-se que a sua utilização é limitada, restringindo-se tendencialmente aos falantes mais velhos (e, por isso, os mais proficientes em Santome). Afigura-se, pois, premente a contínua documentação e descrição do inventário ideofónico num quadro geral de gradual secundarização do Santome, sob pena de se perder inevitavelmente os itens mais expressivos, ricos e coloridos desta língua.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIKHENVALD, Alexandra & DIXON, Robert (eds.). 2003. *Studies in Evidentiality*. Amsterdam: John Benjamins.
- AKITA, Kimi. 2009. *A grammar of sound-symbolic words in Japanese: theoretical approaches to iconic and lexical properties of Japanese mimetics*. PhD dissertation. Kobe University.
- ALEXANDRE, Pierre. 1966. Préliminaire à une présentation des idéophones Bulu. In Lukas (ed.) *Neue Afrikanische Studien, Hamburger Beiträge zur Afrika-Kunde*. Hamburg: Deutsches Institut für Afrika-Forschung. 9-28.
- ALPHER, Barry. 1994. Yir-Yoront Ideophones. In Hinton, Nichols & Ohala (eds.) *Sound Symbolism*. Cambridge: Cambridge University Press. 161-177.
- ALPHER, Barry. 2001. Ideophones in interaction with intonation and the expression of new information in some indigenous languages of Australia. In Voeltz & Kilian-Hatz (eds.) *Ideophones*. Amsterdam: John Benjamins. 9-25.
- AMEKA, Felix. 2001. Ideophones and the nature of the adjective word class in Ewe. In Voeltz & Kilian-Hatz (eds.) *Ideophones*. Amsterdam: John Benjamins. 26-48.
- AMHA, Azeb. 2001. Ideophones and compound verbs in Wolaitta. In Voeltz & Kilian-Hatz (eds.) *Ideophones*. Amsterdam: John Benjamins. 49-62.
- ANDRADE, Ernesto & RODRIGUES, Celeste. 1998. Das Escolas e das Culturas: História de Uma Sequência Consonântica. *Actas do XIVº Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, v. I, 117-133.
- ARAÚJO, Gabriel. 2009. Ideofones na língua são-tomense. *PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, v. 19, 23-37.
- ARAÚJO, Gabriel. 2011. Relações entre as fonologias das línguas crioulas de STP e a proposta ortográfica ALUSTP. In *7.º Congresso Ibérico de Estudos Africanos*, 9, Lisboa, 2010 - 50 anos das independências africanas: desafios para a modernidade. Lisboa: CEA.

- ARAÚJO, Gabriel. 2011. Consoantes com dupla articulação e onsets complexos nas línguas crioulas do Golfo da Guiné. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 40 (1), p. 316-325.
- ARAÚJO, Gabriel & HAGEMEIJER, Tjerk. 2013. *Dicionário livre santome/português*. São Paulo: Hedra.
- ASHER, Ron. 1982. *Tamil*. Amsterdam: North-Holland Publishing Company.
- AWOYALE, Yiwola. 1989. Reduplication and the status of ideophones in Yoruba. *The Journal of West African Languages* 19, 1, 15-34.
- BACELAR DO NASCIMENTO, Maria Fernanda. 2013. Processos de lexicalização. In Paiva Raposo, Nascimento, Mota, Segura & Mendes (coords.) *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 215-246.
- BAKKER, Peter. 1987. Reduplications in Saramaccan. In Alleyne (ed.) *Studies in Saramaccan language structure*. Amsterdam: University of Amsterdam. 17-40.
- BALDUINO, Amanda & AGOSTINHO, Ana & ARAÚJO, Gabriel & SILVEIRA, Alfredo. 2015. A nasalidade vocálica em santome e lung'le. *PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, v.25(1), 7-25.
- BANDEIRA, Manuele. 2016. *Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné*. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Universidade de São Paulo.
- BARRENA, Natalio. 1957. *Gramatica Annobonesa*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Cientificas.
- BARRETO, Marcus. 2008. *Contribuições da língua portuguesa e das línguas africanas quicongo e bini na constituição do crioulo sãotomense*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Universidade de São Paulo.
- BARTENS, Angela. 2000. *Ideophones and Sound Symbolism in Atlantic Creoles*. Saarijärvi: Gummerus Printing.
- BECK, David. 2008. Ideophones, Adverbs, and Predicate Qualification in Upper Necaxa Totonac. *International Journal of American Linguistics* 74 (1), 1-46.
- BHATT, Parth. 2016. *What is so special about Santome? Evidence from phonology*.

Comunicação apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 6 de abril.

- BLENCH, Roger. 2010. The sensory world: ideophones in Africa and elsewhere. In Storch (ed.) *Perception of the Invisible: Religion, Historical Semantics and the Role of Perceptive Verbs*. Cologne: Köppe. 275-296.
- BODOMO, Adams. 2006. The structure of ideophones in African and Asian languages: The case of Dagaare and Cantonese. In *Selected Proceedings of the 35<sup>th</sup> Annual Conference on African Linguistics*. Harvard: Harvard University Press. 203-213.
- BOOIJ, Geert. (1996). *The phonology of Dutch*. Oxford: Oxford University Press.
- CHILDS, Tucker. 1988. *The phonology and morphology of Kisi*. PhD dissertation. University of California.
- CHILDS, Tucker. 1989. Where do ideophones come from? *Studies in the Linguistic Sciences* 19, 57-78.
- CHILDS, Tucker. 1994a. African Ideophones. In Hinton, Nichols & Holm (eds.) *Sound Symbolism*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CHILDS, Tucker. 1994b. Expressiveness in contact situations: the fate of African ideophones. *Journal of Pidgin and Creole languages* 9 (2), 257-282.
- CHILDS, Tucker. 1998. Ideophone variation is tied to local identity. In Verma (ed.) *The Sociolinguistics of Language and Society: Selected Papers from SS IX*. London: Sage Publishers. 36-46.
- CHILDS, Tucker. 2001. Research on ideophones, whither hence? The Need for a social theory of ideophones. In Voeltz & Kilian-Hatz (eds.) *Ideophones*. Amsterdam: John Benjamins. 63-73.
- CHILDS, Tucker. 2003. *An introduction to African languages*. Amsterdam: John Benjamins.
- CLARK, Herbert & GERRING, Richard. 1990. Quotations as Demonstrations. *Language* 66 (4), 764-805.
- COLE, Desmond. 1955. *An Introduction to Tswana Grammar*. London: Longmans, Green.

- COURTENAY, Karen. 1976. Ideophones defined as a phonological class: the case of Yoruba. *Studies in African Linguistics* (Supplement 6), 13-26.
- COUTO, Hildo. 1995. Exclusive particles (ideophones) in Guinea-Bissau creole. In Baker (org.) *From contact to creole and beyond*. London: University of Westminster Press. 207-215.
- COUTO, Hildo. 1996. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- CREISSELS, Dennis. (2001). Setswana ideophones as uninflected predicative lexemes. In Voeltz & Kilian-Hatz (eds.) *Ideophones*. Amsterdam: John Benjamins. 75-85.
- CROWLEY, Terry. 2006. *Naman: a vanishing language of Malakula (Vanuatu)*. Pacific Linguistics, Research School of Pacific and Asian Studies, The Australian National University.
- DECAMP, David. 1974. *Neutralizations, iteratives, and ideophones: the locus of language in Jamaica*. Washington: Georgetown University Press.
- DE JONG, Nicky. 2001. The ideophone in Didinga. In Voeltz & Kilian-Hatz (eds.) *Ideophones*. Amsterdam: John Benjamins. 121-138.
- DIFFLOTH, Gérard. 1972. Notes on expressive meaning. *Chicago Linguistic Society* 8, 440-447.
- DIFFLOTH, Gérard. 1976. Expressives in Semai. *Oceanic Linguistics Special Publications* (13), 249-264.
- DINGEMANSE, Mark. 2011. *The meaning and use of ideophones in Siwu*. PhD dissertation. Nijmegen: Radboud University Nijmegen.
- DINGEMANSE, Mark. 2012. Advances in the cross-linguistic study of ideophones. *Language and Linguistics Compass* 6(10), 654–672.
- DINGEMANSE, Mark. 2015. Ideophones and Reduplication: depiction, description, and the interpretation of repeated talk in discourse. *Studies in Language*, 39(4), 946-970.
- DINGEMANSE, Mark, BLASI, Damián, LUPYAN, Gary, CHRISTIANSEN, Morten & MONAGHAN, Padraic. 2015. Arbitrariness, iconicity and systematicity in

- language. *Trends in Cognitive Sciences*, 19, 10, 603-615.
- DINGEMANSE, Mark & AKITA, Kimi. 2016. An inverse relation between expressiveness and grammatical integration: on the morphosyntactic typology of ideophones, with special reference to Japanese. *Journal of Linguistics*. 1-32.
- DOKE, Clement. (1922). *The grammar of the Lamba language*. London: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. Ltd.
- DOKE, Clement. 1935. *Bantu Linguistic Terminology*. London: Longmans, Green and Co.
- DRYER, Matthew & HASPELMATH, Martin (eds.) 2013. *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology.
- EGBOKHARE, Francis. 2001. Phonosemantic correspondences in Emai attributive ideophones. In Voetlz & Kilian-Hatz (eds.) *Ideophones*. Amsterdam: John Benjamins. 87-96.
- ELDERS, Stefan. 2001. Defining ideophones in Mundang. In Voetlz & Kilian-Hatz (eds.) *Ideophones*. Amsterdam: John Benjamins. 97-110.
- ENFIELD, N. J. 2007. *A Grammar of Lao*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- FARACLAS, Nicholas. 1996. *Nigerian Pidgin*. London / New York: Routledge.
- FERRAZ, Luiz Ivens. 1979. *The creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- FORDYCE, James. 1983. The ideophone as a phonosemantic class: the case of Yoruba. In Dihoff (ed.) *Current Approaches to African Linguistics*. Dordrecht: Foris. 263-278.
- FORDYCE, James. 1988. *Studies in sound symbolism with special reference to English*. PhD dissertation. University of California.
- FORTUNE, George. 1962. *Ideophones in Shona: an inaugural lecture given in the University College of Rhodesia and Nyasaland on 28 april 1961*. London / New York: Oxford University Press.
- FREITAS, Maria João & RODRIGUES, Celeste. 2003. On the nature of sC-clusters in European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, volume 2 (2), 55-86.



- GIL, David. 2005. From repetition to reduplication in Riau Indonesian. In Hurch & Mattes (eds.) *Studies on reduplication*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter.
- GONÇALVES, Rita. 2012. Mudança linguística e variação no português de S. Tomé. In Roque, Seibert & Marques (coord.) *Livro de Atas - Colóquio Internacional: São Tomé e Príncipe numa perspectiva interdisciplinar, diacrónica e sincrónica*. Lisboa: ISCTE - IUL/CEA-IUL/IICT.
- GRAHAM, Steve & GRAHAM, Trina. 2004. West Africa lusolexed creoles word list file documentation. *SIL Electronic Survey Reports 2004-012*, 24.
- GÜLDEMANN, Tom. 2008. *Quotative indexes in African languages: a synchronic and diachronic survey*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- GÜLDEMANN, Tom & HAGEMEIJER, Tjerk. 2006. Negation in the Gulf of Guinea creoles: typological and historical perspectives. Congresso Anual da ACBPLe – Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola. Universidade de Coimbra, 28-30 de junho.
- HAACKE, Wilfrid & EISEB, Eliphas. 1991. *Khoekhoegowab — English English — Khoekhoego- wab Glossary*. Windhoek: Gamsberg-Macmillan Publishers.
- HAGEMEIJER, Tjerk. 2007. *Clause struture in santome*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- HAGEMEIJER, Tjerk. 2008. Léxico africano no Forro. Comunicação apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 12 de julho.
- HAGEMEIJER, Tjerk. 2009. As línguas de S. Tomé e Príncipe. *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*, 1:1, 1-27.
- HAGEMEIJER, Tjerk. 2011. The Gulf of Guinea creoles: genetic and typological relations. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 26:1, 111-154.
- HAGEMEIJER, Tjerk & OGIE, Ota. 2011. Edo influence on Santome: evidence from verb serialization and beyond. In Lefebvre (ed.) *Creoles, their substrates, and language typology*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins. 37-60.
- HAGEMEIJER, Tjerk. 2013. Santome. In Michaelis, Maurer, Haspelmath & Huber (eds.)

- The survey of pidgin and creole languages*. Vol. II: Portuguese-based, Spanish-based and French-based languages. Oxford: Oxford University Press. 50-58.
- HAGEMEIJER, Tjerk, AMARO, Haldane, GÉNÉREUX, Michel, HENDRICKX, Iris, MENDES, Amália & TINY, Abigail. 2014. *Santome corpus*. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL).
- HAGEMEIJER, Tjerk. 2015. The Gulf of Guinea creoles: a case-study of syntactic reconstruction. In Viti (ed.) *Perspectives on Historical Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins. 293-316.
- HINTON, Leanne, NICHOLS, Johanna & OHALA, John (eds.). 1994. *Sound Symbolism*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HOCKETT, Charles. 1960. The origin of speech. *Scientific American* 203.3, 89-96.
- HOLM, John. 2000. *An introduction to pidgins and creoles*. Cambridge: CUP.
- IMAI, Mutsumi & KITA, Sotaro. 2014. The sound symbolism bootstrapping hypothesis for language acquisition and language evolution. *Philosophical Transactions of the Royal Society B*, 369: 20130298.
- JACQUES, Guillaume. 2013. Ideophones in Japhug (Rgyalrong). *Anthropological Linguistics*, v. 55, 3, 256-287.
- JUNOD, Henri. 1896. *Grammaire Ronga*. Lausanne: Imprimerie Georges Bridel & Cie.
- KABUTA, N.S. 2001. Ideophones in Ciluba. In Voeltz & Kilian-Hatz (eds.) *Ideophones*. Amsterdam: John Benjamins. 139-154.
- KANU, Sullay. 2008. Ideophones in Temne. *Kansas Working Papers in Linguistics*, 30: 120-134.
- KELLY, Michael. 1992. Using sound to solve syntactic problems. *Psychological Review* 99 (2): 349-364.
- KILIAN-HATZ, Christa. 2001. Universality and diversity: ideophones from Baka and Kxoe. In Voeltz & Kilian-Hatz (eds.) *Ideophones*. Amsterdam: John Benjamins. 155-163.
- KITA, Sotaro. 1997. Two-dimensional semantic analysis of Japanese mimetics. *Linguistics*

35: 379-415.

- KLAMER, Marian. 2000. Austronesian expressives and the lexicon. In Kitto & Smallwood (eds.) *Proceedings of AFLA 6. Working Papers in Linguistics*. University of Toronto.
- KLAMER, Marian. 2001. Expressives and iconicity in the lexicon. In Voeltz & Kilian-Hatz (eds.) *Ideophones*. Amsterdam: John Benjamins. 165-181.
- KULEMEKA, Andrew. 1994. *The Status of the Ideophone in Chichewa*. PhD dissertation. Indiana University.
- KULEMEKA, Andrew. 1995. Sound symbolic and grammatical frameworks: a typology of ideophones in Asian and African languages. *South African Journal of African Languages*, 15 (2), 73-84.
- KUNENE, Daniel. 1965. The ideophone in Southern Sotho. *Journal of African Languages* 4. 19-39.
- KUNENE, Daniel. 2001. Speaking the act: the ideophone as a linguistic rebel. In Voeltz & Kilian-Hatz (eds.) *Ideophones*. Amsterdam: John Benjamins. 183-191.
- LADHAMS, John, HAGEMEIJER, Tjerk, MAURER, Philippe & POST, Marike. 2002. *Reduplication in the Gulf of Guinea Creoles*. In Kouwenberg (ed.) *Twice as meaningful*. London: Westminster Creolistics Series. 165-174.
- LEE, Jin-Seong. 1992. *Phonology and sound symbolism of Korean ideophones*. PhD dissertation. Indiana University.
- LEWIS, Paul, Simons, Gary & FENNIG, Charles (eds.). 2016. *Ethnologue: Languages of the World, Nineteenth edition*. Dallas, Texas: SIL International.
- LOCKWOOD, Gwilym & DINGEMANSE, Mark. 2015. Iconicity in the lab: a review of behavioural, developmental, and neuroimaging research into sound-symbolism. *Psychology*, 6: 1246.
- LORENZINO, Gerardo. 1998. *The Angolar Creole Portuguese of São Tomé: Its grammar and sociolinguistic history*. PhD dissertation. University of New York.
- LYDALL, Jean. 2000. Having fun with ideophones: a socio-linguistic look at ideophones in Hamar, Southern Ethiopia. In *Proceedings of the XIV International Conference of*

- Ethiopian Studies*. Addis Ababa: Addis Ababa University. 886-91.
- MADUKA, Omen. 1988. Size and shape ideophones in Nembe: a phonosemantic analysis. *Studies in African Linguistics* 19, 1, 93-113.
- MATEUS, Maria Helena *et al.* 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- MATEUS, Maria Helena & ANDRADE, Ernesto. 2000. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- MAURER, Philippe. 1995. *L'Angolar: Un créole afro-portugais parlé à São Tomé*. Hamburg: Helmut Buske Verlag.
- MAURER, Philippe. 1999. El verbo locativo poner en santomense, principense y angolar. In Zimmermann (ed.) *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*. Frankfurt/Madrid: Vervuert/ Iberoamericana. 89-100.
- MAURER, Philippe. 2008. A first step towards the analysis of tone in Santomense. In Michaelis (ed.) *Roots of creole structures*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 253-261.
- MAURER, Philippe. 2009. *Principense*. London: Battlebridge.
- MAURER, Philippe. 2013. Angolar. In Michaelis, Maurer, Haspelmath & Huber (eds.) *The survey of pidgin and creole languages*. Vol. II: Portuguese-based, Spanish-based and French-based languages. Oxford: Oxford University Press. 59-71.
- MCCARTHY, John & PRINCE, Alan 1988, Quantitative transfer in reduplicative and templatic morphology. In Linguistic Society of Korea (ed.), *Linguistics in the Morning Calm*, 2. Seoul: Hanshin Publishing Co. 3-35.
- MCCARTHY, John & PRINCE, Alan. 1995. Faithfulness and reduplicative identity. In Beckman, Dickey & Suzanne (eds.) *Papers in Optimality Theory*. University of Massachusetts Occasional Papers. 249-384.
- MICHAELIS, Susanne Maria, MAURER, Philippe, HASPELMATH, Martin & HUBER, Magnus (eds.). 2013. *The Atlas of Pidgin and Creole Language Structures*. Oxford: Oxford University Press.
- MIKONE, Eve. 2001. Ideophones in the Balto-Finnic languages. In Voeltz & Kilian-Hatz

- (eds.) *Ideophones*. Amsterdam: John Benjamins. 223-233.
- MOSES, Ayoola. 2015. Contrastive linguistics: an exploration of ideophones in Yoruba and Edo Speech Communities. *International Journal of Humanities Social Sciences and Education*, v. 2, 5, 170-181.
- MOSHI, Lioba. 1993. Ideophones in KiVunjo-Chaga. *Journal of Linguistic Anthropology* 3 (2): 185-216.
- MPHANDE, Lupenga. 1992. Ideophones and African Verse. *Research in African Literatures* 23 (1): 117-129.
- MSIMANG, Christian & POULOS, George. 2001. The ideophone in Zulu: a re-examination of conceptual and descriptive notions. In Voeltz & Kilian-Hatz (eds.) *Ideophones*. Amsterdam: John Benjamins. 235-249.
- NEGREIROS, António. 1895. *História Ethnographica da ilha de São Tomé*. Lisboa: José Bastos.
- NEWMAN, Paul. 1968. Ideophones from a syntactic point of view. *Journal of West African Languages* 5, 107-117.
- NEWMAN, Paul. 2001. Are ideophones really as weird and extra-systematic as linguists make them out to be? In Voeltz & Kilian-Hatz (eds.) *Ideophones*. Amsterdam: John Benjamins. 251-258.
- NOSS, Philip. 1975. The ideophone: a linguistic and literary device in Gbaya and Sango with reference to Zande. In Hurreiz & Bell (eds.) *Directions in Sudanese Linguistics and Folklore*. Khartoum: Khartoum University Press. 142-152.
- NOSS, Philip. 1985. The ideophone and bible translation: child or stepchild? *The Bible Translator: Practical Papers* 36 (2), 423-430.
- NOSS, Philip. 1986. The ideophone in Gbaya syntax. In Dimmendaal (ed.) *Current Approaches to African Linguistics* 3. Dordrecht: Foris. 241-255.
- NUCKOLLS, Janis. 1995. Quechua texts of perception. *Semiotica* 103 (1/2), 145-169.
- NUCKOLLS, Janis. 1996. *Sounds Like Life: Sound-Symbolic Grammar, Performance, and Cognition in Pastaza Quechua*. New York: Oxford University Press.

- PERNISS, Pamela & VIGLIOCCO, Gabriella. 2014. The bridge of iconicity: from a world of experience to the experience of language. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences* 369:20130300
- POST, Marike. 2013. Fa d'Ambô. In Michaelis, Maurer, Haspelmath, & Huber (eds.) *The survey of pidgin and creole languages*. Vol. II: Portuguese-based, Spanish-based and French-based languages. Oxford: Oxford University Press. 81-89.
- PROU, Marc. 2000. Haitian creole ideophones: an exploratory analysis. *Journal of Haitian Studies* Vol. 5/6.
- RGPH – 2012. IV Recenseamento geral da população e habitação. São Tomé & Príncipe: Instituto Nacional de Estatística.
- ROCHA, Mafalda. 2015. *Sustentabilidade e arquitetura bioclimática nos trópicos: tipologias sustentáveis e (re)desenho urbano em São Tomé e Príncipe*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.
- ROUGÉ, Jean-Louis. 2004. *Dictionnaire étymologique des créoles portugais d'Afrique*. Paris: Karthala.
- RUBINO, Carl. 2001. Iconic morphology and word formation in Ilocano. In Voeltz & Kilian-Hatz (eds.) *Ideophones*. Amsterdam: John Benjamins. 303-320.
- SAMARIN, William. 1965. Perspective on African ideophones. *African Studies* 24 (2), 117-121.
- SAMARIN, William. 1970. Inventory and choice in expressive language. *Word* 26, 153-169.
- SAMARIN, William. 1971. Survey of Bantu ideophones. *African Language Studies* 12, 130-168.
- SAUSSURE, Ferdinand. 1966. *Curso de Linguística Geral*. Lisboa: Dom Quixote.
- SCHANG, Emmanuel. 2000. *L'émergence des créoles portugais du Golfe de Guinée*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Nancy 2.
- SCHANG, Emmanuel. 2012. Reduplication in São Tomense: issues at the syntax-semantics interface. In Aboh, Smith & Zribi-Hertz (eds.) *The Morphosyntax of Reiteration in Creole and Non-Creole Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 235-

- SMITH, Norval & ADAMSON, Lilian. 2007. Tonal phenomena in Sranan. In: Bhatt & Plag (eds.) *Stress, Tone and Intonation in Creoles and Contact Languages* (special issue of *Sprachtypologie und Universalienforschung/Language Typology and Universals*). *STUF* 59, 211-18.
- SMITHERS, Geoffrey Victor. 1954. Some English ideophones. *Archivum Linguisticum* 6 (2), 73-111.
- SMOLL, Laetitia. 2014. *Me:ruru, φoku and tfitowif: an analysis of ideophones in Katuena (Tunayana)*. Dissertação de mestrado. Faculty of Humanities: Leiden University.
- TAVARES, Gonçalo M. 2013. *Atlas do Corpo e da Imaginação*. Lisboa: Caminho.
- TEDLOCK, Dennis. 1999. Ideophone. *Journal of Linguistic Anthropology* 9 (1-2), 118-120.
- VALKHOFF, Marius. 1966. *Studies in Portuguese and Creole*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- VIDAL, Owen. 1852. Introductory remarks. In Crowther (ed.) *A Vocabulary of the Yoruba language*. London: Seeleys.
- VOELTZ, F. K. Erhard & KILIAN-HATZ, Christa (eds.). 2001. *Ideophones*. Amsterdam: John Benjamins.
- WATSON, Richard. 2001. A comparison of some Southeast Asian ideophones with some African ideophones. In Voeltz & Kilian-Hatz (eds.) *Ideophones*. Amsterdam: John Benjamins. 385-405.
- WESCOTT, Roger. 1977. Ideophones in Bini and English. *Forum Linguisticum* 2 (1), 1-13.
- WINFORD, Donald. 2003. *An introduction to contact linguistics*. Oxford: Blackwell.
- WHITEHEAD, John. 1899. *Grammar and Dictionary of the Bobangi Language*. London: Kegan Paul, Trench, Trübner and Co.
- WESTERMANN, Diedrich. 1905. *Wörterbuch der Ewe-Sprache*. Vol. I. Teil: Ewe-Deutsches Wörterbuch. II vols. Berlin: Dietrich Reimer (Ernst Vohsen).
- WESTERMANN, Diedrich. 1927. 1927b. *Die Westlichen Sudansprachen und ihre*

- Beziehungen zum Bantu*. Berlin: W. de Gruyter und Co.
- WESTERMANN, Diedrich. 1930. *A Study of the Ewe Language*. London: Oxford University Press.
- WILSON, William. 1961. *An outline of the Temne language*. London: University of London School of Oriental and African Studies.
- YAKPO, Kofi. 2009. *A Grammar of Pichi*. Berlin/Accra: Isimu Media.
- ZWICKY, Arnold & PULLUM, Geoffrey. 1987. Plain morphology and expressive morphology. In Aske, Beery, Michaelis, & Filip (eds.) *Proceedings of the Thirteenth Annual Meeting February 14-16, 1987: General Session and Parasession on Grammar and Cognition VII*, 330-340. Berkeley: Berkeley Linguistics Society.



# ANEXO 1 – IDEOFONES LISTADOS EM ARAÚJO & HAGEMELJER (2013)

fitxisêlu	<b>aze</b>	bôbô	<b>lalala</b>	liku	<b>sonosono</b>
vlêmê	<b>bababa</b>	finâ	<b>lekeleke</b>	pya	<b>sũũũ</b>
pya	<b>babaka</b>	finâ	<b>lelele</b>	flexku	
				lêdê	<b>tatata</b>
				tlêmê	
				vivu	
mlagu	<b>benfebenfe</b>	flôgô	<b>libaliba</b>	kloson	<b>tefitefi</b>
djina	<b>bixkôkô</b>	fumadu	<b>libita</b>	sela	<b>tententen</b>
		xa			
betu	<b>blalala</b>	kaba	<b>lolo</b>	mundjadu	<b>tĩĩĩ</b>
ba	<b>bligidi</b>	xa	<b>lôlôlô</b>	felu	<b>tõõõ</b>
				tezadu	
flêbê	<b>blublublu</b>	pletu	<b>lululu</b>	fede	<b>tũũũ</b>
mina	<b>bodobodo</b>	doxi	<b>menemene</b>	labadu	<b>txe</b>
sendê	<b>byololo</b>	moli	<b>mogomogo</b>	mlagu	<b>txeketxeke</b>
da son		zedon	<b>môlô</b>	fudu	<b>txetxetxe</b>
kulu	<b>dĩĩĩ</b>				
xa	<b>dududu</b>	pema	<b>mufuku</b>	bega	<b>txintxin</b>
		plêjida			
mulatu	<b>fããã</b>	vlêmê	<b>myamyamya</b>	djina	<b>txintxintxin</b>
blanku	<b>fenene</b>	luji	<b>myêgêmyêgê</b>	djina	<b>txitxi</b>
sola	<b>fliji</b>	zedu	<b>ndonkli</b>	dentxi	<b>upa</b>
bixi	<b>fyefyefye</b>	lêdidu	<b>ngêêê</b>	pobli	<b>vantenadu</b>
limpu					
djinga	<b>gidigidi</b>	wê	<b>ngenengene</b>	fla	<b>vonvon</b>
tlêmê					
lizu		solo mêdja	<b>ngwangwangwan</b>	xê	<b>vu</b>
têdu	<b>kankankan</b>				
zedu					

zulu					
ve	<b>ketekete</b>	filidu	<b>nhanhanha</b>	betu	<b>wan</b>
kota	<b>kla</b>	oso	<b>nkyonkyon</b>	kebla	<b>winiwini</b>
seku	<b>klakata</b>	betu	<b>nwa</b>	kabêsa	<b>wôlôwôlô</b>
bili		fili		novu	<b>xtlinki</b>
wê betu	<b>klan</b>	mina-fili	<b>petepete</b>		
wê					
kulu	<b>klani</b>	kaboka	<b>pipipi</b>	lêdê	<b>zazaza</b>
-	<b>klete</b>	lêdê	<b>pitxipitxi</b>	kebla	<b>zegezege</b>
		wê		pobli	
bila	<b>klongondo</b>	blaga awa-	<b>plaplapla</b>	tason	<b>zekete</b>
		wê			
mon	<b>kluklu</b>	kaba	<b>plepleple</b>	fela	
				kenta	<b>zuzuzu</b>
olha	<b>klukutu</b>	monha	<b>potopoto</b>	kentxi	
		sola			
fia		xa	<b>pu</b>		
fisadu	<b>kôkôkô</b>				
fyô					
pletu	<b>kongô</b>	limpu	<b>pyenepyene</b>		
dana	<b>kotokoto</b>	limpu	<b>pyepyepye</b>		
suzu					
da kebla	<b>kwakwakwa</b>	fla	<b>sasasa</b>		
dwentxi	<b>kwenkwenkwen</b>	kôlê	<b>sêlêlê</b>		

## ANEXO 2 – TRANSCRIÇÕES FONÉTICAS, POR IDEOFONE E POR FALANTE

IDEOFONE	1_ST	2_AP	3_FF
<b>aze</b>	a'zɛ	-	-
<b>bababa</b>	baba'ba	baba'ba	-
<b>babaka</b>	baba'ka	-	baba'ka
	baba'ka	-	-
	baba'ka	-	-
<b>benfebenfe</b>	bẽ'fɛbẽ'fɛ	-	'bẽfɛbe'fe
<b>bixkôkô</b>	bɨʃko'ko	bɨʃko'ko	-
	bɨʃko'ko	-	-
<b>blalala</b>	blala'la	blala'la	* <sup>54</sup> blala'la
<b>bligidi</b>	-	bligidi	-
<b>blublublu</b>	blublu'blu	blublu'blu	-
<b>bodobodo</b>	bɔ'dɔbɔ'dɔ	-	-
	bɔ'dɔbɔ'dɔ	-	-
<b>byololo</b>	bjɔlɔ'lo	-	-
<b>dĩ</b>	'dĩ:	'dĩ	'di:
	'dĩ:	'dĩ:	'dĩ:
<b>dududu</b>	-	-	-
<b>fãã</b>	'fẽ:	-	-
<b>fenene</b>	fɛne'ne	-	fɛne'ne
	fɛne'ne	-	-
	fɛne'ne	-	-
<b>fliji</b>	fli'ʒi	-	fli'ʒi
<b>fyefyefye</b>	fjɛfjɛ'fjɛ	fjɛfjɛ'fjɛ	fjɛfjɛ'fjɛ
<b>gidigidi</b>	gi'digi'di	-	-
<b>jiji</b>	ʒi'ʒi	ʒi'ʒi	'ʒiʒi

<sup>54</sup> O símbolo \* sinaliza os casos em que a transcrição, condicionada por ruído de fundo, locução sobreposta ou outros fenômenos, não foi considerada para efeitos de análise nesta dissertação.

<b>jikiti</b>	-	ʒiki'ti	-
<b>kankankan</b>	kẽkẽ'kẽ	-	-
<b>ketekete</b>	kɛ'tɛkɛ'tɛ	*kɛðɣe'tɛ	kɛ'tɛkɛ'tɛ
<b>klakata</b>	-	klaka'ta	-
<b>kla</b>	'kla	'kla	-
<b>klan</b>	'klɛ	'klɛ	*'klɛ
<b>klani</b>	'klani	'klɛni	'klani
<b>klongondo</b>	klõgõ'do	-	-
<b>kluklu</b>	klu'klu	-	-
<b>klukutu</b>	kluku'tu	kluku'tu	-
<b>kôkôkô</b>	koko'ko	koko'ko	koko'ko
<b>kongô</b>	kõ'go	-	'kõgo
	'kõgu	-	-
<b>kotokoto</b>	kɔ'tɔkɔ'tɔ	-	-
	kɔ'tɔkɔ'tɔ	-	-
<b>kwakwakwa</b>	kwakwa'kwa	kwakwa'kwa	-
<b>kwenkwenkwen</b>	kwẽkwẽ'kwẽ	-	-
<b>lalala</b>	lala'la	lala'la	lala'la
<b>lekeleke</b>	le'kele'ke	-	-
<b>lelele</b>	lele'le	-	lele'le
<b>libaliba</b>	'liba'liba	-	-
<b>libita</b>	'libita	-	-
<b>lolo</b>	-	lo'lo	-
<b>lôlôlô</b>	-	-	lolo'lo
<b>lululu</b>	lulu'lu	lulu'lu	-
<b>menemene</b>	-	mɛ'nɛmɛ'nɛ	mɛ'nɛmɛ'nɛ
<b>mogomogo</b>	-	-	mo'ɣomo'ɣo
<b>môlô</b>	-	*mo'lo	*bo'lo
<b>mufuku</b>	-	mufu'ku	-
	-	mufu'ku	-
<b>myamyamya</b>	-	-	-

<b>myêgêmyêgê</b>	'mjɛgemjɛ'ɣɛ	'mjɛɣɛ'mjɛɣɛ	-
<b>ndonkli</b>	'ndõkli	-	-
<b>ngêê</b>	-	-	-
<b>ngenegene</b>	ngê'nêge'nê	ge'nêge'ne	-
<b>ngwangwangwan</b>	-	-	-
<b>nhanhanha</b>	-	-	-
<b>nkyonkyon</b>	-	-	-
<b>petepete</b>	-	-	*pɛ'tepe'te
<b>pipipi</b>	-	-	pipi'pi
<b>pitxipitxi</b>	-	pi'dzɪpi'dzi	-
<b>plaplapla</b>	plapla'pla	-	-
<b>plepleple</b>	-	plɛple'plɛ	-
<b>potopoto</b>	po'topo'tɔ	pɔ'topɔ'tɔ	pɔ'tɔpɔ'tɔ
<b>pu</b>	'pu	-	-
	'pu	-	-
<b>pyenepyene</b>	-	-	pe'nepe'ne
<b>pyepyepye</b>	pjɛpjɛ'pjɛ	pjɛpjɛ'pjɛ	-
<b>sasasa</b>	-	-	-
<b>sonosono</b>	sɔ'noso'nɔ	sɔ'nõsɔ'nɔ	so'nɔso'nɔ
<b>sũũ</b>	'sũ:	'sũ:	-
	'sũ:	-	-
	'sũ:	-	-
<b>tatali</b>	'tatali	'tatali	tata'li
<b>tatata</b>	tata'ta	-	tata'ta
<b>tefitefi</b>	'tefte'fi	te'fite'fi	'tef'tef
<b>tententen</b>	têtê'têj̃	-	-
	têtê'têj̃ɪ	-	-
<b>tũ</b>	'tĩ:	-	-
<b>tũũ</b>	'tũ:	-	-
<b>tõõ</b>	'tõ:	-	'tõ:
	-	-	'tõ:

<b>tuntuntun</b>	tũtũ'tũ	-	-
<b>txeketxeke</b>	tʃɛ'ketʃɛ'kɛ	'tʃɛkɛ'tʃɛkɛ	tʃɛ'ketʃɛ'kɛ
<b>txetxetxe</b>	tʃɛtʃɛ'tʃɛ	-	-
<b>txintxintxin</b>	-	-	-
<b>txitxi</b>	tʃĩ'tʃĩ	tʃĩ'tʃĩ	-
<b>upa</b>	'upa	-	-
<b>vantenadu</b>	vẽte'nadu	-	-
<b>vonvon</b>	võ'võ	-	võ'vwõ
	võ'võ	-	-
<b>vu</b>	'vú	'vú	-
	-	'vú	-
	-	'vú	-
<b>wan</b>	'wã	-	u'ẽ:
	ũ'ẽ	-	-
<b>winiwini</b>	'winiwi'ni	-	-
	wi'niwi'ni	-	-
<b>wôlôwôlô</b>	-	-	-
<b>xelele</b>	-	-	ʃɛɛ'le
<b>xtlinki</b>	ʃ'tlĩki	ʃ'trĩki	*ʃklĩ'ki
	ʃ'tlĩki	-	-
<b>zazaza</b>	zaza'za	-	'za'za'za
<b>zegezege</b>	'zɛʏɛze'ʏɛ	zɛ'gɛzɛ'gɛ	zɛ'ʏɛze'ʏɛ
<b>zekete</b>	zɛkɛ'tɛ	zɛkɛ'tɛ	-
	zɛkɛ'tɛ	-	-
<b>zuzuzu</b>	zuzu'zu	zuzu'zu	zuzu'zu
<b>TOTAL (TOKENS)</b>	84	41	33

### **ANEXO 3 – LISTA DE LÍNGUAS E RESPETIVA FILIAÇÃO GENEALÓGICA E LOCALIZAÇÃO**

**Baka** (Central Sudanic (Bongo-Bagirmi): Sudão)

**Balinês** (Austronesian (Malayo-Sumbawan): Indonésia)

**Chewa** (Níger-Congo (Bantoid): Malawi)

**Chitumbuka** (Níger-Congo (Bantoid): Malawi)

**Coreano** (Korean (Korean): Coreia do Norte, Coreia do Sul)

**Didinga** (Nilo-Saharan (Surmic): Sudão)

**Edo** (Níger-Congo (Edoid): Nigéria)

**Estónio** (Uralic (Finnic): Estónia)

**Ewe** (Níger-Congo (Kwa): Togo, Gana)

**Finlandês** (Uralic (Finnic): Finlândia)

**Fula** (Níger-Congo (Northern Atlantic): Senegal)

**Gbeya** (Níger-Congo (Gbaya-Manza-Ngbaka): República Centro-Africana)

**Hausa** (Afro-Asiatic (West Chadic): Nigéria)

**Ilocano** (Austronesian (Northern Luzon): Filipinas)

**Kambera** (Austronesian (Central Malayo-Polynesian): Indonésia)

**Katwana** (Cariban, Waiwai: Suriname, Brasil)

**Kikongo** (Níger-Congo (Bantoid): República Democrática do Congo)

**Kisi** (Níger-Congo (Mel): Serra Leoa, Libéria)

**Kivunjo-Chaga** (Níger-Congo (Bantoid): Tanzânia)

**Limbang** (Níger-Congo (Bantoid): Camarões)

**Mundang** (Níger-Congo (Adamawa): Chade)

**Ndyuka** (Crioulo de base lexical inglesa: Guiana Francesa)

**Ngombe** (Níger-Congo (Bantoid): República Democrática do Congo)

**Nigerian Pidgin English** (Crioulo de base lexical inglesa: Nigéria)

**Pastaza Quechua** (Quechuan (Quechuan): Equador)

**Pichi** (Crioulo de base lexical inglesa: Guiné Equatorial)

**Setswana** (Níger-Congo (Bantoid): Botsuana)

**Shona** (Níger-Congo (Bantoid): Zimbabué)

**Siwu** (Níger-Congo (Kwa): Gana)

**Sranan** (Crioulo de base lexical inglesa: Suriname)

**Sre** (Austro-Asiatic (Bahnaric): Vietname)

**Suaíli** (Níger-Congo (Bantoid): Tanzânia)

**Temne** (Níger-Congo (Mel): Serra Leoa)

**Wolaiita** (Afro-Asiatic (North Omotic): Etiópia)

**Yir-Yoront** (Pama-Nyungan (Northern Pama-Nyungan): Austrália)

**Zulu** (Níger-Congo (Bantoid): África do Sul)